

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

PROCESSOS EDUCATIVOS E A FORMAÇÃO DA VIRTUDE CIDADÃ

Carlos Roberto Sabbi

Caxias do Sul
2012

Carlos Roberto Sabbi

PROCESSOS EDUCATIVOS E A FORMAÇÃO DA VIRTUDE CIDADÃ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Nilda Stecanela

Coorientador:

Prof. Ph. D. Jayme Paviani

Caxias do Sul
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S114p Sabbi, Carlos Roberto, 1956-
Processos educativos e a formação da virtude cidadã / Carlos
Roberto Sabbi. - 2012.
112 p. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
“Orientação: Prof. Dr.ª. Nilda Stecanela, co-orientação: Prof. Dr.
Jayme Paviani”

1. Educação – Filosofia. 2. Ética – Ensino. 3. Virtudes. 4.
Cidadania - Educação. I. Título.

CDU 2.ed.: 37.01

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação - Filosofia	37.01
2. Ética - Ensino	17.021.2
3. Virtudes	172.13
4. Cidadania - Educação	37.017.4

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Cleoni Cristina G. Machado – CRB 10/1355



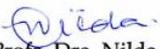
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
"Processos educativos e a formação da virtude cidadã"

Carlos Sabbi

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 02 de maio de 2012.

Banca Examinadora:


Prof. Dra. Nilda Stecanela
Universidade de Caxias do Sul


Prof. Dr. Evaldo Antonio Kuiaya
Universidade de Caxias do Sul


Prof. Dr. Jayme Paviani
Universidade de Caxias do Sul


Prof. Dr. Valdir Pretto
Centro Universitário Franciscano

CIDADE UNIVERSITÁRIA
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.ucs.br
Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

Dedico a minha família pela compreensão, apoio e amor.

À Silvana Filippin, meu amor, pela essência mais linda e pura que me envolve, transforma e me emociona.

À Prof.^a Fabiana Branchini pela amizade, paciência e extrema competência.

À Prof.^a Dr.^a Nilda Stecanela, minha orientadora, pela sabedoria, pelos ensinamentos, pelo carinho e incentivo.

Ao Prof. Ph. D Jayme Paviani, meu coorientador, pelos inestimáveis conhecimentos e pela inspiração.

“Por meio da escolha certa e da adequada aplicação do pensamento, o homem ascende à Perfeição Divina.”
(James Allen).

RESUMO

A partir da análise do contexto ético na formação dos indivíduos e sob a necessária ótica cidadã, identifica-se um ambiente de extrema competitividade, muito surgindo como um dos principais motivos do comportamento predominante, muito distante da virtude. Para compreender a própria virtude, aprofunda-se um diálogo com seus conceitos, desde Platão, abordando seu ensino, os aspectos morais e intelectuais, a consciência e as palavras. A percepção clara dos atos virtuosos é identificada como uma deficiência, além do fato de prevalecerem vários outros interesses, distantes de um comportamento ético. Os efeitos provocativos de uma linguagem ativa e incisiva, especialmente no ato da fala, foram pesquisados, especialmente nos ambientes religioso e político, e se constatam implicações muito sérias sob a ótica da ética. Impressionante, também, é a carência de obras abordando esses aspectos como se esse contexto fosse inexpressivo. A felicidade é abordada como uma possibilidade consequente das posturas éticas, notadamente quando são coletivas. Enquanto se discute se a ética é uma ciência ou não, o fato de o seu objeto ser o bem e o mal e de que seu objetivo é a felicidade, não se encontraram opositores. A pesquisa do comportamento histórico do indivíduo leva à conclusão de que esse tipo de assunto fica mais no plano contemplativo, das ideias, do que na conduta prática diária. A decorrência é a flagrante distorção de valores, levando a uma busca equivocada da felicidade através do poder e do dinheiro. O objetivo deste trabalho é identificar a necessidade de a educação incorporar o ensino da virtude, como caminho para uma cidadania mais ampla e um sentimento de felicidade mais presente. As conclusões fundamentadas trazem a possibilidade de resultados concretos e efetivos para o aperfeiçoamento da vida, através da introdução da ética nos processos educativos. A proposta da disciplina consiste no esforço da educação para a formação do caráter, das habilidades, dos conhecimentos, dos poderes intelectuais e linguísticos, além do cultivo da sensibilidade para com a virtude, desde a Educação Básica até a Superior, como uma disciplina transversal e obrigatória a todos os cursos. Finalmente, se conclui que, além de todos os aspectos abordados, de nada adianta o conhecimento e a educação sem uma atitude efetiva. E o desafio é: o que e como fazer acontecer, um imperativo, um predicado para transformar o plano das ideias numa realidade a ser efetivamente vivenciada por todos.

Palavras-chave: Atitude. Cidadania. Educação. Ética. Virtude.

ABSTRACT

From an analysis of the ethical context in the training of individuals, under the necessary citizen perspective, it is possible to identify an environment of extreme competition, emerging as one of the main reasons for the prevailing behavior, far from virtue. To understand the virtue itself, one deepens into a dialogue within their concepts, since Plato, addressing his teaching, moral and intellectual aspects, as well consciousness and words. A clear understanding of virtuous deeds is identified as a deficiency, besides the fact that several other interests prevail, far from an ethical behavior. The provocative effects of an active and incisive language, especially in speech, were investigated, mainly in religious and political environment, and it stands out serious implications from the perspective of ethics. It is also impressive the shortage of works addressing these aspects, as if this context was meaningless. Happiness is discussed as a possibility resulting of ethical stance, particularly when collective. While discussing whether ethics is a science or not, the fact that its object is good and evil and that his goal is happiness, there was no opposition. The research of the historical behavior of the individual leads to the conclusion that this issue is more contemplative in the ideas, than in the conduct of daily practice. The result is a flagrant distortion of values, leading to a misguided search for happiness through power and money. The aim of this study was to identify the need for education to incorporate the teaching of virtue, as a path to citizenship and a broader sense of happiness. The findings bring the possibility of concrete and effective results for the improvement of life through the introduction of ethics in educational processes. The proposal of the discipline is the effort of education to form character, skills, knowledge, language and intellectual powers, besides the cultivation of sensitivity to virtue, from basic to higher education as a cross-sectional discipline and compulsory to all courses. Finally, it is concluded that in addition to all the points raised, knowledge and education are useless without an effective approach. It is the challenge of what and how to make it happen, an imperative, a predicate to change the plan of ideas into reality to be experienced for everyone.

Keywords: Attitude. Citizenship. Education. Ethics. Virtue.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hierarquia das necessidades de Maslow	60
Figura 2 – Fórmula tradicional das competências	94
Figura 3 – Fórmula atualizada das competências	95
Figura 4 – Fórmula atualizada das competências incluindo a ética	96
Figura 5 – Edital de concurso público no Município de Vila Rica	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População residente – Brasil 1900/2000	20
Gráfico 2 – Percentual de crescimento das indústrias em relação à população	21
Gráfico 3 – Evolução proporcional das empresas em relação aos consumidores	22
Gráfico 4 – Projeção da competitividade	23
Gráfico 5 – Total de MPEs (Indústria, Comércio e Serviços)	24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – População residente no Brasil	20
Quadro 2 – Número de estabelecimentos industriais	21
Quadro 3 – Plano de estudos de Platão	75
Quadro 4 – Vetores transformadores da realidade	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O CONTEXTO ÉTICO NA FORMAÇÃO	16
2.1 A ética no contexto histórico	17
2.2 A ética no contexto atual.....	19
3 O CONCEITO DE VIRTUDE	26
3.1 O conceito e a ação moral	27
3.2 As virtudes morais	28
3.3 As virtudes intelectuais, a consciência e a linguagem	30
4 ÉTICA E LINGUAGEM.....	32
4.1 O verbo em ação	33
4.2 O fanatismo	36
4.3 As “Loucuras” e os suicídios em massa	39
4.4 Delírios coletivos e o discurso qualificado	43
4.5 A ética e a linguagem	46
4.6 A fala e a virtude.....	49
4.7 A felicidade e a virtude.....	51
5 POSTURAS E VALORES ÉTICOS	53
5.1 Conceitos <i>versus</i> pensamentos.....	54
5.2 A filosofia, a ética e a história	55
5.3 A ética, a razão e a felicidade.....	57
5.4 A ética, as necessidades e os valores.....	58
5.5 A ética e a contemplação.....	61
5.6 O comportamento e a ética.....	62
6 OS PROCESSOS EDUCATIVOS E A ÉTICA	67
6.1 O ensino sob a ótica de Platão	70
6.2 O humano e a transformação da ética em disciplina	75
6.4 A felicidade e o sucesso	79
6.5 O mercado	82
6.6 A ética como disciplina escolar	84
6.6.1 Vetores para a transformação da atual realidade	86

6.6.2 A importância da modelagem	89
7 A FORMAÇÃO ÉTICA E ATITUDES.....	92
7.1 Os três mundos	93
7.2 A fórmula para medir competências	94
7.3 Fazer acontecer	96
7.4 Como fazer acontecer.....	100
8 CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS.....	106

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação integra a Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul.

A pergunta orientadora do estudo indagou se é possível desenvolver a virtude cidadã no indivíduo. Num ambiente de alta competitividade os valores materiais, a ânsia pelo poder e coisas desse gênero formam o contexto onde se investigou se mesmo num ambiente assim haveria a possibilidade de existir uma virtude cidadã. Essa questão é decorrente do projeto inicial de pesquisa, no intuito de investigar qual ou quais os conceitos de virtude e da ética na interface com a educação. As intenções da pesquisa transitaram pela busca da relação entre a ética e o sentimento de felicidade.

O desenvolvimento desse projeto centrou-se em pesquisa bibliográfica específica (método) nas produções de vários pensadores e autores, centrando-se em Aristóteles, Paulo Freire e Platão.

Muitos outros autores foram consultados e alimentaram a reflexão, como por exemplo, Manfredo Oliveira, John Rawls, Jayme Paviani, e Evilázio Teixeira, ampliando as compreensões sobre a temática da pesquisa, chegando a quase uma centena desses pensadores examinados. Foi um amplo diálogo para construir argumentos em direção à discussão e a defesa de tornar a ética uma disciplina obrigatória, além de investigar quais os efeitos que poderiam influenciar na formação do cidadão.

Como uma pessoa pode assumir uma virtude cidadã se nem sequer conhece o conceito da virtude? Conhecer o conceito, contudo, não garante nenhuma evolução comportamental, mas os seus estudos, o estabelecimento e relações com vivências, com casos, pode contribuir para uma postura mais refinada. Foi com estas motivações que a pesquisa foi desenvolvida.

Somente trazer a ética no momento da formação acadêmica é uma forma de estrutura educativa equivocada. Essa afirmativa também foi uma busca na construção de respostas ao problema de pesquisa posto.

O objeto desta dissertação foi da mesma forma que é para a ética, o bem e o mal, ou seja, o contexto. O objetivo foi de averiguar quanto à possibilidade de se

ampliar o entendimento da ética, aprimorar posturas e de como fazê-lo. O problema é como num ambiente de alta competitividade formar uma virtude cidadã.

Estruturou-se a dissertação, além da introdução e conclusão, em 8 capítulos. No segundo capítulo se abordou o contexto ético na formação, pesquisando a ética em seu contexto histórico e a problemática atual. No terceiro se buscou o conceito de virtude, explorando as afirmativas dos autores quanto ao ato moral, o ensino da virtude por Platão, as virtudes morais e as virtudes intelectuais, a consciência e a linguagem. No capítulo quarto, reservou-se um capítulo específico sobre a ética e a linguagem, após verificarem-se as amplas e significativas implicâncias da fala, os fanatismos por ela provocada, incluindo-se aí até mesmo casos de loucuras e de suicídios em massa, verdadeiros delírios coletivos e o poder do discurso qualificado. Também se dialogou com alguns pensadores sobre o tema: ética e a linguagem, a fala e a virtude e por fim, a felicidade e a virtude. Posturas e valores éticos foi o tema do capítulo cinco. Nesse ponto se caminhou ao encontro dos principais conceitos e pensamentos, juntando as definições da filosofia e a ética na história, a ética a razão e a felicidade, as necessidades éticas e os valores, e a ética com a contemplação e o comportamento. Já no sexto capítulo, abordou-se a formação ética do cidadão, resgatando a ótica de Platão sobre o ensino e para finalmente inserir a proposta concreta de inserir a ética como disciplina, desde o primeiro ano do ensino fundamental, de forma contínua, passando pelo ensino médio e até o ensino superior. As transformações do ser humano, o conceito de felicidade e de sucesso, o contexto do mercado, a própria ética como disciplina escolar, incluindo-se inclusive possíveis vetores transformacionais e a importância dessa modelagem proposta, concluem esse tópico. O sétimo capítulo, fechando a estruturação da dissertação, teve a denominação de “A formação ética e as atitudes”. Foi nele que se trouxe a ótica dos três mundos: o das ideias e outro onde as coisas acontecem. Entre eles há outro mundo, que é a semente da própria vivência, o qual transforma em ação o mundo das ideias. Uma proposta atualizada para se medir as competências profissionais, com um debate do que e como fazer acontecer, concluem a estrutura da dissertação.

Para não ficar apenas na contemplação de toda essa reflexão, o trabalho encerra demonstrando a preciosidade e a profundidade que há no fazer acontecer – a atitude – para provocar ou inspirar as pessoas a se mobilizarem com a proposta. Essa energia que, em boa parte das vezes, parece ser inata, não foi difícil concluir

quanto a suspeita de tratar-se de uma energia divina. O fato é que o mercado, hoje, mais do que nunca, valoriza de forma diferenciada essa competência.

Atualmente, mais do que em qualquer outro momento, pode-se concluir que a vida das pessoas e das organizações seria muito melhor se o agir ético¹ estivesse num patamar mais elevado. Se fosse assim, os envolvidos estariam mais próximos da felicidade, os resultados seriam melhores, além do que haveria uma qualidade mais apurada, se a ética estivesse mais presente na vida de todos.

Apenas como um exercício de imaginação – não que isso seja objeto deste trabalho –, considere, mesmo que utopicamente, desembarcar num outro mundo onde a cultura² fosse *dar* (utopia imaginada) ao invés de *ter* (a nossa realidade). Talvez o sofrimento humano fosse outro e até num nível semelhante, mas que se compreenda o quadro proposto, em que os movimentos seriam todos de aproximação. Paradoxalmente, em nossa realidade, a maior parte dos atos humanos leva ao distanciamento entre as pessoas, em decorrência da predominância do egoísmo.³ Será que nessa fantasia proposta o próprio sentimento de egoísmo não se esvaziaria? Será que a predominância do dar não levaria a atitudes de extrema gentileza? E será que a qualidade de vida não seria caprichosamente tênue e virtuosa, levando as pessoas a um patamar de sensibilidade mais apurado, provocando uma evolução mais acelerada do intelecto, produzindo resultados organizacionais mais efetivos e proporcionando um padrão de bem-estar e felicidade maior?

O que é possível produzir é aperfeiçoar a nossa cultura através da introdução da faculdade dos valores verdadeiros⁴ em todos os espaços da vida.

Portanto, essa é a caminhada que me trouxe até aqui, para defender a introdução da ética da virtude num nível mais elevado, através da difusão da disciplina de “Ética” desde o primeiro ano do Ensino Básico até o Ensino Superior. Seria uma variável, possivelmente a principal, para transformar a cultura humanista, elevando seu padrão comportamental.

¹ Nível ético como padrão de comportamento, especialmente, de atitudes.

² Conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, etc., que distinguem um grupo social; forma ou etapa evolutiva das tradições e dos valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); civilização. (*Dicionário Houaiss*, 2009).

³ No sentido da preocupação apenas com o *eu*; a predominância do desejo permanente de querer levar vantagem em tudo em detrimento dos demais valores.

⁴ Entende-se por valores verdadeiros o conjunto de atributos da virtude.

Muito além de uma pesquisa teórica, a intenção foi buscar, nas questões básicas da filosofia, a chave para que este trabalho possa demonstrar, primeiramente, a necessidade e, também, mas não menos importante, a significância que se pode introduzir na cultura dos cidadãos e das organizações, através da virtude.⁵ Pode-se, então, falar dela como sendo a *virtude cidadã*. Para falar, demonstrar e explicar sobre a virtude, em capítulo específico, se fará uma ampla exposição.

A consequência, ao se introduzir um espaço maior para a virtude nessa nova cultura proposta, certamente, qualificará e dará excelência ao homem,⁶ ao cidadão e às organizações, como poderá ser comprovado no desenvolvimento desta obra.

Como se chegou até aqui e como se explica esse nível acentuado de competitividade, além da indagação acerca do que se pode prever do futuro fazem parte do problema em foco. Num mundo de competitividade como o da educação, pode-se desenvolver a *virtude cidadã*⁷ no indivíduo?

Esse trabalho apresenta relevâncias, primeiramente, sob a ótica pedagógica, já que ele poderá representar uma legítima revolução nos seus fundamentos e uma consequente melhoria no comportamento humano. Sob a ótica científica, a prática dessa pedagogia aprimorada trará, além da teoria, o exercício de novas posturas que poderá ser repetido, sempre demonstrando um resultado mais qualificado nas relações humanas. É onde entra o aspecto social, dados os efeitos de reordenação dos valores e das posturas, com um inevitável polimento relacional, situando a gentileza numa realidade mais presente e provocando um sentimento de felicidade maior do que hoje a humanidade experimenta.

Aqui se elaborou um convite para os investidores elegerem a alma como a principal aplicação. Aqui se construiu um apelo para redefinir o valor da amizade,

⁵ A virtude de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade (no sentido normativo da palavra). (COMTE-SPONVILLE, 1999).

⁶ A) Quanto ao bem, ele só existe na pluralidade irreduzível das boas ações, que excedem todos os livros, e das boas disposições, também elas plurais, mas sem dúvida menos numerosas, que a tradição designa pelo nome de virtudes, isto é (este é o sentido em grego da palavra *arete*, que os latinos traduziram por *virtus*), de excelências.

B) A excelência do homem deve ser entendida como uma condição especial de caráter que por sua vez é um conjunto de traços psicológicos e/ou morais que caracterizam o indivíduo. Além disso, contém a virtude, a conformidade com o bem, a excelência moral ou de conduta, atitudes corretas e desejáveis, a maestria pessoal e profissional, a gentileza, a continência amorosa, a compaixão e todos os sentimentos espirituais. (COMTE-SPONVILLE, 1999).

⁷ *Virtude cidadã* é a expressão com a qual se pretende definir a virtude como um direito e um dever a ser exercitado pelas pessoas de forma a se estabelecer um patamar mais refinado da convivência entre os seres.

para trazer para o presente a compaixão, eleger como o principal marketing a verdade, cuidar do planeta como uma extensão do próprio corpo, buscar a transparência de tudo, especialmente do ar e da água. Refinar os pensamentos, alargar o sorriso, apertar os laços que entrelaçam os nossos relacionamentos, abraçar mais, beijar mais, fazer da gentileza um predicado de comportamento, ampliar o nível de tolerância, eliminar qualquer tipo de discriminação e, mais do que tudo, amar. Descobrir ou redescobrir que amamos todas as pessoas, fazendo desse discernimento a principal razão para amar tudo e todos, iniciando uma compreensão de que o ser humano tem o mesmo valor e importância dos demais componentes da vida. Da mesma forma como fomos capazes de acabar com a escravidão humana, haveremos de eliminar a escravidão animal, vegetal e mineral.

Pretendeu-se que esta reflexão pudesse vir a contribuir para o surgimento de atitudes efetivas na direção da valorização real da educação. Maslow (2001) abriu mão da viabilidade de melhorar o mundo, de melhorar o ser humano por meio da psicoterapia individual e se voltou para a educação como sendo uma maneira de abranger todas as pessoas.

Historicamente, a educação tem tido algumas dificuldades para sair dos discursos para a prática. Quando consegue, nem sempre chega ao cidadão da forma como deveria. O próprio ensino técnico, mesmo sendo interessante e útil, existe para atender mais aos interesses capitalistas do que à própria educação em si. Desse modo, a sua utilidade é parcial.

Aprendi que realmente é possível introduzir a ética na vida das pessoas, através de processos educativos e construir um cidadão mais refinado. Com essa certeza posso dizer que agora posso tratar essa questão de forma profissional e dividi-la com alunos e concidadãos.

A relevância deste trabalho está na demonstração da possibilidade de se construir um mundo melhor, formando cidadãos com virtudes e atuando na direção verdadeira da felicidade.

Será que chegará o momento em que resgataremos nossa dignidade divina, e que ninguém mais conseguirá nos induzir a valorizar coisas fúteis como o materialismo, o status, o poder e tudo que o mercado distorceu? Sim, essa é uma pergunta, talvez a mais crucial sobre o tema deste trabalho.

Se acontecer, será um novo tempo: o Sol nascerá e brilhará para todos, indistintamente, aquecendo e iluminando as almas.

2 O CONTEXTO ÉTICO NA FORMAÇÃO

“Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.” (Paulo Freire).

Estamos inseridos num universo de labirintos conceituais a respeito do que deve, merece e pode ser feito, e o contrário também é verdadeiro, é lógico. Tudo isso a respeito do que é ou não merecedor de crédito para nos levar à condição de sucesso. Sucesso pressupõe êxito, triunfo, resultado bom. Nada contra essa definição de sucesso. Mas quais são os objetivos? O que o ser humano almeja ou o que ele mais deseja?

Para responder a essas indagações, não é necessária nenhuma pesquisa, pois a evidência é tão grande e óbvia. Por consequência, resta dizer que seja ela qual for a resposta, estará ligada a questões materiais ou de poder.

A grande massa populacional é objeto de manobra dos poderosos, dos grandes capitalistas ou, em última e talvez melhor análise, do mercado. Isso é plenamente compreensível sob a ótica da razão e compreensão da lógica do processo de poder e das relações econômico-financeiras. Portanto, sendo inevitável, a crítica a esses processos sempre será relativa, porque, mesmo sendo objeto de manobra, é comum identificar-se, em grupos pesquisados, que a maioria dos seus pais, na idade deles, estava em termos de condições financeiras e de qualidade de vida, de forma geral, piores. Assim, é possível concluir que, se as condições melhoraram, todos estão se beneficiando de algum progresso material. Porém, por outro lado, isso não exime a possibilidade de crítica aos poderosos, pois é óbvio que eles também estão numa condição muito melhor e se beneficiando, de forma proporcional, ainda mais.

Saliente-se que este texto não será um espaço de críticas ao trabalhador, ao patrão, ao grande capitalista ou a qualquer outro poderoso ou não, porque tudo faz parte do conjunto de elementos que a sociedade construiu, onde todos têm méritos e culpas. A análise é apenas um processo de construção da demonstração do conjunto desses processos que nos conduzem ao poder ou ao financeiro, isto é,

para lugar nenhum em termos de virtude,⁸ em detrimento dos valores verdadeiros, em prejuízo daquilo que o homem realmente deseja para si – a felicidade. Portanto, somos enganados por nós, pelo contexto e pelo mercado e, se os poderosos têm muito comando sobre tudo isso, a conclusão da manipulação por parte desses, em decorrência, é patente. Outra dedução, após essa breve análise, é que vivemos, portanto, uma ilusão. É enganoso querer bens materiais ou poder e pensar que isso nos trará felicidade. Confúcio já dissera 550 a. C. a 479 a. C., citado por Zhou, (2009, p. 22), que a riqueza e a alta posição são como nuvens efêmeras.

Embora existam inúmeras outras afirmativas tradicionais de grandes pensadores da história da humanidade sobre a importância da virtude, as pessoas não têm dado ouvidos a ela, pois, se ouvissem, teríamos um padrão comportamental diferenciado do atual, e a competitividade que se vive não geraria esse estresse avassalador no ser humano. Além disso, se dessem ouvidos, é até possível imaginar que a própria competitividade não existiria e, se existisse, não seria nesse nível tão elevado.

As virtudes cardeais platônicas que são a coragem, a temperança, a sabedoria e a justiça não têm sido usadas pelo ser humano a favor da sua espécie. A inteligência cognitiva tem produzido maravilhas nos mais variados campos da ciência, mas não conseguiu traduzir as palavras desses mestres, ao menos até hoje, no plano efetivo, no nível prático. Não seria o caso da falta de desenvolvimento de uma inteligência espiritual ou emocional?

Tzu-chang, um dos discípulos de Confúcio (551-479 a. C.) disse que se um homem não consegue se agarrar à virtude com todas as suas forças nem acreditar no caminho com todo o coração, como se pode dizer que ele tem alguma coisa ou que não tem nada?

2.1 A ética no contexto histórico

Desde os primórdios, o homem pensa e teoriza sobre a ética. Porém, ela sempre ocupou espaços reservados e nunca se popularizou.

⁸ Além do capítulo específico que tratará da virtude, é oportuno acrescentar que virtude é toda e qualquer boa atitude, mas, nessa linha de definição ampla, o entendimento e a direção do que se deseja conceituar sobre virtude é no sentido de que ela é uma palavra que guarda o sentimento de coisas boas e do que há de mais valor na acepção *pura* e simples da palavra, ou seja, sem mancha ou nódoa, imaculado, limpo. Puro, do latim *purus*, no Dicionário Houaiss (2009) é algo que transmite paz, enlevo, sublimidade, que é tranquilo, suave, mavioso.

Entre a Idade Média e a Moderna, o italiano Nicolau Maquiavel (VIROLI, 2002) rompe com a moral cristã, que impõe os valores espirituais como sendo superiores aos políticos. Defende a adoção de uma moral própria em relação ao Estado. O que importa são os resultados e não a ação política em si.

Muito embora se reconheça a importância e a profundidade do pensamento inovador de então, de Maquiavel, é inconcebível a predominância dessas ideias⁹ nos dias atuais, em nome do resultado em detrimento da integridade dos valores fundamentais da vida – da virtude.

A perspectiva evolutiva da humanidade pode ser aprimorada, desde que o gosto pela filosofia e, em especial, a importância das questões sob a ótica da ética ocupem um espaço mais generoso no pensamento individual e global. Porém, uma reflexão mais profunda do que seja a ética, em realidade sobre a virtude, torna-se fundamental, desde os primeiros anos de vida do ser humano, de forma que o prisma de uma vida plenamente material seja gradativamente modificado, para que haja, pelo menos, a predominância de padrões de equilíbrio entre o *ter* e o *ser*. Somente dessa forma, se poderá fomentar uma nova cultura, onde, efetivamente, o ser humano possa se encontrar com resultados empresariais somados com resultados evolutivos pessoais efetivos.

Mas pelo que já foi dito e, não sendo assim – um mundo de predominância das virtudes –, atualmente, o ser humano vive a plenitude do conflito e efetivamente ele não é feliz, o que pode ser constatado notadamente, entre outros aspectos, pelo elevado índice de tentativas e de sucessos de ações suicidas – como, por exemplo, a situação dos bancários, posto que, a cada 20 dias, um comete suicídio,¹⁰ numa clara demonstração, que há uma desordem emocional.

⁹ Ideias – como, por exemplo, a de que os fins justificam os meios, salvo se os fins são éticos, o que pressupõe que os meios também o sejam, o que anula a afirmativa por si própria.

¹⁰ Em média, entre 1993 e 2005, pelo menos um bancário cometeu suicídio a cada 20 dias, estimando-se uma ocorrência diária de tentativa (não consumada) durante todo o período, conforme comprovou Santos (2009) em sua Dissertação *Patologia da solidão*, entregue à Universidade de Brasília. **Suicídio mata mais que violência urbana e guerras, diz a Organização Mundial da Saúde (OMS).**

Quase um milhão de pessoas põe fim à própria vida todos os anos, mais que o total de pessoas que morrem em assassinatos ou vítimas de guerra. Dados da OMS mostram que ocorre um suicídio em alguma parte do Planeta a cada 40 segundos. As estatísticas são mais altas nos países bálticos e na Europa oriental, já que cerca de quarenta pessoas em cada 100 mil se matam a cada ano. “Suicídio é um importante problema de saúde pública e representa 1,5% do custo total das doenças para a sociedade”, disse José Bertolote, especialista em saúde mental da OMS. A maioria dos suicídios é praticada por homens, mas as mulheres são as que mais tentam tirar a própria vida. Estima-se que de 10 milhões a 20 milhões de pessoas tentem suicídio a cada ano. A região com menor incidência de suicídios é a América Latina. Segundo dados da OMS, a incidência de suicídios no Brasil, em

Esses comentários, em especial sobre a virtude, neste momento, servem apenas para iniciar a inserção do tema no contexto, pois, no próximo capítulo – o da virtude –, tratar-se-á de forma completa e demonstrativa. Da mesma forma, o capítulo sobre a ética aprofundará o assunto, procurando a medida exata quanto ao significado, à importância e à possível utilidade prática. Para completar a visão dessa construção da leitura do contexto, o capítulo sobre a cidadania concluirá o quadro. Já no capítulo sobre os processos educativos, se tratará da viabilidade dos processos pedagógicos com a inclusão da virtude, através da ética como disciplina. A propósito, desde já, deve ficar muito claro que sempre a virtude deverá ser tratada a partir de seu aspecto moral. Porém, como se verá, a grande utilidade atual é empregada como um diferencial comportamental e competitivo.

2.2 A ética no contexto atual

Entender todo esse grande contexto: como se chegou até esse quadro e até mesmo aonde se poderá ir é fundamental para uma análise, ou seja, um estudo detalhado de cada parte de um todo, para conhecer melhor sua natureza, suas funções, relações, causas, etc.¹¹ Como se chegou até aqui, como se explica esse nível acentuado de competitividade e o que se pode prever para o futuro, é o que

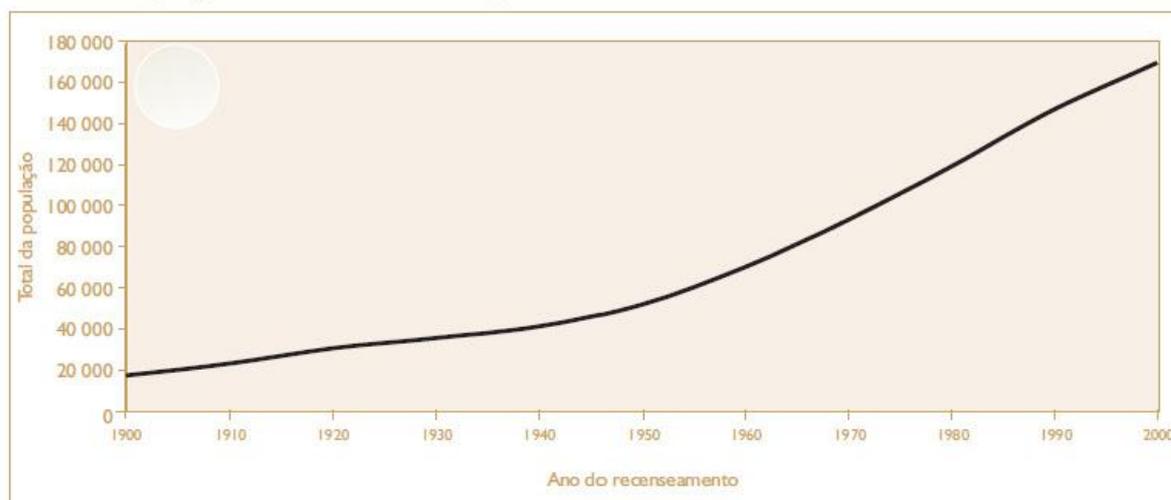
1995, foi de 6,6 por 100 mil entre homens e de 1,8 em cada 100 mil no caso de mulheres. (INTERNET, 2010). E o número não para de crescer: a taxa de suicídios cresceu 60% nos últimos 50 anos. Até o fim de 2007, a média de suicídios ao redor do Planeta chegou à incrível marca de uma morte a cada 30 segundos. E pior: estima-se que, para cada pessoa que comete suicídio, existem pelo menos outras 20 que tentaram, mas não conseguiram consumir o ato. Esses números levaram a OMS a criar diversas ações, como o “Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio”, que acontece todo ano no dia 10 de setembro. O objetivo é conscientizar pessoas e governos sobre a importância do tratamento de doenças mentais e problemas psicológicos. Apesar de a maioria dos suicidas pertencer à faixa etária acima dos 60 anos, é na faixa de 15 a 34 que os números mais impressionam, figurando como a terceira maior causa de morte. Entre as principais causas que levam uma pessoa a acabar com a própria vida estão problemas como depressão, abuso de drogas e situações temporais que despertam forte carga emocional, como o fim do relacionamento amoroso ou a perda de emprego. No Brasil, o número de suicídios é bem menor do que a média mundial, mas, ainda assim, o número não pode ser desprezado: dados do Ministério da Saúde relativos a 2002 contabilizam 7.719 suicídios durante os 12 meses do ano. Número aparentemente alto, mas pequeno quando comparado aos “campeões”, como os Estados Unidos, onde cerca de 32 mil pessoas se suicidam por ano. (INTERNET, 2010).

Número de suicídios aumenta no Brasil: no resultado da pesquisa com os registros de suicídios entre 1994 e 2004, soaram como alarmantes o crescimento de 3,4 para 4,5 mortes por 100 mil habitantes no período, além dos 25 suicídios por 100 mil habitantes registrados entre a população com mais de 60 anos. Entre os estados, o Rio Grande do Sul é o que tem a maior taxa, 9,88 para 100 mil. O Paraná aparece na sexta posição desse *ranking*, mas Curitiba é a terceira capital em que mais ocorreram suicídios de mulheres em 2004. (INTERNET, 2010).

¹¹ HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Veja-se definição de *análise*.

será demonstrado a seguir, através de dados concretos que os gráficos e quadros comprovam e constroem a imagem desse contexto.

Gráfico 1 – População residente – Brasil 1900/2000



Fonte: Sinopse preliminar do censo demográfico 2000. Rio de Janeiro: IBGE, v. 7, 2001.

Esse é o ponto crucial e inicial da origem do problema de pesquisa, no qual se situará a questão de forma pontual, o que tornará possível compreender claramente o sentido da problemática. O gráfico 1 ilustra a evolução populacional entre os anos de 1900 a 2000, concluindo-se que a população residente no Brasil cresceu 9,74 vezes nesse período.

Quadro 1 – População residente no Brasil

Ano	N. de habitantes
1900	17.438.434
1920	30.635.605
1940	41.236.315
1950	51.944.397
1960	70.191.370
1970	93.139.037
1980	119.002.706
1991	146.825.475
2000	169.799.170

Fonte: IBGE (2000).

O percentual de crescimento das empresas também pode ser observado no gráfico 2, o qual apresenta essa relação em relação às indústrias.

Quadro 2 – Número de estabelecimentos industriais

Ano	N. de estabelecimentos industriais
1907	3.258
2000	124.783

Fonte: IBGE (2000).

Analisando o crescimento do número de estabelecimentos comerciais, conforme o quadro 2, bem como o gráfico 2, constata-se uma evolução de 38,30 vezes, comparativamente à quantidade inicial, obtida sete anos após o período de evolução populacional mostrada no quadro 1 e no gráfico 1.

Sem considerar que dá para presumir que a quantidade de organizações empresariais, em todos os demais ramos, cresceu muito mais do que isso, e que boa parte inexistia naquela época. Apenas com esses dados relativos à indústria, conclui-se que, desde a Revolução Industrial até os dias atuais, uma enorme transformação ocorreu. No início as poucas empresas tinham todo um universo de clientes à sua disposição. Hoje, a situação inverteu-se, e, em decorrência, está-se chegando a um nível fantástico de competitividade.

Se fosse colocada essa situação num gráfico, haveria a representação em forma de um X, sendo que uma “perna” representa o crescimento das empresas, e a outra, o decréscimo proporcional do universo de consumidores, conforme se pode observar no gráfico 3.

Gráfico 2 – Percentual de crescimento das indústrias em relação à população



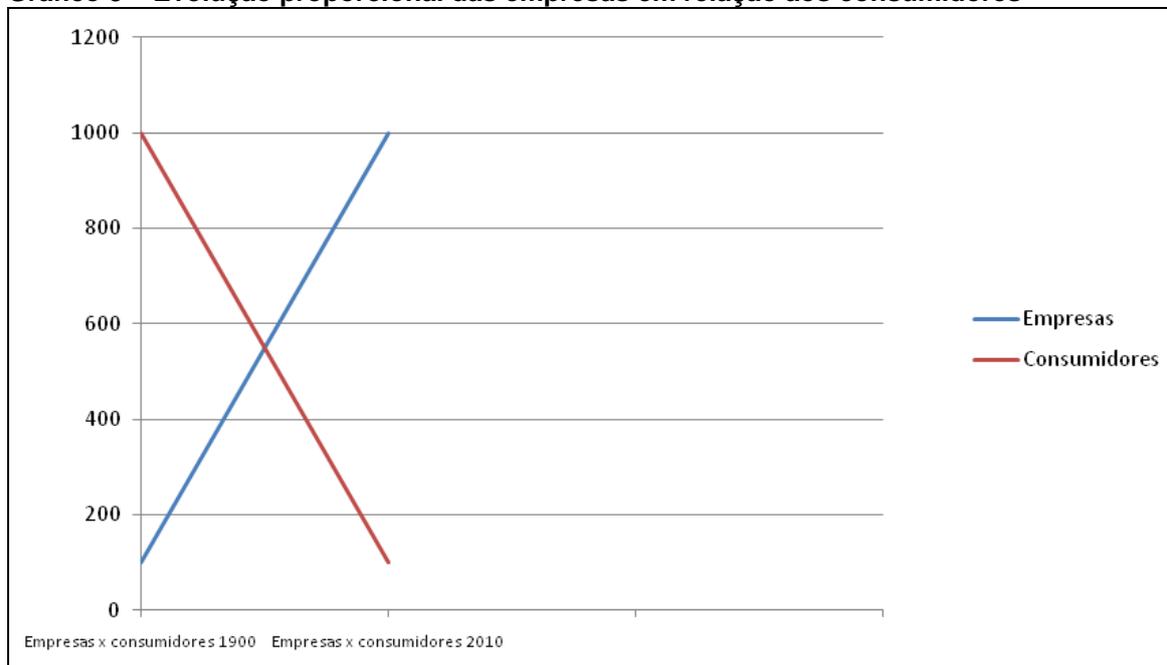
Fonte: IBGE (2000).

O Brasil deve chegar em 2015 com uma empresa para cada 24 habitantes, segundo pesquisa realizada pelo Sebrae/SP. De acordo com o estudo, a previsão é que o País atinja 9 milhões de companhias em 2015, com uma população de cerca de duzentos e dez milhões de habitantes.

Segundo o levantamento, com o resultado, o Brasil se aproximará dos índices europeus registrados em 2000, quando Alemanha, França, Reino Unido e Itália apresentavam, respectivamente, 23, 24, 23 e 14 habitantes por empresa. A par desse crescimento de empresas em relação aos consumidores e a consequente competitividade, exige-se cada vez mais do trabalhador: mais criatividade, mais competência e, sobretudo, mais tempo.

Nesse contexto, imaginando o crescimento daquele gráfico do “X” (gráfico 3), transportando para um deslocamento da linha de competitividade atual para uma futura, verifica-se um aumento substancial desse nível de concorrência, conforme ilustra o gráfico 4. Todos esses dados são corroborados pelo gráfico 5, que demonstra a continuidade desse fantástico crescimento desproporcional de um número cada vez maior de empresas em relação à população – clientes.

Gráfico 3 – Evolução proporcional das empresas em relação aos consumidores

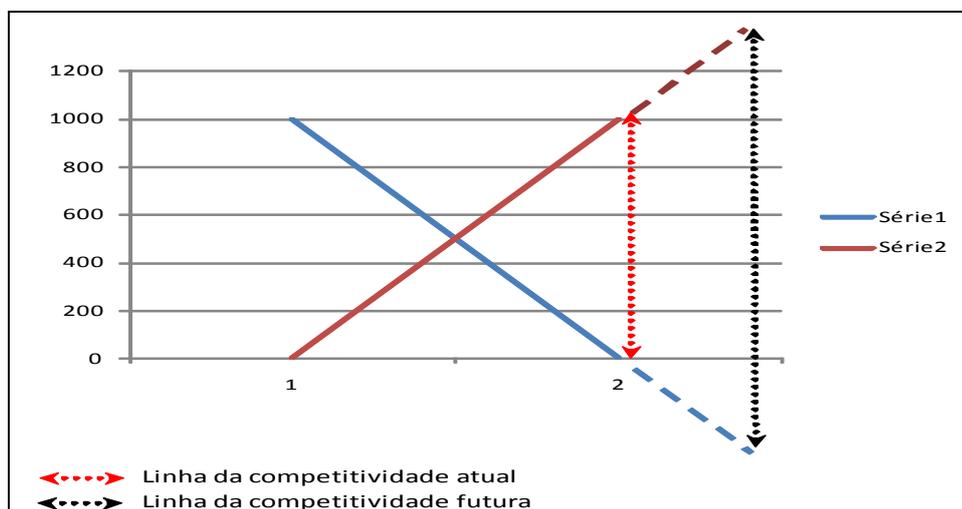


Fonte: Projeção gráfica da evolução das empresas em relação aos consumidores realizada pelo autor.

A grande pergunta que se faz, observando-se a linha pontilhada vermelha, no gráfico 4, a qual explica e representa o atual momento de altíssima

competitividade brasileira, mas que se sabe é a realidade mundial – mesmo que por dedução –, é: quanto tempo ainda o homem suportará essa pressão originária de tal situação?

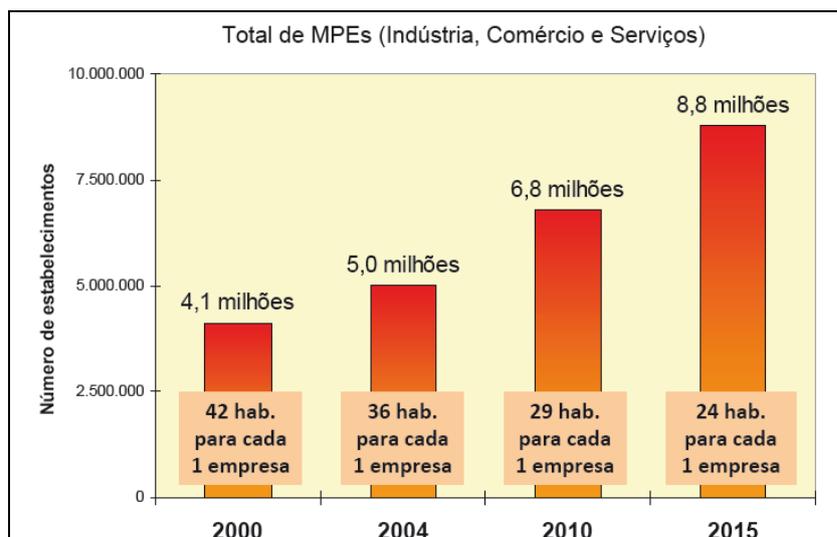
Gráfico 4 – Projeção da competitividade



Fonte: Projeção gráfica da evolução da competitividade realizada pelo autor.

A linha pontilhada em preto no gráfico 4 projeta a situação para o futuro. Até onde conseguiremos ir sem que movimentos comportamentais e de mercado se modifiquem? Portanto, esse é o legítimo “X” da questão, que, por si, justifica a presente pesquisa. Afinal de contas, quanto espaço existe para aumentar essa violência mercadológica que recai diretamente no homem, ocasionando uma pressão psicológica sem precedentes, que acaba provocando consequências nefastas e fatais em sua saúde física e mental?

Na luta pela sobrevivência, nessa inter-relação de circunstâncias que acompanham a situação exposta, entende-se a origem de tantas ações ilegais, imorais e desprovidas de virtude, que fazem parte da nossa rotina. Se tantos escândalos ocorrem, quanta barbárie contra os bons costumes ainda devem acontecer sem que eles venham à tona? Porém, também não é difícil deduzir que, muito além desse contexto que explica o atual comportamento antiético, esse quadro já vem precedido de uma carente evolução comportamental, pela falta de valores de caráter e na cultura do ser humano.

Gráfico 5 – Total de MPEs (Indústria, Comércio e Serviços)

Nota: Os dados de 2010 e 2015 são estimativas com base em expansão de 5,1% a.a. no total de MPEs.

Fonte: Elaboração Observatório das MPEs, a partir da RAIS e projeções populacionais do IBGE.

Conclui-se que, em algum ponto do futuro, uma revolução com ou sem sangue deverá acontecer, salvo se a ciência conseguir diminuir o giro do Planeta, de forma que a quantidade de horas se prolongue ou que ela invente alguma pílula mágica que nos permita dormir apenas alguns minutos por dia.

Como isso provavelmente não acontecerá, sobra espaço para se imaginar uma revolução extraordinária no mercado. Exatamente o que deve/pode acontecer não há como adivinhar ou projetar. Mas, a partir desses fatos e dados estatísticos e históricos, passa-se imediatamente a uma reflexão filosófica. Estamos, pois, na véspera de um momento histórico.

Independentemente das soluções a serem tomadas e dos caminhos que essa evolução deva seguir, não dá para imaginar outra saída que não seja uma transformação comportamental¹² e, por consequência, cultural, para atuar exatamente neste ponto: o da competitividade.

No momento em que essa rivalidade mercadológica atingir os extremos, mais do que nunca será preciso inserir a ética como uma nova e profunda cultura nessa nova conjuntura. Será necessário introduzir na história da educação e da

¹² Aqui não há nenhuma afirmativa de que o comportamento será mais polido, que conterà uma dose maior de virtude. Apenas há uma dedução óbvia sobre os fatos e dados de que alguma mudança ocorrerá.

filosofia um novo marco, através da inserção da *virtude* como um valor presente, ocupando um espaço bem maior no dia a dia das pessoas.

Naturalmente, essa é uma das medidas necessárias, entre tantas outras, como uma nova forma de produzir e distribuir a riqueza material para tornar possível a construção de um futuro, que, inevitavelmente, pelos motivos expostos, tornará a vida viável e melhor para a humanidade.

Faz sentido, portanto, problematizar esse ponto e navegar pelos conceitos teóricos dos especialistas em comportamento e, particularmente, da história da educação e da filosofia, para objetivar construir uma solução não somente pontual, mas derradeira para o verdadeiro desenvolvimento moral e comportamental de um novo ser humano, de uma nova época, mais próxima da felicidade¹³ e através do autodomínio.¹⁴

¹³ Segundo Kant, “a felicidade é a ideia de um estado de pleno gozo ao qual o homem quer se adequar tornando esta ideia objetiva sob condições empíricas”. (SOUZA, 2009).

¹⁴ O autodomínio e a liberdade são as bases para se atingir a virtude. Para ele, o ser humano é o artífice da sua própria felicidade ou infelicidade. Da obra *Fundamentos filosóficos da educação* de Otto Leopoldo Winck; Ivo José Triches; Cláudio Joaquim Rezende et al. (2009).

3 O CONCEITO DE VIRTUDE

“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo.”

(Maurice Merleau-Ponty)

A virtude é aquilo que deve ser, conforme afirma Cirne-Lima (1996), segundo o qual nem sempre o mundo que de fato existe coincide com aquilo que deveria ser. O mesmo Cirne Lima (1996) diz que o ideal a ser atingido é o dever-ser, sendo essa a grande ideia, nascendo, assim, a noção platônica. Platão passou a ter certeza de que o mundo-que-de-fato-é nem sempre coincide com o mundo-ideal-que-deveria-ser, a partir da condenação injusta e a morte de Sócrates.

Em *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, verifica-se que há duas espécies de virtude: a intelectual e a moral. As virtudes intelectuais são decorrentes do ensino e, assim, necessitam ganhar experiência e tempo. As virtudes morais, por sua vez, são adquiridas em resultado de hábito, elas não surgem em nós por natureza, mas as adquirimos pelo exercício, como acontece com as artes.

Nas virtudes, o excesso ou a falta é corrosivo, porque o equilíbrio é o predicado da sua máxima. Exatamente por isso, o filósofo a definiu como uma mediana, ou seja, o caminho do meio. Porém, nem toda ação e nem toda paixão admite meio-termo; algumas ações ou paixões com caráter destruidor não cabem à aplicação do equilíbrio, pois, em si, seja o lado que pender, encontrar-se-á maldade e, nesse caso, inconcebível é a aplicabilidade do meio-termo.

A análise das virtudes tem o propósito maior da ação em detrimento da simples avaliação teórica. Somente se forem adotadas as virtudes como um costume e transformá-las no dia a dia como uma prática de atos justos é que se formarão verdadeiramente os bons costumes. Esse é um desafio extraordinário, pois vemos que o ser humano, na sua imensa maioria, acredita que é bom e justo. Também constatamos que, na prática – que é o agir e não o pensar – ele, o ser humano, age diferente: condena os corruptos, mas, logo depois, na primeira esquina, oferece propina ao guarda para não ser multado. Tenta ludibriar o fisco na sua declaração de Imposto de Renda, para pagar menos ou restituir mais que o devido. E assim por diante... Os errados são sempre os outros.

Confúcio ensina:

Guie-o por meio de editos, mantenha-o na linha das punições, e o povo se manterá longe de problemas, mas não será capaz de sentir vergonha. Guie-o pela virtude, mantenha-o na linha com os ritos, e o povo, além de ser capaz de sentir vergonha, reformará a si mesmo. (2009, p. 68).

Huxley (1979) diz que as generalidades são males necessários, e que os detalhes conduzem à virtude e à felicidade. Para Huxley (1979) o segredo da felicidade e da virtude passa pela capacidade das pessoas de amarem o destino social do qual não podem escapar. Em outras palavras, é aprender a amar o que é obrigado a fazer.

3.1 O conceito e a ação moral

A virtude está intimamente ligada às paixões e ações, de forma espontânea ou não. Às paixões ou ações voluntárias o filósofo dispensa qualquer tipo de censura ou mérito, enquanto as involuntárias fazem jus à absolvição e, até, à compaixão. Dessa forma, se torna indispensável fazer uma distinção entre uma situação e outra. (Aristóteles, 2009).

Sócrates explica a Mênon em Platão (2010), que as virtudes, independentemente da sua multiplicidade e variedade, todas elas possuem um caráter comum, que justamente as torna virtude. Para Sócrates, não se deve atribuir virtude a uma qualidade, como a justiça, por exemplo. Justifica que a virtude é como uma esfera, mas se deve dizer que esfera é apenas uma forma, e que não se deve ligar a uma ou outra qualidade, porque há outras qualidades, outras formas.

Sócrates exemplifica a Menon que um bom exercício para começar a entender sobre virtude é questionar o que é comum ao esférico, ao reto, e a tudo mais que se pode chamar de formas. Comenta com Menon sobre a imortalidade da alma, segundo certos sacerdotes e sacerdotisas, e da possibilidade de se lembrar de aprendizados de outras vidas, ao ser questionado sobre a viabilidade de se buscar conhecimento naquilo que não se conhece, nas reminiscências.

No decorrer do diálogo com Menon afirma sua crença na imortalidade da alma, admite que a maioria dos pontos aduzidos por ele podem não ser confiáveis. Porém, ressalta a crença no dever de investigar as coisas acerca das quais se ignora o sentido, e que isso é algo que tornará o investigador em pessoal melhor,

mais corajosa e menos ociosa e, preferencialmente, a crença de que inexiste sequer a possibilidade de apurar as coisas.

Depois, Sócrates e Menon concordam com a conclusão de que a virtude não é sabedoria, pois, se fosse, seria possível de ser ensinada. Não sendo, não é viável seu ensinamento. Também acordam que se houvesse mestres qualificados para tanto, seria aceitável, mas eles também entendem que tais mestres não existem.

Por fim, a conclusão é: a virtude, quando chega nas pessoas, acontece por uma interferência divina. Porém, observa que só é possível essa certeza, antes de cada um indagar como surge a virtude para a humanidade, se investigar o que é a virtude.

3.2 As virtudes morais

As virtudes morais, segundo Aristóteles (2009), na obra *Ética a Nicômaco*, considerada por muitos filósofos como a principal obra de ética de Aristóteles, são as seguintes:

1. A *Coragem* – (Andrêia) – é o equilíbrio em analogia ao sentimento de temor e de certeza.
2. A *Temperança* – (Sofrosíne) – é o equilíbrio entre os deleites e as aflições.
3. A *Liberalidade* – (Eleuteriotes) – é o equilíbrio entre o dar e o receber dinheiro. O exagero é a prodigalidade, e a carência é a avareza.
4. A *Magnificência* – (Megaloprépeia) – é um equilíbrio quanto ao dinheiro dado em amplas quantias; o excesso é a vulgaridade e o mau gosto; a carência é a mesquinhez.
5. O *Justo Orgulho* – (Megalopskhia) – é o equilíbrio em relação à honra e à desonra. O excesso é a “ vaidade oca ” e a carência é a humildade indébita.
6. O *Anônimo* – o homem que exagera na cobiça da honra é o ambicioso (Afilotimia), o que fica abaixo é desambicioso (Filotimia), o mediano é o Anônimo.
7. A *Calma* – (Praotes) – é o equilíbrio em analogia à cólera; aquele que exagera é o irascível, o que fica abaixo é o pacato.
8. A *Veracidade* – (Alétheia) – é o equilíbrio no tocante à verdade, o abuso é a jactância, e o que a desdenha é a falsa modéstia.
9. A *Pessoa Espirituosa* ou *Espírito* – (Eutrapelia) – é o equilíbrio na aprazibilidade, no proporcionar entretenimento. O abuso é a chocarrice, e a carência, a rusticidade.

10. A *Amabilidade* – (Filía) – é o equilíbrio na disposição de agradar e de ser carinhoso; o abuso é o obsequioso se não tiver propósito, e o lisonjeiro objetiva um interesse próprio; a carência é a pessoa mal-humorada.
11. A *Modéstia* – (Aidémôón) – é o intermediário nas paixões e relativo a elas; aquele que excede é o acanhado, e esse se envergonha de tudo, enquanto aquele que mostra deficiência é o despudorado e não se envergonha de coisa alguma.
12. A *Justa Indignação* – (Némesis) – é o equilíbrio entre a inveja e o despeito e diz respeito à dor ou ao prazer da sorte ou ao azar das outras pessoas.
13. A *Justiça* – (Dicaiosine) – nela se faz necessário caracterizar os dois lados e mostrar em que sentido cada uma delas é um equilíbrio. (ARISTÓTELES, 2009).

Como se pode analisar e concluir sobre essa extensa lista de virtudes morais de Aristóteles, nada foi deixado de fora, destarte o fato de, em filosofia, geralmente, sempre haver espaços para serem explorados. Em consonância com a doutrina metafísica fundamental de Aristóteles, todo ser se inclina obrigatoriamente à concretização da sua natureza, onde se encontra seu objetivo, o seu bem e a sua felicidade.

Ética a Nicômaco é a primeira grande obra de ética da nossa história, elaborada por Aristóteles (384-22 a.C.), a qual pela primeira vez utilizou o termo *ética* no sentido utilizado até os dias atuais. É tema central na obra de Aristóteles a noção de felicidade, pois ele lhe atribui uma profunda importância.

Considerando-se a ética como ciência ou mesmo como um ramo da filosofia (sem essa caracterização, é comum o entendimento de que seu objetivo é a felicidade), se tem uma flagrante distorção comportamental. Se há uma ciência (ou um ramo da filosofia) que estuda e conduz para um padrão superior de felicidade, por que ela é tão pouco considerada pela humanidade?

Retorna-se ao ponto em que se afirmar que o poder econômico está vencendo essa batalha, ao vender às pessoas a ideia de que a felicidade está na posse de bens materiais ou que suas posses as levariam a um bem supremo maior, que seria a própria felicidade em si. Porém, a felicidade é uma só, e o caminho que nos leva a ele se dá somente pela virtude.

Aristóteles afirma que a virtude pode ser ensinada, conforme relata Marcondes (2007), e que isso deve ser um dos objetivos centrais da filosofia. Aristóteles diz ainda que a virtude não é inata e sim o resultado do hábito. Então, eis um dos pontos cruciais deste trabalho, pois é exatamente a defesa da criação do

hábito que elevaria o padrão comportamental das pessoas e traria a felicidade para uma realidade mais próxima e presente na vida de todos os seres.

No último livro dessa obra pioneira, Aristóteles amplia o entendimento de felicidade, esclarecendo que não se trata de prazeres, mas de uma contemplação das verdades eternas, isto é, de um sentimento elevado e nobre.

Ainda segundo Aristóteles (2009), as virtudes éticas e morais não são simplesmente uma ação racional, da forma como o são as virtudes intelectuais. Elas sugerem um componente sentimental, afetivo, passional, que deve ser regido pela razão, mesmo que nela nem tudo seja resolvido.

Uma ação pode ser considerada como justa quando realiza o equilíbrio das virtudes morais e quando alcança as virtudes intelectuais. O objetivo da ação moral é a justiça, assim como a verdade é o objetivo da ação intelectual. Em sentido lato, a justiça configura o exercício de todas as virtudes, observando-se a instância da alteridade. Em sentido estrito, é entendida como uma virtude ética que implica o princípio da igualdade.

3.3 As virtudes intelectuais, a consciência e a linguagem

A alma humana é constituída de duas partes: uma tem o princípio racional, e a outra é privada de razão. A parte racional da alma é composta pelo lado científico (direcional ou prático) e pelo lado calculativo (especulativo e teórico). O calculativo é uma facção da alma que arquiteta um princípio racional, versando sobre ocorrências universais e teóricas, exatamente nessa condição. O elemento da peça calculativa é a verdade; assim, para o conhecimento especulativo o bem se revela com o verdadeiro, e o mal, com o falso.

A alma possui três estados: o elemento da sensação, o da razão e o do desejo. A sensação não domina a ação, como nos animais que possuem sensação, mas não frutificam a ação.

O pensamento em essência não anima, apenas surge um poder animador quando houver um fim; o homem está em ação quando há uma união do desejo com a razão. A virtude de ambas deve se direcionar à verdade.

Esses são os arranjos pelos quais a alma detém a verdade: arte, conhecimento científico, sabedoria prática, sabedoria filosófica e a razão intuitiva.

Observa-se que a prática da virtude não se confunde com um mero saber técnico, pois não basta a conformidade, exige-se a consciência do ato virtuoso. O homem considerado justo deve agir por força de sua vontade racional. Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles enumera três condições para que um ato seja virtuoso, a saber: primeiro, o homem deve ter consciência da justiça de seu ato; segundo, a vontade deve agir motivada pela própria ação; terceiro, deve agir com inabalável certeza da justeza do ato. As virtudes são disposições ou hábitos adquiridos ao longo da vida e se fundamentam na ideia de que o homem deve sempre realizar o melhor de si. A virtude será uma espécie de meio-termo, termo médio entre os extremos, evitando, por assim dizer, o excesso e a deficiência, uma vez que a justiça é uma virtude que só pode ser praticada em relação ao *outro* e de modo consciente. O objeto da justiça é realizar a felicidade na *pólis*; o seu oposto é a injustiça, que poderá ocorrer por falta ou por excesso.

O elo entre as palavras e a virtude é um fato inevitável, como também o é com as atitudes. Pode-se fazer sobre isso uma analogia com a energia nuclear: apesar de toda sua potencialidade e utilidade para a humanidade, de ter uma importância ímpar, por outro lado, há o risco de sua utilização para a produção de bombas nucleares.

Com essa relação se pode dizer da real importância que há entre o dom do falar complexo e a virtude, isto é, se a pessoa possuir somente o dom de se expressar maravilhosamente, mas não conviver com a virtude, o resultado poderá ser trágico. Se, por uma via, é possível arrastar multidões pelo poder da oratória, por outro, o caminho será determinado pela estrutura moral, pelo caráter de quem liderar esse processo.

4 ÉTICA E LINGUAGEM

Mesmo com muita pesquisa não foi possível obter uma informação precisa acerca de quando iniciou a comunicação oral entre os seres humanos. O que se apurou, de forma bastante genérica, foi que o início deu-se entre 400 mil e 60 mil anos passados. Seja como for, essa informação fica na “atmosfera”, ao menos por enquanto. Porém, nada muda quanto à intenção de explorar a fala e de rever algumas questões básicas que compõem a virtude.

Não há tanto material a respeito da fala e de seus efeitos, ao menos na dimensão em que a questão mereceria. A comunicação oral – a fala que é a expressão da linguagem – traz em seu bojo uma verdadeira fonte mágica de poder. É uma arte requintada que alguns poucos seres humanos a dominam e sabem fazer bom (ou mau) proveito dela.

Oliveira traz uma abordagem consistente sobre essa questão das relações provocadas *com e pela* linguagem:

Quando os homens se entendem entre si através da mediação da linguagem, em primeiro lugar eles se entendem sobre algo. Falar é sempre dizer algo, referência a algo; abre-se na fala o espaço de inteligibilidade das coisas, a linguagem é a articulação, a expressão do sentido de tudo. No entanto, na linguagem os homens se referem a algo na medida em quem se referem também fundamentalmente uns aos outros: falar é estabelecer relações intersubjetivas, que constituem as formas diversas de sociabilidade. Por fim, falando, os sujeitos, que interagem, manifestam suas próprias intenções, relacionando-se, assim, consigo mesmos, com a natureza, com a comunidade humana, com a sociedade e sua história; numa palavra, com a totalidade da realidade. (1995, p. 108-109).

Vivemos numa época em que a rotina são as mudanças, as transformações, a busca alucinada por algo que possa fazer a diferença nesse ambiente, sendo que conseguir manter seu negócio já é algo espetacular, quiçá crescer e fazer sucesso nesse mundo que se transformou em mercado, em comércio, em produção. Negócios e mais negócios. É a busca desenfreada pelo dinheiro que absorve praticamente a maior parte da vida das pessoas, ao menos da maioria dos seres humanos.

Falta tempo para tudo, e o campo das pesquisas fica cada vez mais restrito a poucos países desenvolvidos. Porém, felizmente, a própria máquina econômico-

financeira tem provocado o desenvolvimento da ciência. O que preocupa é o uso que será feito das descobertas.

Assim, considerando-se a quantidade de pesquisa que se volta pura e desinteressadamente pelos efeitos econômicos, essa fica ainda mais reduzida. Talvez seja uma das explicações de por que um poder tão extraordinário como a fala ainda não foi devidamente explorado.

4.1 O verbo em ação

O relacionamento e a convivência entre os seres humanos estão intimamente interligados pelo verbo e, na maioria das vezes, pelo verbo pronunciado, ou seja, pela fala. Através da comunicação acontece a interação de sentimentos, razões, conhecimentos e pensamentos, e é exatamente neste ponto – a obra da expressão falada – que a jornada humana tem sido influenciada por poucos, é bem verdade. Alguns mestres dessa *arte do falar* conseguem comandar multidões, como é o caso de alguns religiosos e políticos. Hay (2007), uma das notáveis propagadoras de palavras do bem, diz que toda célula reage a cada pensamento que você tem e a cada palavra que é falada.

Dessa forma, dá-se início a uma reflexão pontual na dança das formas, das letras, num movimento expressionista e, sobretudo, com caráter de cientificidade, com o intuito de se compreender um pouco mais sobre o verbo expresso e, mais particularmente, o pronunciado. Para dar início a essa tentativa de compreensão, não há como omitir a particularidade fundamental que cria a própria condição da existência da fala, que é o acontecimento singular do som.

Evidentemente que, sob o prisma de uma visão ampla e sistêmica de tudo mais que é produzido *com* ou *pelo* som, como a música, os mantras, etc., o bom-senso salienta que não será tratado, aqui, de nenhum aspecto comparativo quanto à importância da fala em relação às demais produções obtidas com o som como matéria-prima. A propósito, seria justo dedicar outro espaço para discorrer sobre e analisar as origens, as utilidades, os significados e tudo quanto envolve esses outros fenômenos produzidos pelo som. A música, uma das citadas, é apontada como uma ponte para níveis mais elevados de vida, conectando frequências mais sutis, conforme propõe Sorge (2011). Os mantras, por sua vez, são utilizados das formas

mais variadas, geralmente levando à purificação, tendo origem nas vibrações da criação do universo, de acordo com a explicação de Kupfer (2011).

Defleur e Ball-Rokeach (1993) referem que está plenamente comprovado que as técnicas que empregamos para nos comunicar com os outros são as mesmas que nos comunicamos conosco mesmos, intimamente. Observam uma segunda missão importante com que se defrontam os estudiosos da comunicação que é explicar a natureza fundamental do processo de comunicação humana. Muitas pistas promissoras estão disponíveis em territórios como da semântica, da antropologia cultural, da sociologia e da psicologia social. Essas têm de ser conjugadas numa descrição adequada da comunicação humana em geral.

As comunicações, consubstanciadas basicamente pelo verbo, também possuem ampla abordagem, profunda, instigante e significativa. Desnecessário é se aprofundar além do Novo Testamento, na Bíblia. No Evangelho, segundo São João, encontra-se:

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por ele e sem ele nada se fez de tudo que foi feito. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam. (Jo 1,1-18).

Essas questões, para adotar um aspecto meramente ilustrativo, dão forma a um breve prólogo do sentido fenomenológico e influenciador que a palavra exerce na vida do ser humano. Desconhecemos praticamente tudo quanto à influência que o som exerce na vida dos animais irracionais. Porém, não seria de admirar uma extensão profunda, similar ao que o verbo produz na dimensão da vida dos homens.

Gurdjieff (2007, s.p.) disse que “Se o Verbo é a origem, a consequência é a existência humana e sendo assim fica caracterizado que o verbo possui poder e reside em cada ser humano.” Hegenberg em sua obra *Saber de e saber que* descreve:

De acordo com alguns autores clássicos (p. ex., K. Buhler, *Sprachtheorie*, Jena: 1934) uma língua possui três funções principais: *expressiva* (que permite manifestações emotivas), *senalizante* (que induz o interlocutor a reagir, emitindo respostas linguísticas) e *descritiva* (que autoriza discorrer a respeito de estados de coisas). Outros autores, ampliando essas considerações, notam que é preciso ter em conta uma quarta e mais “nobre” função: a exploratória, ou *argumentativa* (como a denomina K. Popper, em *Conjectures and refutations*, London, 1963), abrindo margem para a formulação e a comparação de argumentos e de explicações – dois

elementos imprescindíveis em qualquer tentativa de resolução de problemas. (2001, p. 49).

Obviamente, o sucesso da fala ou do discurso importará na qualificação e maestria do orador, sobremaneira, na medida em que conseguir navegar de forma hábil em todas as funções que a linguagem pode proporcionar, construindo um poder articulador e envolvente ante aos seus interlocutores ou a plateia. Importante é destacar a observação de Koch (1987), que chama a atenção para o fato de que, na língua portuguesa, o verbo *poder* é um dos que apresenta maior número de significados, tanto no âmbito semântico quanto no de força ilocucionária. O que o texto pretende demonstrar é que o poder do verbo pronunciado é de uma dimensão significativa e que envolve todos os âmbitos. E a palavra-chave, neste momento, é de fato *poder*. Centraliza-se, aqui, a análise na capacidade envolvente e transformadora que a fala pode produzir, sendo um estudo direcionado a esse aspecto, evidentemente sem a ambição de embarcar a amplitude da Teoria dos Atos de Fala, desenvolvido pelo filósofo inglês Austin (1962) e posteriormente levada adiante por Searle, Grice e Strawson.

Defleur e Ball-Rokeach (1993) citam que, durante o século XVIII, escritores como Kant expuseram a tese de que os seres humanos reagem ao mundo não tal qual ele existe, no sentido de realidade objetiva, mas ao mundo que constroem em sua própria mente.

Foucault (2007) traz uma abordagem dignificante sobre as palavras e afirma que o limiar da linguagem está onde surge o verbo – decisivamente irreduzível – num paralelo com a proposição.

A estrutura de uma boa oratória, é bem verdade, deve conter não somente palavras adequadas, a construção e a combinação de termos, mas a aplicação decisiva do verbo, como predicado para o convencimento. Passa, evidentemente, pela arte da ênfase, do tom, do volume, dos gestos, do olhar, do conjunto de atos; enfim, é preciso que produza uma expressividade contundente e efetiva. O efeito disso são os resultados, até mesmo avassaladores, nas massas e em todos os seus estratos. Vê-se isso nos campos da política, da religião e da música, pois não é rara a produção até mesmo de fanatismos por questões ou pelo próprio orador, seja ele religioso, seja ele político ou artístico.

Defleur e Ball-Rokeach (1993, acreditam que o mais significativo para o estudo da comunicação é o Paradigma Cognitivo¹⁵ que, abertamente, coloca em posição central as atividades mentais de seres humanos normais na elaboração de sua conduta.

Todas essas constatações são de pleno domínio público, mas juntá-las oferece uma reflexão profunda, instigante efetivamente, pois abre as portas à possibilidade de pesquisas, aí sim pontuais, como, por exemplo, o nível de fanatismo é atingido mais por influência de terceiros ou por autoconvicção? Porém, nesse ponto, desconsiderando-se outras variáveis, só atendo-se ao fato em si – o de provocar fanatismo – já é mais do que suficiente para se observar que o poder da palavra é imenso.

É possível perceber a dimensão e a importância da fala na vida dos seres humanos, nas mais variadas dimensões. O nível dessa percepção já deveria ser o suficiente para se adotar uma educação mais refinada nesse sentido. Numa postura crítico-construtiva, é possível questionar o próprio sistema de ensino, no qual não parece haver uma ênfase adequada e coerente a essa realidade e, por que não dizer, necessidade. O que há, efetivamente, é um imenso vazio sobre essa questão.

4.2 O fanatismo

Segundo o Dicionário Houaiss, *fanatismo* é um zelo religioso obsessivo que pode levar aos extremos da intolerância. Certamente, é possível acrescentar um zelo político-obsessivo, além do religioso. A humanidade tem presenciado, em toda a sua história, muitos atos de fanáticos, por isso, não é excesso declarar que o fanatismo é um dos maiores males produzidos pelo ser humano, geralmente com consequências trágicas.

¹⁵ O paradigma cognitivo é um desenvolvimento da Psicologia Gestalt da década de 20 (séc. XX), com teorias de campo apresentadas durante os anos 30 (séc. XX), e uma grande bibliografia contemporânea de psicologia social experimental. Dentre as obras mais expressivas das últimas décadas estão Leon Festinger: *A theory of cognitive dissonance* (Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1957); J. W. Brehm e A. R. Cohen: *Explorations of cognitive dissonance* (Nova York: Wiley, 1962); R. P. Abelson et al. (Org.). *Theories of cognitive consistency: a sourcebook* (Chicago: Rand McNally, 1968); D. J. Bern: *Beliefs, attitudes, and human affairs* (Belmont, Calif.: Brooks-Co e, 1970); e L. Berkowitz (Org.). *Advances in experimental social psychology* (Nova York: Academic Press, 1974). (Nota do livro *Teorias das comunicações de massa*, de Defleur e Ball-Rokeach (1993, p. 375-376).

Encontra-se no *Dicionário filosófico Voltaire*, uma definição e algumas explicações brilhantes sobre o tema:

Fanatismo é para a superstição o que o delírio é para a febre, o que é a raiva para a cólera. Aquele que tem êxtases, visões, que considera os sonhos como realidades e as imaginações como profecias é um entusiasta; aquele que alimenta a sua loucura com a morte é um fanático. João Diaz, retirado em Nuremberg, firmemente convicto de que o papa é o Anticristo do Apocalipse e que tem o signo da besta, não era mais que um entusiasta; Bartolomeu Diaz, que partiu de Roma para ir assassinar santamente o seu irmão e que efetivamente o matou pelo amor de Deus, foi um dos mais abomináveis fanáticos que em todos os tempos pôde produzir a superstição. Polieuto, que vai ao templo num dia de solenidade derrubar e destruir as estátuas e os ornamentos, é um fanático menos horrível do que Diaz, mas não menos tolo. Há fanáticos de sangue frio: são os juizes que condenam à morte aqueles cujo único crime é não pensar como eles; e esses juizes são tanto mais culpados, tanto mais merecedores da execração do gênero humano, quanto, não estando tomados de um acesso de furor como os Clément, os Chatêl, os Ravailac, os Gérard, os Damien, parece que poderiam ouvir a razão. Quando uma vez o fanatismo gangrenou um cérebro a doença é quase incurável. Eu vi convulsionários que, falando dos milagres de S. Páris, sem querer se acaloravam cada vez mais; seus olhos encarniçavam-se, seus membros tremiam, o furor desfigurava seus rostos e teriam morto quem quer que os houvesse contrariado. Não há outro remédio contra essa doença epidêmica senão o espírito filosófico que, progressivamente difundido, adoça enfim a índole dos homens, prevenindo os acessos do mal porque, desde que o mal fez alguns progressos, é preciso fugir e esperar que o ar seja purificado. As leis e a religião não bastam contra a peste das almas; a religião, longe de ser para elas um alimento salutar, transforma-se em veneno nos cérebros infeccionados. Esses miseráveis têm incessantemente presente no espírito o exemplo de Aode, que assassina o rei Eglão; de Judite, que corta a cabeça de Holoferne quando deitada com ele; de Samuel, que corta em pedaços o rei Agague. Eles não vêem que esses exemplos respeitáveis para a antigüidade são abomináveis na época atual; eles haurem seus furores da mesma religião que os condena. (VOLTAIRE, 1764, s. p.).

A definição continua, porém é conveniente destacar a impassibilidade das leis *ante a* e decorrente *da* complexidade do problema, o que denota o grau acentuado de dificuldade com que as sociedades são obrigadas a conviver.

As leis são ainda muito impotentes contra tais acessos de raiva; é como se lêsseis um aresto do Conselho a um frenético. Essa gente está persuadida de que o Espírito Santo que os penetra está acima das leis e que o seu entusiasmo é a única lei a que devem obedecer. Que responder a um homem que vos diz que prefere obedecer a Deus a obedecer aos homens e que, conseqüentemente, está certo de merecer o céu se vos degolar? De ordinário, são os velhacos que conduzem os fanáticos e que lhes põem o punhal nas mãos: assemelham-se a esse Velho da Montanha que fazia – segundo se diz – imbecis gozarem as alegrias do paraíso e que lhes prometia uma eternidade desses prazeres que lhes havia feito provar com a condição de assassinar todos aqueles que ele lhes apontasse. Só houve uma religião no mundo que não foi abalada pelo fanatismo, é a dos letrados da China. As seitas dos filósofos estavam não somente isentas dessa peste como constituíam o remédio para ela: pois o efeito da filosofia é tornar a alma tranqüila e o fanatismo é incompatível com a tranqüilidade. Se a nossa

santa religião tem sido freqüentemente corrompida por esse furor infernal, é à loucura humana que se deve culpar. (VOLTAIRE, 1764).

Os efeitos de uma fala entusiástica, em nível extremado, podem ser danosos; por isso, se torna importante destacar esses efeitos avassaladores que atos dessa categoria ocasionam na humanidade, aliás, como toda e qualquer ação originada por este sentimento: emoção descontrolada com implicações geralmente trágicas.

O fanatismo também é definido pelo *Dicionário Houaiss* como sendo o motor que move alguém que se mostra excessivamente entusiástico, exaltado, com uma devoção quase sempre cega. Já o *Dicionário Unesp do português contemporâneo* esclarece que se trata de uma adesão cega a uma facção, a uma ideia, a um programa, a uma agremiação. Diz ainda ser uma paixão ou crença irracional.

Quando o extremismo atinge o limite máximo, o indivíduo faz absolutamente qualquer coisa para conseguir seu objetivo. Assim, está desenhado o perfil mais indesejado de uma pessoa, pois se caracteriza como o grande causador de males que avassalam a Terra. Exemplos sobram para elucidar a questão, pois basta que se observem as grandes guerras, religiosas ou não, para perceber que sempre estará presente esse elemento pernicioso e destruidor.

Certamente quem possui habilidade ao falar é realmente um homem poderoso, capaz de envolver as pessoas em seu intento. A palavra se revela também no pensamento e, nessa manifestação, seus efeitos também são importantes, cruciais para direcionar nossas emoções e decisões. Poder-se-ia afirmar que a inteligência emocional está diretamente ligada às palavras e, por conseguinte, é derivada dessa construção permanente na vida do ser humano.

Judge (1946, p. 11) explica que “devemos usar com cuidado estes mensageiros vivos chamados palavras”. Enquanto isso, Aveline (2006) afirma que a utilização da palavra define o ser humano; sendo assim, a fala é muito mais do que um mero som ou uma sequência lógica de pensamentos. É uma corrente magnética que contém e transmite vida.

Na Grécia antiga, Platão escreveu:

Só as palavras pronunciadas com o fim de instruir, e que de fato se gravam na alma, sobre o que é justo, belo e bom – apenas nelas se encontra uma força eficaz, perfeita e divina a ponto de nelas empregarmos os nossos esforços [...]. Quanto aos demais discursos, podemos desprezá-los. (2004, p. 123-124).

Amossy (2005) salienta o fato de que se o público percebe alguém que prega certa doutrina, mas não aplica seus princípios, desnuda sua hipocrisia, caindo em descrédito. Ao contrário, se alguém ao reconhecer as contradições de uma tese que havia proposto, abandona-a ou a modifica, sua credibilidade epistêmica aumenta. Amossy ainda cita Perelman a respeito da esquematização do orador:

Se se trata não de fatos, mas de opiniões, e sobretudo de apreciações, não somente a pessoa do orador, mas também a função que ele exerce, o papel que ele assume, influenciam de modo incontestável a maneira pela qual o auditório acolherá suas palavras [...]. De maneira recíproca, as palavras do orador propiciam uma imagem dele cuja importância não pode ser subestimada: Aristóteles a estudava sob o nome de *ethos oratório*, como um dos três componentes da eficácia da persuasão, sendo os outros dois o *logos* e o *pathos*, o apelo à razão mediante argumentos e os procedimentos retóricos que visam suscitar as paixões do auditório. (2005, p. 93-94).

Voltaire cita em sua obra: *Tratado sobre a tolerância*, que, para que

um governo não tenha o direito de punir os erros dos homens, é necessário que esses erros não sejam crimes; os erros somente são crimes quando perturbam a sociedade; eles perturbam a sociedade desde que inspirem fanatismos: é preciso, portanto, que os homens comecem por deixar de ser fanáticos a fim de merecer a tolerância. (2011, p. 99).

Percebe-se, aqui, a grande preocupação de Voltaire, exatamente com esse tipo de atitude extremada, salientando ser um motivo claramente justificado para merecer punição, sem tolerância.

4.3 As “Loucuras” e os suicídios em massa

Já vêm de longa data as ações terroristas em que adeptos a organizações políticas e guerrilheiras doam sua vida em ações suicidas, com promessas de recompensas divinas. Possivelmente elas sejam precedidas por discursos persuasivos de alguns de seus líderes, muito embora o idealismo individual possa ter um peso significativo em decisões dessa natureza.

Nada mais estarrecedor do que os suicídios em massa, aos quais a humanidade assiste perplexa e repetidamente. Além das mortes, chama a atenção a capacidade de aglutinamento de alguns desses líderes, de seguidores em situações

simplesmente escalafobéticas. Somente no século passado, a mídia internacional divulgou inúmeros desses acontecimentos bizarros que se sucederam no globo.¹⁶

3.4.4.1 *Ho No Hana Sanpogyo* é uma seita japonesa, conhecida também por “seita da leitura do pé”. O seu fundador, Hogen Fukunaga, afirma ter o poder de diagnosticar doenças ao examinar os pés das pessoas. Fundou a coligação em 1987 e afirmava ser a reencarnação de Jesus Cristo e, se já não bastasse, também de Buda. O grupo já afirmou possuir 30 mil membros. Notícias dão conta de que Hogen cobrava US\$ 900 pelas leituras de pé. Ele foi acusado de fraudar donas de casa e teve que pagar mais de um milhão de dólares em danos. Hoje o nome da seita mudou para “*Yorokobi Kazoku no Wa*”.

No caso da seita acima, como não suspeitar das suas reais intenções, quando há tanto valores financeiros envolvidos numa constante transferência de dinheiro dos fiéis aos seus pastores? Veja-se o relato da Igreja Raeliana:

3.4.4.2 Para os que acreditam que naves espaciais semearam a maioria das religiões, que transferência mental é possível e clonagem pode levar à reencarnação, podem ser candidatos à igreja Raeliana que começou na França na década de 1970. Uma seguidora dessa seita apareceu na mídia em 2003 por haver afirmado que havia concebido o primeiro clone humano, porém, logo em seguida o evento foi avaliado como um trote.

Com tantas fraudes, já de conhecimento público, tal como essa da igreja Raeliana, se um algum dia surgir um fato verídico parecido com essas circunstâncias, como as pessoas se convencerão? Ainda mais que, por si, já teria a condição de ser um acontecimento inusitado, em vista de sua conseqüente estranheza. Na sequência de alguns resgates históricos de loucuras provocadas pela habilidade verbal, estremecem os próprios sentimentos de preservação da espécie, quando há o encontro de informações como no caso do grupo denominado *Corpo de Cristo*:

3.4.4.3 O Corpo de Cristo é um pequeno grupo autoritário que se baseia em “revelação direta” e não na bíblia. Esta pequena seita apareceu nas manchetes por haver levado duas crianças à morte por inanição. Samuel Robidoux, um bebê de dez meses morreu de subnutrição. Ele não foi alimentado porque sua mãe estaria esperando por um sinal de Deus para fazê-lo. O filho de Rebecca Corneau, Jeremiah, morreu logo após nascer por falta de cuidados médicos básicos. Um dos antigos membros deixou o grupo depois de dez anos e deu para a polícia um diário que descrevia o que ocorreu com as crianças.

¹⁶ Alguns dos subitens do Capítulo 4 se basearam na matéria: “As 10 seitas mais malucas do mundo” (INTERNET, 2012).

Pergunta-se: que força extraordinária de argumentação pode ter levado uma mãe a acreditar em algo dessa natureza em detrimento da vida do próprio filho? Por outro lado, de quantos anúncios acerca da segunda vinda de Cristo ou de um anticristo já temos notícia? A Ordem do Templo Solar foi mais um caso:

3.4.4.4 A Ordem do Templo Solar foi criada em 1984 por Luc Jouret, um belga e neonazista. O grupo seria cristão e também conhecido como a segunda vinda de Cristo e os Cavaleiros Templários. Alega-se que uma criança foi sacrificada por pensarem ser o anticristo em 1994, dias depois ele e dúzias de seguidores cometeram suicídio. Os franceses hoje consideram a organização criminosa.

A desarmonia na fala envolvendo sentimentos virtuosos pode levar multidões à enganação e a produzirem revoltas com dezenas de mortos, como foi o caso dos Davidianos:

3.4.4.5 Considerado um dos maiores dissidentes da igreja Adventista do Sétimo Dia, os Davidianos são famosos pela revolta de 1993 no seu complexo *Waco*, no Texas, EUA, que acabou com a vida de 76 pessoas. O evento resultou mais ou menos no desaparecimento do que muitos consideravam uma seita, que acreditava no apocalipse iminente.

No ambiente prisional, se surge alguém com essa capacidade argumentativa e envolvente, é um perigo, pois a possibilidade de acontecerem consequências trágicas é saliente, como foi o caso de Charles Manson:

3.4.4.6 Charles Manson, que aprendeu a tocar guitarra na prisão, formou a sua “família” de criminosos em 1968. Charles pensava que uma guerra de raças entre brancos e negros iria eclodir em 1969. Quando isso não ocorreu ele enviou seus seguidores em uma série de assassinatos para “mostrar aos negros como se fazia”, mas as vítimas eram as pessoas que não o haviam ajudado em sua carreira musical.

Seria uma elevada capacidade de imaginação ou uma loucura coletiva que a fala de Marshall Applewhite conseguiu provocar em seus seguidores? A síntese de mais esse bizarro acontecimento é esta:

3.4.4.7 Os seguidores da seita *Heaven's Gate*, liderados por Marshall Applewhite, pensavam que a Terra e tudo que há nela seria “reciclado” e acreditavam que poderiam pegar uma carona no cometa *Hale-Bopp*, em março de 1997, o que os permitiria sobreviver. Os 39 membros, incluindo Marshall, envenenaram a si mesmos em turnos em uma mansão na Califórnia, vestindo tênis da Nule e tarjas ao redor do braço que diziam “Equipe de Desembarque *Heaven's Gate*”.

Nesse viés, fanatismo e loucura acabam por se confundir quando alguém consegue provocar atos terroristas em nome de algum idealismo ou na esperança de alcançar bênçãos ou poderes extraordinários. Aum Shinrikyo é um exemplo dessa constatação:

3.4.4.8 Fundada em algum ponto da década de 1980, *Aum Shinrikyo* é famosa pelos ataques ao metrô de Tóquio com o gás sarin em 1995, matando 12 e ferindo mais de 5 mil pessoas. As crenças da seita são frequentemente descritas como uma mistura de aspectos destrutivos de várias religiões. Vários seguidores acreditavam que iriam desenvolver superpoderes e outros saboreavam a chance de lutar contra o materialismo japonês.

Uma das mais famosas aberrações coletivas foi provocada pelo Reverendo Jim Jones. Que palavras teria ele utilizado para provocar o suicídio de quase mil adeptos? A notícia aterrorizou o mundo inteiro. Em poucas linhas, o acontecimento se resume desta forma:

3.4.4.9 O reverendo Jim Jones começou a *Peoples Temple* para ajudar os sem-teto, desempregados e doentes de todas as raças, mas ex-membros afirmaram que abusos eram comuns dentro do grupo. Para remover este grupo do olhar examinador da sociedade, Jim começou uma colônia nas selvas da *Guyana*, onde esperava construir uma utopia tropical. Quando um congressista visitou a comunidade juntamente com três jornalistas para investigar alegações de abuso eles foram mortos quando tentavam deixar o local. Depois deste tiroteio 913 membros da comunidade beberam cianureto com suco, em um suicídio em massa. Há registros de áudio e vídeo do evento e muitas pessoas foram forçadas a beber o veneno, incluindo centenas de crianças. (INTERNET, 2012).

Em todos os relatos acima há uma evidência flagrante de que foram precedidos por uma eloquente oratória, diferentemente de outros tipos de suicídio coletivo dos quais se teve notícia, como foi o caso dos 60 suicídios praticados, entre 2008 e 2011, na empresa France Télécom, os quais nitidamente estavam ligados a estratégias violentas de gestão, em busca do resultado. Diferentemente, também, dos pressupostos suicídios de 200 mil proprietários rurais indianos, na década passada, atribuídos à introdução da semente geneticamente modificada Bt Algodão pela empresa Monsanto.¹⁷ Portanto, não é correto afirmar que todo suicídio coletivo é precedido por um eloquente discurso, ao menos de forma direta. Porém, não inviabiliza a observação do seu imenso poder, nesse caso, destruidor e letal.

¹⁷ Índia: Monsanto, suicídios em massa e desestruturação do setor rural. (INTERNET, 2012).

Também não é possível afirmar que esses outros suicídios em massa não sofreram, indiretamente, a influência de uma perspicaz oratória, em algum momento do processo, desde a construção do cenário até a fatalidade. Por exemplo, seria possível se imaginar que a construção de um império empresarial, como é o caso da empresa Monsanto, foi precedida, além de muita competência administrativa, de eloquentes gestores. Logicamente que sendo a estratégia mercadológica a causadora dos males aos proprietários rurais, no máximo, a oratória teria uma culpa indireta e por várias linhas distintas.

Seja como for, esse fenômeno instiga a curiosidade dos cientistas do comportamento, muito embora a produção de conhecimentos sobre esses fatos ainda seja rara.

4.4 Delírios coletivos e o discurso qualificado

O comportamento das pessoas, quando reunidas com outros pares, se modifica em relação ao seu comportamento individual. Isso não é nenhuma novidade, mas alguns esclarecimentos são pertinentes para complementar o contexto referente ao poder da fala, aos seus reflexos e as suas consequências.

O pensamento do filósofo Morin (1969) traça as novas categorias produzidas pela cultura de massas: “O arquétipo converte-se em estereótipo, a forma em fórmula, o ritual em espetáculo e o herói mítico em modelo mimético de consumo.” (p. 33).

Geralmente são artistas, políticos e religiosos os que criam uma legião de seguidores, algumas vezes com comportamentos fora dos padrões convencionais, com a presença de gritos alucinados, o desejo incontido de tocar em seu “ídolo” e assim por diante.

Poderiam ser elencados aqui acontecimentos com comportamentos históricos dos mais diversos, porém, o conhecimento disso é de pleno domínio público, o que por si faz dispensar plenamente essa necessidade. A respeito disso, recomenda-se a obra de Pinsky e Pinsky (2010a), *Faces do fanatismo*, a qual traz uma série de relatos sobre acontecimentos históricos a respeito das barbáreis provocadas por aqueles casos citados.

O fato é que esse poder persuasivo é tão avassalador em alguns casos, o qual mereceria um estudo aprofundado e individual para se estabelecer as variáveis

causadoras desse convencimento que, em alguns casos, se transforma numa idolatria ilimitada.

Qualificação deveria pressupor algo composto de todas as virtudes. Porém, o mercado considera qualificação como sendo uma característica daquele que está preparado para o resultado, para o lucro. O sentido que as e quer dar nessa situação é quanto à sua efetividade, ou seja, a soma da eficiência com a eficácia.¹⁸ Epicteto (2006) concluiu que os que procuram viver uma vida mais próxima da virtude, mais elevada, portanto, passam a compreender o poder moral das palavras. Observou, por outro lado, que o falar reprimido é como um veículo descontrolado. Não é preciso limitar-se a assuntos refinados o tempo todo, tampouco filosofar a todo instante, mas compreender perfeitamente a importância, o significado e a influência da palavra pronunciada é básico para a formação de um bom caráter, para o desenvolvimento e o progresso e, utilizando um termo mais atraente, para o sucesso.

Aliás, são do mesmo Epicteto as afirmativas:

O único e precioso objetivo de todos os nossos esforços é uma vida em expansão no caminho da plenitude. A verdadeira felicidade é um verbo. É o desempenho contínuo, dinâmico e permanente de atos de valor. A vida em expansão, cuja base é a intenção de buscar a virtude, é algo que improvisamos continuamente, que construímos a cada momento. Ao fazê-lo, nossa alma amadurece. Nossa vida tem utilidade para nós mesmos e para as pessoas que tocamos. (2006, p. 70).

Entretanto, infelizmente, a distorção dos valores predomina em nossa sociedade, muito embora a importância desses pressupostos de moral, de felicidade, de busca da virtude; enfim, lamentavelmente, eles estão relegados a planos secundários na vida da maioria das pessoas, e isso é público e notório. Assim, a abordagem que segue centra-se na qualificação do mercado, pura e simplesmente, para que retrate de forma mais fiel a realidade, ou seja, um discurso que produza os resultados esperados. Assim, a proposta é primeiramente dar um enfoque à luz da *episteme*, para, na sequência, pensar sistematica e filosoficamente.

¹⁸ Na ciência administrativa, é entendimento comum de que *eficiência* está ligada ao modo mais rápido, econômico e correto, enquanto a *eficácia* está ligada à capacidade de produzir resultados, lucro. À soma das duas qualidades se atribui o termo *efetividade*.

Winck et al. (2009, p. 14) definem que “a filosofia é a ciência do ser enquanto ser e, em última instância, a ciência do princípio dos princípios, a causa última”.

Para ter-se uma oratória qualificada, é necessário, antes de qualquer coisa, ter a capacidade de formar pensamentos complexos e estruturados. Uma das formas mais eficazes no desenvolvimento intelectual, com influência direta na formação de ideias mais completas ou complexas – construção composta de numerosos elementos interligados ou que funcionam como um todo –, sem dúvida, é a leitura.

É a partir da palavra escrita – um sistema imenso formado por signos que servem para exprimir graficamente a linguagem – que se possibilita ao ser humano aprimorar continuamente sua comunicação.

O falar complexo inclui a personificação de imagens, como explicado por Amossy (2005): o orador deve saber que o ouvinte faz de quem fala, independentemente do locutor fazer ou não, o seu autorretrato. O próprio Aristóteles afirmou em sua Retórica (2005) que “ao caráter moral que o discurso deve, eu diria, quase todo seu poder de persuasão”. (p. 10). Assim, além da própria indução natural, facilitar esse processo, sem sombra de dúvidas, é conveniente. Isto deve ser feito na preleção da retórica, informando aos ouvintes o que é e o que não é. Amossy (2005) aprofunda a questão nestes termos: “É à pragmática ampliada que caberá desenvolver a questão da imagem de si no discurso, principalmente em razão do seu interesse pelas modalidades segundo as quais o locutor age sobre seu parceiro na troca verbal. Na realidade, passamos de interlocução à interação.” (p. 12).

Para poder atingir esse nível de poder, há a necessidade de desenvolver um elevado grau de inteligência emocional. Uma prova dessa necessidade seria imaginar alguém com elevado poder de persuasão pela fala, perdendo o controle por qualquer motivo. O próprio poder elevado de persuasão, por si mesmo, já seria nulo, ou seja, não existiria. Portanto, é uma questão intrínseca, por consequência.

Voltaire (2011) cita Santo Atanásio em seu Livro Primeiro, lembrando que “é uma heresia execrável querer atrair pela força, por espancamentos, por aprisionamentos aqueles que não se pode convencer pela razão”. (p. 88).

4.5 A ética e a linguagem

Na obra *Górgias e a oratória* (PLATÃO, 1986), lê-se que Sócrates já concluíra que a oratória é uma produtora de persuasão. Nessa mesma obra, encontra-se o diálogo com Polo, que questiona se os oradores não dispõem de um poder imenso, na medida em que podem, a seu gosto, confiscar bens, desterrar e executar qualquer cidadão. Sócrates não concorda, distinguindo a ação do seu propósito, já que ingerir a tisana é uma ação, enquanto restaurar a saúde, um propósito. Cita, ainda, Sócrates, que ao tirano pode se afigurar conveniente a prática de violências, mas que nem sempre é assim e que ele pode se enganar. Assim, fazendo o que lhe parece ser o melhor, não realiza o que de fato deseja. Logo, ele não dispõe de um poder imenso ou esse não é um bem.

Aristóteles (2005) diz que a retórica sempre foi uma disciplina flexível, mais preocupada com a persuasão dos ouvintes do que com a produção de formas de discurso. Baccega, em seu livro *Palavra e discurso: história e literatura*, observa isto sobre a questão da ambiguidade:

Poderíamos, talvez, escrever uma com maiúscula e outra com minúscula; sublinhar outra e não uma. Mas para quê? Se sabemos que a palavra só assume seu significado no contexto, no discurso, é ele quem desfará a ambiguidade. E se, porventura, isso não ocorrer, que se mantenha o jogo de possibilidades. (2011, p. 17).

Uma obra que possibilita uma melhor compreensão da palavra, por meio da história, da fala e da articulação do verbo e da proposição, dentre outras coisas, é o livro *As palavras e as coisas*, de Foucault. Ele desenha o contexto da mudança de ordenamento que acontece no discurso ocidental numa época em que se desdobra do Renascimento até o fim do século XVIII e começo do século XIX, época que o filósofo define como um tempo de efetivação da ideologia chamada *modernista*.

A caracterização estabelecida nas chamadas *ciências humanas* e naquelas que ganham o rótulo purificado de *ciências exatas*, também vistas na obra, se destaca por visualizar, no início e na continuidade do humanismo, um fato causador de crise para o próprio discurso científico, de forma geral, mesmo para toda a *episteme* moderna. O texto traz um legado para a história e para o ser humano, como definição e como instrumento e conteúdo para pesquisa. Foucault (1986) acaba cercado, sob todos os aspectos e lados, o debate filosófico. A sua teoria do

discurso é um marco na história, já que elaborou, de forma marcante, um divisor na filosofia.

Essa separação acontece não sem deixar consequências em todas as distintas dimensões do conhecimento. É que toda a magnificência da teoria de Foucault e a própria sequência de seu pormenorizado escrito convergem para definir uma esfera de análise. Ela não autoriza dividir o conhecimento em nenhuma particularidade, sem provocar um legítimo jogo de poder – tão comum nos dias atuais – mesmo que escondido nos meandros filosóficos dos debates.

A particularidade homologa o significante na figura do conceito. Mesmo com isso, todo e qualquer conceito deve ser reconhecido pelas suas restrições para um amplo e verdadeiro saber. A filosofia não é menos ideológica do que qualquer outro campo investigativo, em especial, o campo científico, mas se pode incluir aí a própria história, a religião, a tradição, etc.

Determinar um caminho, um norte, enfim, é importante, mas definir para o próprio saber um lugar privativo de navegação é um delito da filosofia – como é o crime de toda organização positivista do saber –, dolo que surge despido no caminho teórico da análise foucaultiana.

A arqueologia do saber de Foucault (2008), por sua vez, revela aquilo que fica sempre enaltecido pela lógica absoluta do discurso. Sempre está presente nos minuciosos textos de Foucault a questão: a filosofia movimenta-se dominada pelo próprio objeto que a demarcou. Isso está claro na análise do modo como Foucault mede o surgimento do ponto crítico em Kant. Ele propõe o que a crítica kantiana oferece, por uma via transversa, como sendo o principal aparato de legitimação dos discursos de especificidade. Decorre isso porque a crítica cria uma circunstância moral para a preleção, que se eterniza como complemento crítico. O conceito, em sua particularidade, traz o esboço do saber para os jogos de poder.

Nesse direcionamento, o processo histórico se torna uma vítima. Ignorar o aleatório como possibilidade é um confronto ou até mesmo a inviabilização de qualquer reflexão.

A eterna busca pelo saber, a flexibilidade das proposições e sua firme disposição para o jogo são o que a fala filosófica camufla sob a vestimenta de um véu errante, que abriga o seu próprio código. Dessa forma, acaba existindo um inibir do crescimento e até da libertação do conhecimento como objeto de seus vínculos institucionais.

Foucault dá conta de que

a história da loucura seria a história do outro – daquilo que, para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho, a ser, portanto excluído (para conjurar-lhe o perigo interior), encerrando-o, porém (para reduzir-lhe a alteridade). (2007, p. 27).

Analisando sob esse prisma de que partir do *louco* que é o *outro*, como surpresa e como o elemento final em um simbolismo diminuidor da alteridade, pode-se avaliar como isso acontece na oratória atual.

Um dos significantes mais comuns da atualidade é a resposta egocêntrica que os indivíduos comumente apresentam à semântica empresarial, permanentemente presente no discurso com sua coerência de competitividade, mas, no fundo, sem lógica moral.

Esse é o imperativo do discurso atual. A repetição de uma mentira fatalmente confundirá a verdade até então reconhecida como tal. As qualidades da demonstração de um modo de enunciação são integralmente partilhadas no decorrer do tempo, no distender-se concatenado – e sutilmente prevenido aos desmandos – da animação infinita das falas e dos sintomas decorrentes.

Esse contexto de uma brutal competitividade levará cada vez mais adiante o avanço individualista? Quem surge como espelho para o moderno nas composições mercadológicas?

O que seria normal, ordinário, para quem é egoísta ou egocêntrico? No individualista, é possível refletir-se acerca da alteridade?¹⁹ Os espectros da loucura perseguem o indivíduo moderno em seu espelho em sociedade, na medida em que só há valor e importância na sua própria individualidade ou o que dela se produzir. Conclui-se que para o ser humano atual o *louco* não é o *outro*, mas são os *outros*. Sendo todos os *outros* loucos, eis que se apresenta uma normalização da marginalização da alteridade.

Constata-se, assim, que, na dialética da normatização pré-moderna, não havia a figura do derrotado, porque o grande delito é incluir o *louco*. Hoje, quando predomina o individualismo, o que se vê é uma união de loucos, quando as grades

¹⁹ Situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença. Relegada ao plano da realidade não essencial pela metafísica antiga, a alteridade adquire centralidade e relevância ontológica na filosofia moderna (hegelianismo) e esp. na contemporânea (pós-estruturalismo). (HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009).

já são mera fantasia, e os espectros não mais cogitam, mas espantam, está delineado o fim da alteridade para o indivíduo. Temos, assim, a antítese que agora não nega mais, mas intimida; uma exclusividade excludente.

4.6 A fala e a virtude

Sobram observações, mesmo que geralmente apenas pontuais, de grandes pensadores, grandes filósofos, grandes educadores e especialistas em comportamento sobre a importância da fala. Porém, um tratamento mais profundo, mais conclusivo, mais completo, mais embasado na própria realidade seria mais apropriado ao assunto.

É possível elaborar a afirmativa de que o estudo sobre a magia que a palavra exerce sobre as pessoas é praticamente inexistente, porque tudo que se encontra produzido não aborda esse foco, ao menos com a dimensão que é merecida.

Sabe-se que a interligação da retórica com os componentes espirituais da vida é muito grande. Isso explica, inclusive, a grande influência do discurso nas religiões, tanto que o próprio clamor popular indaga até que ponto todas essas religiões têm realmente fundamentos espirituais ou são só econômicos. Aliás, por que, invariavelmente, os comandos centrais dessas religiões são extremamente ricos economicamente e, aparentemente, pobres em espírito?

Entretanto, independentemente da fé ou do credo religioso, é inegável a importância de cultivar os valores espirituais na vida, na realidade, vitais para a consciência humana. E isso tem sido relegado, corroído por ataques sucessivos e violentos pelo implacável avanço do materialismo científico.

Este é um trabalho que poderá colaborar para, não só motivar o surgimento de grandes oradores, mas também ao esclarecimento popular. Afinal de contas, ao findar esta reflexão, pode-se levantar uma série de questionamentos, como, por exemplo: há algum truque, alguma magia, algum método altamente eficaz para arrastar multidões até mesmo ao suicídio?

Os fatos e dados aqui apresentados contêm fortes indicativos da viabilidade de se tratar a oratória mais seriamente. Por que não fazer dela uma disciplina aplicada já nos primeiros anos do Ensino Fundamental? Seja como for, clama-se por acender a luz na escuridão em que a grande maioria dos seres humanos se

encontra, invariavelmente manipulada e iludida pelo poder. De uma forma objetiva, é possível concluir que a vida, de modo geral, tem sido uma grande ilusão.

Mas isso já é outra história, mesmo que o engano aconteça pela pronúncia categórica e com maestria de oradores que servem aos desinteresses populares.

Concluindo-se pelo significativo poder que a fala pode exercer, nos mais diversos setores da vida, nada mais elementar do que se referir à importância de uma coexistência absoluta com a virtude, com os valores mais nobres da vida.

Nesse elo entre a fala e a virtude, é possível fazer uma analogia com a energia nuclear, que devido a toda sua potencialidade e utilidade para a humanidade é de uma importância ímpar, mas, por outro lado, há sempre o risco de sua utilização para a produção de bombas nucleares.

Com essa relação se pode exemplificar a real importância entre o dom do falar complexo e a virtude. Se, por uma via, é possível arrastar multidões pelo poder da oratória, por outro, o caminho será determinado pela estrutura moral, pelo caráter de quem liderar esse processo.

Exatamente por essa questão, não há como destacar toda essa força em potencial, sem falar em Aristóteles, sem avaliar o que o filósofo ensinou sobre virtude, sobre ética. Sobre isso, Nodari é enfático:

O estudo do pensamento de Aristóteles é fundamental ao estudo da ética. Ninguém consegue escrever e falar de ética sem falar e tratar de Aristóteles, seja para inspirar-se, seguir ou criticar sua concepção. Aristóteles foi o grande sistematizador da ciência ocidental. O ponto de partida de Aristóteles é a reflexão acerca da ciência. Divide o saber em teórico, prático e poético. (2010, p. 13).

Ética, antes de tudo, é comportamento, e se espera que esteja absolutamente coerente, consoante a moral. Espera-se, e seria no mínimo prudente imaginar, que o desenvolvimento dessa habilidade da retórica, que é a arte da eloquência, ou de bem argumentar, de falar com toque de liderança, não ocorra sem alicerces estruturados nas virtudes e que conduzam as multidões para o bem. Porém, se sabe que a vida é composta, basicamente, da dualidade: bem e mal, até porque nem saberíamos o que é o bem se não existisse o mal. É uma escola, com certeza! Parece, por fim, que nem todos serão aprovados, mas alguns o serão e com louvor.

4.7 A felicidade e a virtude

A existência inexequível do mal, além do bem, nessa dança da dualidade em que se compõe a vida, não deve subtrair a busca da felicidade. Por que alguém abdicaria disso? O equilíbrio, se conclui, é o principal caminho a ser buscado por todos. Huxley (1979) afirma que estar superexcitado é ainda estar insatisfeito, e que o êxtase admitido é o êxtase calmo da perfeição atingida, da paz, não da simples saciedade do nada, mas da vida em equilíbrio, das energias em repouso e contrabalançadas.

Foley (2011) defende que a felicidade costuma ser vista como um estado permanente; na verdade, só pode ser alcançada ocasionalmente e cita a filósofa Arendt, que argumentou que a condição humana é um ciclo de exaustão e renovação, de modo que os altos só são possíveis depois dos baixos, e que qualquer tentativa de se manter permanentemente no alto está destinada ao fracasso. O mesmo Foley afirma que

a maior virtude estoica²⁰ é o desapego – se não é possível influenciar o mundo, pelo menos é possível moderar a influência do mundo sobre o ser – , mas o propósito desse desapego é entender e não desdenhar. E ele não implica retrocesso ou indiferença fatalista. A estratégia estoica não é evitar a experiência ou aceitá-la passivamente, mas transformá-la em outra coisa. (2011, p. 49-50).

Por sua vez, Teixeira (2006) contribui com a definição de felicidade, explicando que uma das melhores coisas da vida são os pensamentos agradáveis e que se deve procurar tê-los ao máximo, já que a felicidade está intimamente ligada a eles. É o próprio Teixeira (2006) quem diz que a felicidade não depende de ocorrências externas, mas de intenções internas e, citando Victor Hugo, apresenta a afirmativa de que a grande felicidade na vida é sentir que somos amados como somos. Cita, ainda, Teixeira (2006), que a felicidade não é um destino e sim uma viagem com a duração da vida inteira.

²⁰ Nota do autor: estoicismo [De *estoico* + *-ismo*.] Substantivo masculino. 1. Filos. Designação comum às doutrinas dos filósofos gregos Zenão de Cício (340-264) e seus seguidores: Cleanto (séc. III a. C.), Crisipo (280-208) e os romanos Epicteto (c. 55-c. 135) e Marco Aurélio (121-180), caracterizadas, sobretudo, pela consideração do problema moral, constituindo a ataraxia o ideal do sábio. 2. Austeridade de caráter; rigidez moral. 3. Impassibilidade em face da dor ou do infortúnio. (*Novo Dicionário Aurélio*. 3. ed. Edição eletrônica: Positivo Informática, 2004).

Para não enaltecer apenas um lado de forma absoluta, menciona-se Nietzsche (2011) que a considera bizarra e diz ter contra si todos os instintos dos helenos mais antigos, a famosa e, por que não afirmar, genial fórmula socrática de razão = virtude = felicidade. Cícero (2001) observa que não há felicidade sem uma boa constituição política; não há paz, não há felicidade possível, sem uma sábia e bem organizada República. Sêneca (2011) afirma que a felicidade se constrói através da razão, da retidão, da harmonia com o universo. Na interpretação da obra *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, Kraut sustenta que

Foi de certa forma menos controverso (ainda que não seja unanimemente aceito) que na *Ética Eudêmia* Aristóteles adota uma concepção pluralista da felicidade que inclui todas as virtudes, tanto as intelectuais quanto as do caráter e, no interior das primeiras, tanto as práticas quanto as teóricas. No final do argumento da função própria no Capítulo 1 do Livro II da *Ética Eudêmia*, Aristóteles conclui: Ora, uma vez que há um acordo de que a felicidade é algo completo e de que uma vida pode ser completa ou incompleta – e isso vale também para a virtude (em um caso, ela é o todo; em outro, uma parte) – e a atividade do que é incompleto é em si mesmo incompleto, a felicidade deve ser a atividade de uma vida completa de acordo com a virtude completa. (1219 a 35-9) E um pouco depois, nesse mesmo capítulo, Aristóteles parece sugerir que a virtude completa inclui tanto a prática quanto a teórica: Assim como o bem-estar físico é feito das virtudes das muitas partes, o mesmo ocorre com as virtudes da alma, na medida em que ela é um todo completo. A virtude é de dois tipos, virtudes do caráter e virtudes intelectuais, pois valorizamos não apenas o justo, mas também o inteligente e o sábio [sophous]. (2009, p. 30-31).

Com esses depoimentos e interpretações, é óbvio concluir que a felicidade está embutida na virtude e, sem ela, nada tem consistência e valor para a sua autenticidade e efetividade. Importante é salientar que toda referência à felicidade, aqui feita, refere-se à felicidade autêntica, plena, e não a uma alegria momentânea, pois essa é fugaz e não interessa a esta reflexão.

Por outro lado, importante também é deixar registrado que nunca se imagina uma felicidade plena e constante, pois a dualidade da vida impede que qualquer coisa ou fato seja perene. Tudo, como a própria vida, é efêmero, até mesmo os momentos que, em outras palavras, se podem definir como fases.

5 POSTURAS E VALORES ÉTICOS

Ética é reflexão e nunca se constituirá em um conjunto de normas e sim de juízos de valor. A raiz da ética é de natureza antropológica²¹ e tem como objeto o homem inserido verdadeiramente na vida prática. Mas é, também, ontológica²² porque tem como objeto o posicionamento do ser humano, que exige meditação, escolha e apreciação de valores. De forma simplificada, significa *comportamento*. Como será a conduta diante da moral?

A ética estaria entrando na moda? Parece que o mercado global está sendo pressionado pelos consumidores que, cada vez mais, devem ter uma postura mais ética. Um desses sintomas é a infinidade de códigos de ética empresarial e até mesmo de apelos comerciais enfatizando a ética como um padrão destacado, como referência ou justificativa, para escolha de produtos ou serviços ofertados.

Por outro lado, boa parte do comportamento atual parece atribuir à moralidade um padrão desatualizado. Singer (2002) entende que algumas pessoas veem-na como um sistema de irritantes proibições puritanas, as quais teriam uma função ultrapassada, qual seja, a de impedir que as pessoas se divirtam. É possível acrescentar que esse impedimento serviria até para impedir a realização do próprio sentimento de felicidade. Weber (1985), referindo-se ao fato de somente no Ocidente existir uma ciência num estágio válido, reconhece que, mesmo assim, o conhecimento empírico, as reflexões sobre o universo e a vida, bem como a sabedoria filosófica e teológica, não estão aqui confinadas. Enfim, o saber está

²¹ Antropologia (do gr. *anthropos*: homem, e *logos*: teoria, ciência) I. Ciência do homem ou conjunto das disciplinas que estudam o homem.

2. Antropologia física: conjunto das ciências naturais que estudam o homem enquanto animal.

3. Antropologia cultural: ciência humana que tem por objeto de estudo as diferentes culturas e que investiga mais especialmente as chamadas sociedades primitivas. Englobando a etnografia e a etnologia, estuda as diversas culturas do homem em sua referência aos diferentes meios sociais. Nesse sentido, pode ser considerada o conjunto das disciplinas que investigam os agrupamentos humanos tanto sob o ângulo dos tipos físicos e biológicos como das formas de civilização atuais e passadas.

4. Antropologia filosófica: “Conhecimento pragmático daquilo que o homem, enquanto ser dotado de livre-arbítrio, faz, pode ou deve fazer dele mesmo.” (KANT). Para Kant, a antropologia divide-se em: antropologia teórica (ou psicologia empírica), que é o conhecimento do homem em geral e de suas faculdades; antropologia pragmática, que é o conhecimento do homem centrado em tudo aquilo que pode ampliar sua habilidade; antropologia moral, que é o conhecimento do homem centrado naquilo que deve produzir a sabedoria na vida, conforme os princípios da metafísica dos costumes. (JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001).

²² Ontológico, segundo o Dicionário Houaiss, é relativo a ou próprio da ontologia, a investigação teórica do ser; no *heideggerianismo*, relativo ao ser em si mesmo, em sua dimensão ampla e fundamental, em oposição ao ôntico, que se refere aos entes múltiplos e concretos da realidade.

distribuído pelo Planeta, e a compreensão e a aceitação da moralidade são restritas, talvez pelo próprio não enfoque dos valores virtuosos pelos materialistas.

Salienta-se que a ética dos gregos não é a ética das virtudes atuais, já que a primeira se referia ao caráter e à postura, enquanto hoje, ela não deixa de ser um conjunto de valores e seu comportamento.

5.1 Conceitos *versus* pensamentos

A imaginação é mais importante que o conhecimento para o conhecimento, porque enquanto o conhecimento reduz, a imaginação transcende no tempo e no espaço. Não se conhece outra saída do tempo que não seja a morte. Ter isso presente nos distancia no tempo. Enquanto estamos presos nesse espaço, o ser humano é um ser errante, pois anda pelo acaso, vagueia pela vida, articula palavras, esboça movimentos e ações e navega em pensamentos. A faculdade de racionalizar, bem como a de se emocionar, é uma atividade humana, e invadir essa manifestação é que se pode chamar de *pensamento*.

Com o poder de pensar e de racionalizar, é possível compreender a essência dual da existência que, entre tantos aspectos dessa dualidade, está o bem e o mal. O estudo e análise disso se tornaram objeto da ética.

O modelo de pensamento científico está calcado em conceitos e definições sobre atos, fatos e dados. Sendo assim, há uma delimitação natural do entendimento, cujo significado expresso em acepções traduz, mas também reduz a compreensão, pela delimitação que lhe é dada. Por mais complexa e completa que seja a definição, ela abrevia um entendimento que, por sua vez, infinitamente, poderia ser aprimorado. Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que o esclarecimento só reconhece como *ser* e *acontecer* o que se deixa captar pela unidade. A questão não é substituir o saber pela imaginação e sim destacar que a reflexão tem uma importância mais significativa para o conhecimento do que ele próprio, em si. Primeiro porque ele já existe e, segundo, porque é somente pela meditação que se poderá avançar.

Também não se trata de hipótese de uma má ou incompleta formulação de um conceito, mas da existência desse conceito – mesmo com profundo rigor e princípios – comparativamente à busca de alternativas mais reflexivas, mais amplas. Será que procurar substituir algumas definições por alguns meros termos não seria

mais inteligível, na medida em que eles próprios poderiam significar uma inspiração para a reflexão?

Os críticos dirão que a indagação acima não procede ou que não tem fundamento, pois não seria possível dispensar a formulação de raciocínios complexos, de forma expressa em definições e conceitos. O olhar sob esse ângulo também tem sua ampla verdade, evidentemente. Porém, nos níveis mais elementares, mais primários do saber, há um espaço flagrante para a opção da diminuição ou, até mesmo, da omissão desses conceitos em troca de poucos e simples termos. Facilita o entendimento na medida da sua necessidade e, na escala evolutiva, o evidente imperativo de uma redação mais ampla e complexa, pode-se afirmar seria inevitável. Entretanto, de volta ao ponto da mais profunda sabedoria, expressa com rigorosa preciosidade de princípios e valores, comparada com uma simples tradução em termos reduzidos, sempre haverá a batalha do conhecimento *versus* a imaginação.

O fato de que o estudo da ética não detém a preferência da maioria dos alunos²³ e de que “a ética dever ser aplicável na vida concreta” (RABUSKE, 1997, p. 67), mereceria uma preocupação maior dos pedagogos ao proceder ao ensino da ética. Para a filosofia, como um todo, o repensar da sua metodologia de ensino seria extremamente complexo, porém para a ética, isoladamente, uma reflexão acerca dos seus métodos de ensino poderia resultar numa mudança que proporcionasse uma aproximação dos estudantes.

5.2 A filosofia, a ética e a história

Na Antiguidade, a filosofia se confundia com a ciência. Os filósofos eram cientistas. A partir do século XVII, vários ramos do conhecimento se desvencilharam da filosofia e se constituíram em ciências independentes com técnicas e métodos próprios. Hoje, portanto, já não há essa confusão, porém se compreende perfeitamente que tudo antes passa pela filosofia. Assim, até mesmo a existência de uma ciência é antecedida pela filosofia, que, antes de tudo, pensa e reflete. No momento em que ela começa a concluir sobre um novo tema, poderá estar nascendo uma nova ciência.

²³ É a percepção do autor como aluno e como docente.

A ética é um ramo da filosofia, apêndice esse que muitos entendem já ser uma ciência como é o caso de Vázquez (2008) que afirma ser a ciência da moral, ou seja, a ciência de uma forma específica de comportamento humano. Outros ainda não a percebem assim. Aparentemente, essa é a tese mais comum, como encontrada textualmente na Wikipédia (INTERNET, 2011), que explica que “a ética é uma filosofia, não uma ciência”. Porém, como ciência ou como uma ramificação da filosofia a sua profundidade é imensa. E não há dúvidas de que a filosofia, compreende a área mais complexa do conhecimento, dentre todos os campos existentes na academia.

Por ser assim, o senso comum tem enorme dificuldade de compreender a ética. Exatamente por essa realidade, um bom desafio seria ousar e estabelecer um propósito de trazer para o nível da compreensão comum o que realmente significa a ética, a moral, a diferença que há entre as duas, os fundamentos e princípios da ética e da moral.

Obviamente que ao trazer essas questões ao nível básico, inevitavelmente, se reduziria o conteúdo, o que as deixaria distantes dos seus profundos significados, mas ajudaria por demais o início de um entendimento mais adequado do seu verdadeiro significado.

Poder-se-ia ilustrar que seria o começo de uma construção e pelas suas bases, para, num segundo momento, se ater à cobertura e para, finalmente, partir para os acabamentos (detalhamentos).

Na *pólis* grega, a formação ética do cidadão aparecia como uma exigência política, conforme narra Faria

Talvez esse seja um dos principais traços distintivos entre a Antiguidade e a Idade Moderna nas sociedades ocidentais. Na Grécia a ética não está encerrada no âmbito da consciência individual, restrita ao campo “privado”. Ela diz respeito ao comportamento do homem, ao modo como lida com suas paixões e afetos, uma vez que esses comportamentos se refletem sobre a *pólis* e são para ela causa de corrupção, fragilidade, decadência, ou, ao contrário, de integridade e força. (2007, p. 19).

Em 1514, Maquiavel inaugurou o pensamento político moderno com sua obra *O Príncipe*. Ao contrário dos teólogos que tinham sempre como ponto de partida a Bíblia e dos renascentistas que partiam das obras dos filósofos, Maquiavel partiu da sua experiência, vivenciada durante o seu tempo. Foi quando se separou,

historicamente, a ética da política. Destaca-se a narrativa de MacIntyre sobre um momento histórico da evolução da moral:

Foi nos séculos XVII e XVIII que a moralidade passou a ser entendida em geral como oferecendo uma solução para os problemas gerados pelo egoísmo humano e que o conteúdo da moralidade passou a ser igualado ao do altruísmo, pois foi nesse mesmo período que os homens passaram a ser vistos como se fossem, num grau perigoso, egoístas por natureza; e só quando consideramos a humanidade perigosamente egoísta por natureza que o altruísmo se torna, de imediato, socialmente necessário, porém obviamente impossível e, se e quando ocorre, inexplicável. Na tese aristotélica tradicional, tais problemas não surgem, pois o que a educação das virtudes me ensina é que o meu bem como homem é o mesmo que o bem dos outros, a quem estou unido na comunidade humana. (2001, p. 383).

No século XIX, Nietzsche foi o balaústre para a exterminação do edifício ético que existiu por 19 séculos, defendido pelos grandes mestres da cultura cristã.

O século XX viu o fim de um tempo, acelerando o combate contra a tradição judaico-cristã. Caracterizou-se pela perseguição a cristãos e a judeus e, de uma forma geral, a ética judaico-cristã. Foram 5 milhões de judeus mortos pelo regime nazista, e a isso se juntaram as perseguições do regime soviético, durante quase sete décadas, a Igreja Ortodoxa russa, durante quase sete décadas, provocando várias dezenas de milhões de mortos.

Por fim, se nota que a moral, lentamente, se modificou com o passar dos tempos. A ética, por sua vez, hoje, ocupa um espaço até menor que na *pólis* grega, mesmo depois de passados 2 mil e 500 anos e, o mais impressionante, é a sua desconsideração como possibilidade de felicidade.

Será que a humanidade não estaria apta para dar mais um salto evolutivo, incorporando a ética como um padrão necessário e básico para a vida?

5.3 A ética, a razão e a felicidade

A razão é a essência natural do homem, fato que lhe possibilita alcançar a felicidade e a virtude, ou seja, obtém a felicidade mediante a virtude, que, por sua vez, é uma atividade segundo a razão, isto é, uma ação que implica o saber racional. Logo, o fim do homem é a felicidade, para o que é necessária a virtude, e a essa é necessária a razão. A característica fundamental da moral aristotélica é, portanto, o racionalismo, visto ser a virtude uma ação consciente segundo a razão,

que exige o conhecimento absoluto, metafísico, da natureza e do universo, natureza segundo a qual e na qual o homem deve operar.

É necessário considerar que um comportamento ético legítimo decorre quando as melhores atitudes são adotadas com base na virtude, por uma preferência pessoal e não pelo medo de punição. A propósito, o próprio Aristóteles (384-322 a.C.) estimava o desejo humano e o seu empenho na direção de bons costumes.

A ética está sempre no meio, entre os deveres de um lado e os direitos de outro. Ela se estabelece como condição básica para a arte da virtude e o exercício da cidadania.

5.4 A ética, as necessidades e os valores

Por um lado, tem-se o lucro como sendo o objetivo maior de uma organização empresarial, porém, tem-se a felicidade²⁴ como objetivo maior das pessoas que são os membros dessa mesma organização.

Sem a presença adequada dos valores na vida das pessoas, será natural que o predomínio dos interesses econômicos-financeiros leve o ser humano ao caos, em virtude do desequilíbrio emocional decorrente da falta de estabilidade, de bases sólidas. Assim, compreendendo adequadamente a importância da virtude, através de um processo sistematizado de educação, a relevância científica se comprovará pela conseqüente alteração nas atitudes e até por contribuir para uma possível transformação cultural.

Por outro lado, mesmo que no plano teórico seja uma “crença verdadeira e justificada”,²⁵ sempre será uma base consistente para consulta e análise, constituindo-se, portanto, em instrumento ou ferramenta à disposição de quem por ela possa se interessar.

Pretende-se dar uma contribuição social através deste estudo, já que ele consiste em demonstrar²⁶ que uma nova cultura, baseada em conduta ética, levará as pessoas a um novo estágio comportamental, com um espaço²⁷ maior para os

²⁴ A felicidade é algo final e autossuficiente, e é o fim a que visam as ações. (Aristóteles).

²⁵ Definição tradicional de Platão para ciência.

²⁶ Tornar evidente através de provas; comprovar. (*Dicionário Houaiss*, 2009).

²⁷ Sem deixar de compreender o aspecto dual da existência, o que decorre é aceitar que a infelicidade sempre será um elemento presente em nossa vida.

sentimentos de alegria e de paz e, conseqüentemente, elevará o padrão e a qualidade de vida. O que torna interessante essa proposta é que isso se dará em todos os estratos da sociedade, podendo se transformar, observando-se o tempo adequado²⁸ em uma nova cultura, mais refinada e alinhada com a virtude.

Aranha (2006) menciona que cada geração assimila a herança cultural dos antepassados e estabelece projetos de mudança. Conclui, ainda, que estamos inseridos no tempo: o presente não se esgota na ação que realiza, mas adquire sentido pelo passado e pelo futuro desejado.

A partir do momento em que houver um entendimento adequado da virtude e, por decorrência, a possibilidade de uma autorrealização pessoal no nível demonstrado por Maslow, conforme apresentado na figura 1, estará configurada a motivação necessária para o estabelecimento de atitudes coerentes com essa nova compreensão.

Sem essa compreensão, os caminhos para se atingir o nível apresentado na hierarquia das necessidades, passam por situações tortuosas de combate consigo mesmo e com os outros. Enquanto se visa a atingir a realização, as atitudes estão na direção da obtenção do lucro financeiro e de poder, com a ilusão de que isso as levará à felicidade. Até é possível admitir-se dar alguma importância aos bens materiais, mas enquanto a estima devotada a isso continuar a se sobrepor à virtude, esse descompasso naturalmente explica o ambiente de plena batalha, gerando conseqüências emocionais que produzem infelicidade. A caracterização do contexto de alta competitividade se coaduna com essa situação, na medida do aumento paulatino e significativo de casos de depressão,²⁹ e evidencia, dessa forma, que está plenamente caracterizada a necessidade de que ocorrem mudanças nesse quadro.

²⁸ É compreensível e de entendimento geral que uma nova ação educacional demanda um tempo considerável para provocar uma alteração no padrão de comportamento da condição humana. É necessário que o ser humano encontre, desde o nascimento, um padrão estabelecido no seu meio ambiente, o que fará com que ele o assimile e imite.

²⁹ Para o médico do Trabalho da SaFeMed, Fábio Eduardo Veiga Lopes, o que vem aumentando não é a depressão tida como grave, mas a chamada Síndrome de Bournout, que pode ser compreendida como uma forma de depressão associada ao ambiente de trabalho. “É um transtorno grave de tensão emocional crônica relacionada ao trabalho, em que o estresse chega às últimas conseqüências e leva o organismo ao esgotamento por exaustão. Clinicamente, o indivíduo torna-se improdutivo, irresponsável, indiferente, desatencioso, frio emocionalmente, embotado e empobrecido em seus vínculos afetivos e laborais”, explicou. Disponível em: ai5piaui.com Notícia sem censura: <<http://bit.ly/arlkxr> Acesso em 06.06.2010>. Acesso em: 6 jun. 2010.

Figura 1 – Hierarquia das necessidades de Maslow



Fonte: Internet (2010).

Essa situação que se pode denominar de caos, pois se caracteriza por um estado de completa desordem emocional, por si seja demonstra que algo precisa ser alterado e, assim, comprova-se a existência de um rumo mais adequado, e a contribuição social estará plenamente qualificada como viável e, sobretudo, relevante.

Nessa mesma direção, vale destacar a importância de o ser humano aprofundar seu comportamento ético, polir a sua conduta, como, por exemplo, ter a noção à qual Sócrates (469-399 a.C.) se referia, ao comentar com Polo, que sofrer injustiça é pior, mas que cometê-la é ainda mais vergonhoso. (PLATÃO, 2007, p. 85).

Marcondes discorre sobre o assunto:

Dois pontos fundamentais emergem da discussão platônica sobre questões éticas. O indivíduo que age de modo ético é aquele que é capaz de autocontrole, de “governar a si mesmo”, como vemos em Górgias. Entretanto, a possibilidade de agir corretamente e de tomar decisões éticas depende de um conhecimento do Bem, que é obtido pelo indivíduo por meio de um longo e lento processo de amadurecimento espiritual, “a ascensão da alma”, tal como descrita no Mito da Caverna. (2007, p. 16).

Também se pode salientar que a evidência³⁰ das virtudes se sobrepõe a qualquer outro valor intrínseco. Sendo assim, a contribuição vai além da sua proposta original, pois deixa posto, mesmo que apenas “na atmosfera”, verdades e possibilidades práticas de avançar ainda mais no estado de felicidade. Na medida em que se demonstrará que se, concomitantemente, com um padrão ético elevado, o pleno desapego³¹ estiver sendo praticado – mesmo que pareça totalmente utópico para o padrão comportamental atual – a felicidade será um sentimento predominante.

5.5 A ética e a contemplação

Os relatos históricos de personagens que cultivaram a ética em níveis elevados direcionam a que se conclua que essas vivências contemplativas nos aproximam de Deus. O próprio diálogo em Fédon (ou da alma), entre Sócrates e Sírmias, relata a convicção do próprio Sócrates, prestes a beber do veneno a que fora condenado, de que estaria partindo para uma viagem ao encontro do divino.

Desde lá, a semelhança de situações idênticas, para qualquer pessoa, em qualquer tempo, conduz, inevitavelmente, para essa certeza. Necessariamente, não vem ao caso proposto neste trabalho, mas o fato ilustra sobremaneira o estado de espírito que envolve as pessoas que têm o hábito de tratar investigativamente do bem e do mal e de buscar um modo de tirar dele o melhor caminho, o melhor comportamento.

³⁰ Evidência, mas que, na verdade, estará comprovado no trabalho, o que é, então, um fato concreto e esclarecido. Apenas prefere-se utilizar esse termo, neste momento, porque o objetivo da dissertação não é o de demonstrar e propor que o total desapego às coisas mundanas seria o mais sensato, muito embora o seja.

³¹ Não é somente no sentido que Diógenes de Sínope, que por volta de 400 a.C., pregava essencialmente o desapego aos bens materiais e externos. (WIKIPÉDIA, 2010). É desapego na ampla definição da palavra, ou seja, desapego a tudo, não somente aos bens materiais e externos, porém sem deixar de querer, de amar, etc. É desapego a própria palavra *desapego*, conforme afirma Weill (1999).

“Fantasia da Separatividade’. Trata-se de uma ilusão, de uma miragem, que consiste em nos perceber como separados do mundo exterior, como se não tivéssemos nenhuma relação com este. As consequências desta ilusão são o desenvolvimento de emoções destrutivas tais como o apego a tudo que nos dá prazer neste mundo exterior e a rejeição e raiva contra tudo que nos ameaça de dor e sofrimento. São estas as maiores causas de tensão e stress o qual leva à doenças, a sofrimentos os quais reforçam ainda mais a fantasia da separatividade. As pessoas entram assim num círculo vicioso em que repetem compulsivamente o mesmo comportamento.” Weill explicando sobre a normose em seu *site* Pierre Weill – Brasil. Disponível em: <<http://www.pierreweil.pro.br/Novas/Novas-43.htm>>. Acesso em: 6 jun. 2010. É um pleno desapego, mas equilibrado, de forma que nada se despreze e, muito menos, que se deixe de amar.

Evidentemente que para um ateu essa premissa não se enquadra pela obviedade natural da inexistente crença num ser superior. Porém há que se imaginar que, para esses, mesmo não crendo numa viagem em direção ao divino, haverá, em várias circunstâncias, um ponto em comum entre eles, uma situação que os leva para além da contemplação. Certamente, o próprio estado de espírito elevado nessa mesma dimensão será um estado alcançado. Isso também contribui e soma para a conclusão de que o fim do caminho, seja de uma ou de outra forma, é sempre nobre.

5.6 O comportamento e a ética

Definitivamente, é possível deduzir que todas as pessoas pensam que são boas, ou pelo menos, a imensa maioria pensa. Porém, todos possuem pontos cegos, que a nossa autocrítica não consegue enxergá-los. Bazerman (2011) refere que, frequentemente, nosso comportamento ético é inconsistente e que, às vezes, nos comportamos de modo contrário às nossas melhores intenções éticas. Sempre há um bom motivo para justificar as atitudes, sejam elas quais forem.

Carnegie³² (1981) relata histórias muito interessantes a respeito do comportamento e do pensamento de algumas pessoas singulares, as quais vêm ao encontro exatamente dessa dedução. Carnegie (1981) conta que no dia 7 de maio de 1931 a cidade de Nova York presenciou a mais incrível caçada humana à que aquela cidade havia assistido. Depois de semanas de procura, *Crowley* – alcunhado *Two Gun*, o assassino que não fumava nem bebia – fora localizado e cercado no apartamento de sua namorada em *West End Avenue*. Nada menos que 150 policiais e detetives dirigiram o cerco ao seu esconderijo no último andar do prédio. Após abrirem buracos no teto, procuraram alcançar *Crowley*, o “Rei dos Matadores”, com gás lacrimogêneo. Armaram então suas metralhadoras nos edifícios vizinhos, e, por mais de uma hora, uma das zonas residenciais mais finas de Nova York esteve em rebuliço com os tiros de pistolas e das metralhadoras. *Crowley*, agachado atrás de uma cadeira, atirava incessantemente contra a polícia. Dez mil pessoas emocionadas assistiam à batalha. Nada parecido havia sido visto antes nas ruas de Nova York. Quando *Crowley* foi capturado, o comissário de polícia *Mulrooney*

³² Expert em cursos para desenvolvimento pessoal e profissional, Dale Carnegie (1888-1955) escreveu: *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, em 1936 e, desde então, vem inspirando milhões de pessoas por todo o mundo.

declarou que *Two Gun* era um dos elementos mais perigosos na história do crime em Nova York. “Ele matará”, disse o comissário, “no cair de uma pena”. Mas como *Crowley*, o *Two Gun* considerava a si mesmo? Nós o sabemos, porque enquanto a polícia estava atirando contra o seu apartamento, ele escreveu uma carta endereçada “a quem possa interessar”. E, ao escrevê-la, o sangue que corria de um dos seus ferimentos deixou um rastro carmesim no papel. Nessa missiva, *Crowley* disse: “Debaixo do meu casaco há um coração fatigado, mas bondoso – um coração incapaz de fazer mal a qualquer pessoa.” Pouco tempo antes, estava *Crowley* namorando a garota numa estrada, no campo, em *Long Island*. Subitamente um policial dirigiu-se para o carro estacionado e pediu: “Deixe-me ver sua licença.” Sem dizer uma só palavra, *Crowley* sacou sua arma e derrubou o policial com um tiro. Quando a moribunda autoridade caiu, *Crowley* saltou do carro, tirou o revólver do policial e deu outro tiro no corpo, que já se achava prostrado. E era esse assassino quem dizia: “Debaixo do meu casaco há um coração fatigado, mas bondoso – um coração incapaz de fazer mal a qualquer pessoa”. *Crowley* foi condenado à cadeia elétrica. Ao chegar à câmara da morte, na prisão de *Sing-Sing*, teria ele exclamado: “Isto é o que consegui por matar pessoas?” Em absoluto. Ele disse: “É o que consegui por defender-me.”

Carnegie (1981) destaca que o ponto interessante do caso é que *Two Gun* não se culpava por coisa alguma. O autor pergunta se essa atitude é pouco comum entre os criminosos. Em resposta, ela relata outro acontecimento, selecionando uma frase: “Passei os melhores anos da minha vida proporcionando os mais verdadeiros prazeres ao povo, ajudando-o a divertir-se, e tudo o que consegui com este meu gesto foi insultos e a existência de um homem caçado.” Relata Carnegie (1981) que quem pronunciou a frase foi nada mais, nada menos que *Al Capone*, o até então inimigo público número um da América do Norte, o mais sinistro chefe de *gangsters* que já aparecera em *Chicago*. *Al Capone*, definitivamente, não se condenava. Julgava-se um legítimo benfeitor público – mal-apreciado e malcompreendido.

E Carnegie (1981) continua seus relatos de histórias semelhantes para demonstrar o sentimento de cada um, um verdadeiro tesouro para a análise do comportamento humano.

Se cada um analisasse as pessoas que conhece certamente se aproximaria muito dessa mesma conclusão. Aliás, nada melhor que a nossa experiência para o

aprendizado, mas também para a aceitação dos fatos como realmente são. Kant sobre isso, relata:

Não se pode duvidar de que todos os nossos conhecimentos começam com a experiência, porque, com efeito, como haveria de exercitar-se a faculdade de se conhecer, se não fosse pelos objetos que, excitando os nossos sentidos, de uma parte, produzem por si mesmos representações, e de outra parte, impulsionam a nossa inteligência a compará-los entre si, a reuni-los ou separá-los, e deste modo à elaboração da matéria informe das impressões sensíveis para esse conhecimento das coisas que se denomina experiência? No tempo, pois, nenhum conhecimento precede a experiência, todos começam por ela. Mas se é verdade que os conhecimentos derivam da experiência, alguns há, no entanto, que não têm essa origem exclusiva, pois poderemos admitir que o nosso conhecimento empírico seja um composto daquilo que recebemos das impressões e daquilo que a nossa faculdade cognoscitiva lhe adiciona (estimulada somente pelas impressões dos sentidos); aditamento que propriamente não distinguimos senão mediante uma longa prática que nos habilite a separar esses dois elementos. Surge desse modo uma questão que não se pode resolver à primeira vista: será possível um conhecimento independente da experiência e das impressões dos sentidos? Tais conhecimentos são denominados *a priori*, e distintos dos empíricos, cuja origem é *a posteriori*, isto é, da experiência. (2008, p. 2, grifo nosso).

Nessa busca pelo entendimento do comportamento humano, encontrar-se-á guardada para a assertiva do aforismo “cada cabeça é uma sentença”, talvez, porque, na constituição física e mental do homem haja, realmente, uma centelha divina. Mas o que não é possível deixar de se observar é que o egoísmo é muito forte, via de regra, na maioria das pessoas. Allen (2007) descreve o homem de uma forma poética e encantadora ao dizer que o homem é feito ou desfeito por si mesmo, isto é, ele decide, ele tem o poder. Allen (2007) continua sua descrição dizendo que no arsenal do pensamento ele forja as armas com as quais destrói a si próprio. Na complementação do pensamento de Allen, lê-se textualmente:

Ele também cria as ferramentas com as quais constrói para si mansões celestes de alegria, força e paz. Através da escolha certa e aplicação correta do pensamento, o homem ascende à Divina Perfeição; através do abuso e aplicação incorreta do pensamento, ele desce abaixo do nível da besta. Entre esses dois extremos estão todos os tipos de caráter, e o homem é seu criador e mestre. (2007, p. 4).

Uma grande questão a ser considerada é a cultural, pois o ser humano nasce num ambiente onde as pessoas já possuem seus costumes, suas ideias, seus valores, seus comportamentos e assim por diante. Ao encontrar um ambiente pronto, a tendência é repetir o comportamento, até porque, se agir de forma muito

diferente, poderá ser enquadrado como louco. Se a pessoa não seguir uma direção previsível, já terá preenchido uma das variáveis que determinam o que é ser louco, conforme o dicionário Houaiss (2009). Por esse ângulo, não é difícil concluir que não é de todo ruim a loucura, talvez, até, seja o contrário, porque somente assim serão rompidas as barreiras que nos cercam – nossos paradigmas – e o homem passará a evoluir.

Oliveira (2004), citando Piaget, diz que é pela ação que o indivíduo interage com o meio de formação de seu próprio conhecimento. Diz, ainda, que a primeira forma de se relacionar com o meio ocorre por intermédio de ações.

Hacker (2010) indica que muito do conhecimento e das crenças não é adquirido através do raciocínio, e que boa parte do arcabouço noético³³ e doxástico³⁴ é adquirida como parte da herança cultural, transmitida como pressupostos e assunções inquestionáveis.

Outra abordagem muito apropriada que Oliveira (2004) faz, agora citando Kant, é a noção de relação entre um ser que conhece e um que é conhecido, argumentando que o trabalho epistemológico deve acontecer exatamente dentro dessa noção de relação e não somente dentro da idealidade do sujeito ou da empiricidade do mundo. A justificativa, segundo Oliveira (2004), é que tais abordagens se mostram falhas, na medida em que nunca se tem acesso puro a um desses dois diferenciais e sim somente a uma soma de algo presente no ser que conhece e que está “incrustado” no conhecimento, seja lá do que for, no próprio ato de conhecer a realidade numênica.

Bazerman (2011) relata, ainda, em sua análise comportamental, que o comportamento antiético inconsciente, sem intenção, é muito mais preponderante do que a corrupção intencional. Certamente, para isso, é necessário um conjunto de estratégias corretivas muito diferentes. O mesmo Bazerman (2011) realiza uma ampla abordagem, por sinal muito interessante, dando inúmeros exemplos relativos ao favoritismo grupal que as pessoas tendem a exercer. É o caso de favorecer um primo, um bom vizinho, um amigo, etc. sem a intenção de discriminar, mas que, na

³³ Segundo o Dicionário Houaiss (2009), trata-se parte da lógica que estuda as leis fundamentais do pensamento, conhecidas como os quatro princípios: identidade, contradição, terceiro excluído e razão suficiente. (Termo proposto por Hamilton mas que, entretanto, foi adotado por poucos autores.)

³⁴ Segundo o Dicionário Houaiss (2009), “doxa” é um sistema ou conjunto de juízos que uma sociedade elabora em um determinado momento histórico supondo tratar-se de uma verdade óbvia ou evidência natural, mas que para a filosofia não passa de crença ingênua a ser superada para a obtenção do verdadeiro conhecimento.

prática, se torna uma ação excludente. Bazerman (2011) chama isso de “eticidade limitada”.

Enfim, os fatos e os autores nos mostram o quanto é difícil produzir um raciocínio adequado, especialmente quando diz respeito aos nossos interesses. Se somarmos a esse fato a questão dos valores distorcidos que são vivenciados pela nossa sociedade, fica clara a produção de posturas inadequadas, muitas vezes, fora dos padrões éticos, demonstrada pelas atitudes das pessoas.

6 OS PROCESSOS EDUCATIVOS E A ÉTICA

A educação, vista como um processo sistemático, servirá de instrumento para que o homem possa controlar, cada vez mais, o meio em que vive, já que é a partir da compreensão das coisas e dos fatos que podem ser estabelecidos caminhos e estratégias. Porém, o nível extremado de competitividade parece estar nos levando, inexoravelmente, a uma problemática sem precedentes, pois, sendo fruto desse quadro, o homem não tem mais tempo livre para nada nem para os outros nem para si próprio.

O aspecto dual da existência ressalta-se na competitividade, pois enquanto ela qualifica o mercado e a nós próprios, ao mesmo tempo, sufoca e provoca um nível de estresse sem precedentes na humanidade. Isto também é dedutível, apenas, mas os próprios números que a mídia incansavelmente divulga dão conta dessa situação. Por exemplo, “de acordo com pesquisa conduzida pela consultoria *Deloitte Touche Tohmatsu*, 50% dos executivos brasileiros têm essa reclamação sobre o estresse, sendo uma queixa muito comum entre os profissionais de hoje”. (INTERNET, 2010). Também não é possível desconsiderar a reclamação sobre esse problema, pois que atinge a grande maioria dos profissionais, em suas mais diversas atividades.

O entendimento da cidadania passa pela característica do sujeito, na condição de indivíduo que usufruiu de um conjunto de direitos civis e políticos, e, ao mesmo tempo, desempenha seus deveres, tudo estabelecido pelo Estado, que é o regulador de todas as condições, em forma de leis, decretos, medidas provisórias, etc. e das normas e dos regulamentos das demais instituições/organizações das quais possa fazer parte, define-o, assim, nessa qualidade como cidadão.

Pinsky e Pinsky (2010b) pensam que cidadania não é um termo estanque, mas que varia no tempo e no espaço, por ser um conceito histórico. Acreditam que ser cidadão é ter direito civis, ou seja, direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei e direitos políticos, ou seja, votar e ser votado.

Dessa forma, constata-se que essa definição não coaduna com Estados onde não prevaleça a liberdade e a totalidade do conjunto de direitos civis e políticos. Assim, ou não existe cidadania nessas condições ou o conceito deve ser

refeito. Seja como for, toda e qualquer manifestação de cidadania nessa obra deve ser entendida com essa conotação, referendada por Pinsky e Pinsky (2010b).

Toda essa regulamentação, em especial a do Estado, obviamente, tem a pretensão de estabelecer os direitos e as obrigações de cada um com a intenção de proporcionar justiça na convivência de todos. Porém, considerando-se a evolução histórica das sociedades e do ser humano, será que essa definição de cidadania está completa? Os mesmos Pinsky e Pinsky concluem sobre o respeito aos direitos dos indivíduos, nestes termos:

É preciso que de uma vez por todas as liberdades individuais sejam apropriadas como uma conquista universalmente válida, inserindo-se suas várias formas (liberdade de pensamento e expressão, liberdade de ir e vir, tolerância religiosa, *habeas corpus*, direito à privacidade etc.) no conjunto do patrimônio civilizacional mundial. Isso devido ao fato de terem tais “liberdades civis” passado a ser do interesse dos indivíduos como um todo, independentemente da sua extração social. (2010b, p. 133, grifo nosso).

Com base nesse contexto, somado ao fato da importância da virtude para a felicidade das pessoas, não seria adequado inserir a ética como uma obrigação social, na própria definição de cidadania? Essa ideia poderia e até deveria ter avançado desde a Revolução Francesa, dada as suas próprias características de resgate dos direitos cidadãos.

Um contraponto dessa ideia – da inserção da ética na definição de cidadania – poderia argumentar quanto ao pressuposto de já existir uma necessidade nesse enquadramento, pois se trata, obrigatoriamente, de um conjunto de direitos e obrigações. Porém, a ideia é torná-la (a definição) mais atual, mais completa e, inevitavelmente, mais complexa, na medida em que, além de ser o conjunto da totalidade dos direitos e das obrigações, se considere o comprometimento absoluto da ética.

A defesa da ética é do interesse pleno da sociedade e, por conseguinte, dos cidadãos, na medida em que ela favorece e proporciona uma condição de vida diferenciada e otimizada. Se o mercado que se criou tem suas justificativas para as distorções e que explicam posturas e atitudes na contramão da essência humana, se é possível compreender a inversão de valores, em função da necessidade de lucro, não significa que a sociedade deva se render a essa contraversão. A sociedade precisa resgatar e conviver com a consistência dos fundamentos morais e exigir dos cidadãos um comportamento nessa mesma direção.

A definição de cidadania, apresentada anteriormente – praticamente coincidente nos diversos autores – traria em seu bojo esse impacto linguístico, com a inserção da exigência ética. Além de adequar a definição, impossível é não imaginar que não influenciaria positivamente no comportamento das pessoas, por mínima que fosse essa influência. Entretanto, há que se considerar que isso somente seria possível, antes de tudo, se, de forma geral, se encontrasse consenso entre os pensadores, se acontecesse uma receptividade da presente proposta, obviamente.

Segundo Henriques, a semântica se preocupa com mecanismos e operações relativos ao sentido, através do funcionamento das línguas naturais:

Tentando “explicitar os elos que existem entre os comportamentos discursivos num dado envolvimento constantemente renovado, e as representações mentais que parecem ser partilhadas pelos usuários das línguas naturais”. Essa reflexão traça um “percurso entre o individual e o universal, através do cultural” e procura conciliar “a extensão e a variedade das manifestações linguísticas e a necessidade de uma apresentação relativamente simples dos funcionamentos profundos da língua”. (2011, p. 19).

Aqui no Brasil, existe um programa do Governo Federal, através da Presidência da República (2003), denominado “Ética e Cidadania”, que estabelece que as escolas podem participar por adesão voluntária das Secretarias Estaduais ou Municipais de Educação ou por iniciativa das próprias escolas. Mais uma prova de que o entendimento quanto ao reconhecimento da ética na cidadania está avançando e, quiçá, muito logo seja consenso.

A condição de cidadão só é alcançada, desde que, dentre outros pressupostos, haja o predomínio da justiça, que deve estar num ambiente equânime e com liberdade, pois, sem essa, tudo passa a ser distorcido.

Oliveira faz uma referência ao homem como sendo um “dever-ser” a partir de seu “ser”, isto é, de todo o contexto “dado” no qual ele se situa. Dessa forma, ele conclui:

Então, se ele emerge como tarefa originária, isto implica a capacidade de decidir-se sobre si mesmo, de dispor sobre si mesmo. Esta disposição, contudo, nunca é absoluta, porque o homem continua sempre submetido ao mundo, dependente dele, pois é aí que ele desenvolve suas disposições, mais precisamente na obediência às suas leis mesmo em seu domínio sobre o mundo. O homem enquanto práxis só existe inserido num contexto, numa conexão de coisas naturais, pessoas, produtos da intervenção do homem no mundo, instituições, etc. O homem é, neste sentido,

fundamentalmente ser-no-mundo, sua vida é marcada por uma “mundaneidade” originária. (1995, p. 62).

Essa descrição de Oliveira (1995) engloba pressupostos que antecedem à própria condição do indivíduo: a sua categoria de cidadão. É como um contexto fundamental, que deve ser reconhecido e respeitado por todos, para, então, sim, começar uma reflexão acerca das condições que elevam a pessoa à condição de cidadão. Também é necessário destacar a educação como uma conquista do ser humano na condição de cidadão. É a educação que conduz as pessoas a esse patamar superior de cidadania. Assim, nada mais coerente do que priorizar a educação como uma das principais alavancas evolutivas. É o próprio Oliveira quem continua tratando dessa questão:

A especificidade do ser humano emergiu como sua fundamental educacionalidade: só o homem pode ser educado, pois educação pressupõe liberdade e é a inauguração do processo de sua efetivação. Como se dá este processo podemos inicialmente ver, levando em consideração a linguagem do homem, que é a instância onde se articula o sentido da totalidade. (1995, p. 108).

A história demonstra que a cidadania está sempre em constante evolução. O que falta é uma intervenção positiva para que a inserção da ética seja algo prático e realizável, não permanecendo, como em boa parte das vezes, somente no plano teórico, mas tendo conectividade com a vida. Os processos de aprendizagem dos saberes éticos e virtuosos são os caminhos para a construção de um novo tempo, de uma nova sociedade, onde o termo *cidadão* possa ter um significado ampliado e coerente com a grandeza do próprio ser humano em sua caminhada em busca dos seus anseios, que podem se resumir no desejo de ser feliz.

6.1 O ensino sob a ótica de Platão

Platão (1997), em *A República* e (1999) em *As Leis*, apresenta o que pensava a respeito da educação. Como na maior parte de todas as suas obras, 2.500 anos não foram suficientes para anular o seu inestimável valor. A sociedade idealizada por Platão teria três classes: a classe dos artífices e comerciantes, cuja virtude é a temperança; a classe dos guerreiros, cuja virtude é a coragem; e a classe dos filósofos, cuja virtude é a sabedoria. O filósofo pensava num equilíbrio entre

essas três classes. Se a classe dos filósofos governasse, se a classe dos guerreiros se encarregasse da defesa e a classe dos artífices e comerciantes mantivesse as duas outras classes, existiria harmonia e equilíbrio, e a justiça poderia ser alcançada.

Nessas duas obras (*A República* e *As Leis*), além de esboçar o seu estado ideal, Platão também estabelece o sistema educacional que o manterá, proporcionando-lhe, dessa forma, mostrar suas ideias sobre a educação, além do valor da poesia e da música, a utilidade das ciências, da filosofia e do filósofo.

Platão defende uma sólida formação básica, demonstrando uma coerência arquitetônica perfeita, culminando até com os elevados estudos filosóficos, de forma que os indivíduos especialmente dotados poderiam chegar à filosofia.

A formação básica considerava a função de desenvolver, de forma harmoniosa, o espírito e o corpo e a qual ele denominava de “educação preparatória”. A visão de Platão é de que Atenas negligenciava a educação dos jovens, descuidava dela e a deixava nas mãos de particulares. Para Platão o Estado deveria se preocupar com a formação daqueles que seriam os futuros cidadãos, e essa responsabilidade não deveria nem poderia ser delegada, pois poderia comprometer a excelência³⁵ da educação.

Além de a educação ser pública, os mestres deveriam ser escolhidos pela cidade e controlados por magistrados especiais. Platão entendia, ainda, que a educação deveria ser igual para meninos e meninas, até o limite de 6 anos. A partir dessa idade, teriam mestres em classes distintas.

Para Platão o ensino teria a duração de 50 anos. Iniciaria dos 3 até os 6 anos, quando as crianças participariam de jogos educativos, em jardins especialmente concebidos para elas e sob uma cuidadosa vigilância. Como formação inicial, Platão manteve a antiga *Paideia* grega, escolha que culminou com

³⁵ Em Aristóteles (2009), “toda virtude ou excelência não só coloca em boa condição a coisa de que é a excelência como também faz com que a função dessa coisa seja bem desempenhada”. Atualmente o termo excelência é utilizado de modo destacado no âmbito da Administração. Trata-se de um conjunto de diretrizes, métodos, práticas e atitudes que utilizados de forma continuada que levam a organização a uma situação excepcional da sua gestão e dos resultados obtidos. As organizações excelentes priorizam esforços no sentido de atender de forma plena os *‘stakeholders’* (*‘Stakeholders’ inclui todos os indivíduos ou grupos que têm impacto sobre a organização, ou na organização, tais como clientes, colaboradores, parceiros, fornecedores, comunidade na qual a organização opera, e todos os que possuem uma relação financeira com a organização.*) através do alcance dos resultados desejados ou superando-os. O contexto atual de alta competitividade condiciona como um fundamento a necessidade de atingir-se um padrão de excelência.

a significativa importância histórica do desenvolvimento da tradição clássica, possibilitando o seu prosseguimento e o seu incremento com a cultura filosófica.

A educação, na antiga Grécia, era formada por duas partes: *gymnastiké* (ginástica) para o corpo e *mousiké* (música) para a alma. Em relação à ginástica, Platão critica a função de competição, costume que se adotou ao longo dos tempos. Segundo Platão, a ginástica deveria regressar à sua forma original, compreendendo somente exercícios de caráter militar, desempenhados tanto por rapazes como por moças, preparando-os para o combate. Na sua programação de jogos, estavam a luta, as corridas a pé, os combates de esgrima, os combates de infantaria pesada e de infantaria leve, o arremesso de flecha com arco, a funda, a marcha e as manobras táticas, a prática do acampamento e a caça. Essa preparação militar deveria acontecer nos ginásios e nos estádios públicos, sob a direção de monitores, profissionais contratados para tal fim, pelo Estado.

A ginástica seria iniciada nesse nível mais incipiente e se prolongaria até a idade adulta. A sua finalidade (veja interessante), não era alcançar a força física de um atleta, mas colaborar para a formação do caráter e da personalidade do aluno. Platão considerava que os homens que se dedicavam exclusivamente à ginástica, acabavam por se tornar insensíveis à cultura e eram pouco mais do que selvagens. Platão embutia, ainda, na ginástica, o aprendizado pleno da higiene, as indicações em relação ao regime de vida e, especialmente, ao regime alimentar, assunto que era constantemente tratado pela literatura médica daquela época.

Platão incluía, na atividade de ginástica, a dança, insistindo muito na sua prática e no seu ensino, pois a considerava uma maneira de disciplinar a espontaneidade dos alunos, colaborando para a disciplina moral.

Entre 10 e 13 anos, a criança precisaria aprender a ler e a escrever. A partir daí, se iniciaria o estudo dos autores clássicos, de forma integral ou em antologias (partes propostas). Para além dos poetas, Platão pregava também o estudo de autores que escreviam em prosa.

Platão era um crítico do ensino dos poetas, como Homero, pois considerava que os mitos corrompiam as crianças e não lhe ensinavam a virtude. Dessa forma, na sua ótica, as obras de poetas (como Homero e Hesíodo) proporcionava malícia sobre as divindades, o que não poderia ser concebível.

Já entre 13 e 16 anos, seria um período em que a música passaria a ser tratada e da qual se ocupariam os alunos com destaque. Para Platão, quem fosse

educado corretamente pela música, assimilaria as coisas espiritualmente e, assim, perceberia um desabrochar dentro de si, desde a sua juventude e numa etapa ainda inicial, do seu desenvolvimento. Isso acabaria por lhe proporcionar uma satisfação pelo belo e uma atitude de repugnância pelo feio, capacitando-o para, no futuro, saudar festivamente, como algo que faz parte de si, o conhecimento da verdade, no momento em que ela se apresentasse.

A música colabora, dessa forma, para a formação harmoniosa da alma. Segundo Platão, ela não envolve unicamente o que diz respeito ao tom e ao ritmo, mas também, e até em primeiro lugar, a palavra falada, o logos, o qual já foi tema do Capítulo 4 desta reflexão.

A matemática, como era lógica, sempre ficou reservada a um nível superior do ensino. Para o gosto de Platão – que sempre simpatizou com o estudo dos números –, porém as matemáticas deveriam encontrar o seu espaço em todos os níveis, começando pelo mais fundamental e, especialmente, a partir dos 16 anos, deveria ser aprofundada e, depois, dilatada nos estudos superiores.

Na verdade, todas essas inovações de Platão, possivelmente, foram inspiradas nas práticas egípcias das quais a ele teve conhecimento. Assim, à aritmética, acrescentou a prática dos exercícios de cálculo ligados a problemas concretos da vida e dos negócios. Esses primeiros exercícios continham uma virtude formadora, sendo seu objetivo a aplicação da matemática à vida prática, em seu dia a dia, à arte militar, ao comércio, à agricultura e à navegação. Enfim, praticamente tudo estava envolto.

Mais à frente da geometria, na qual depositava uma enorme importância, Platão defende também o ensino de uma ciência totalmente nova, a estereometria (cálculo do volume de sólidos). Fazia parte desse projeto todo o estudo da astronomia, que permitiria adquirir os conhecimentos mínimos para a utilização do calendário. Segundo o pensamento de Platão, são exatamente as matemáticas que selecionam as pessoas, sendo um meio de colocar à prova os espíritos mais hábeis para se transformarem, no futuro, em filósofos. Enquanto triavam e elegiam os filósofos do amanhã, proporcionava a formação e, por consequência, a preparação para o trabalho de cada um no futuro.

Na faixa dos 17 aos 18 anos, os estudos intelectuais eram interrompidos por dois ou três anos. Nesse período, era imposto aos jovens o serviço militar. Nessa

fase, segundo Platão, a fadiga e o sono dominam o corpo e a mente, impedindo qualquer atividade de estudo.

Já aos 20 anos se faz uma seleção, por meio da qual os menos dotados eram destinados a permanecer no Exército; numa segunda seleção, que acontecia na sequência, a maioria dos jovens era encaminhada para as mais diversas profissões e ofícios civis. Somente os mais dotados iniciariam os estudos superiores, mas não diretamente para a filosofia. Continuavam o estudo das ciências por um período de ainda dez anos, mas agora já estando num nível mais elevado, que se considerava, de alguma forma, um Ensino Superior. O programa desse nível contém a aritmética, a astronomia, a música e a geometria (plana e no espaço). Todas essas ciências pretendiam acabar com qualquer experiência prática, tornando-se absolutamente racionais. Um exemplo disso seria a astronomia que, necessariamente, deveria ser uma ciência matemática e não uma ciência da observação.

As matemáticas são a ferramenta de formação dos filósofos, que, através de questões elementares de cálculo, são encaminhados para um grau superior de abstração. Platão diz que as matemáticas não devem recheiar a memória com conhecimentos úteis, porém devem compor um espírito com capacidade de receber a verdade inteligível.

Platão não esquece o papel da educação literária, da artística e da física na personalidade e na harmonia do todo, fato que, por si, já demonstra a impressionante visão sistêmica do filósofo. Entretanto, mais significativa ainda era o papel que a matemática devia desempenhar na iniciação da cultura que levava à investigação da verdade.

Somente aos 30 anos, no fim de um ciclo de matemáticas transcendentais e depois de uma última seleção, se iniciava o método propriamente filosófico, a dialética, que era a discussão do problema do bem e do mal, do justo e do injusto, caminhando na direção do conhecimento e da verdade. Após cinco anos, os alunos estariam dominando esse instrumento, considerado o único que conduz à verdade. Os que atingissem essa etapa deveriam ser capazes de ultrapassar a percepção dos sentidos e penetrar no próprio *ser*. Depois disso, por mais 15 anos ainda, o homem, já formado, necessariamente, deveria adquirir experiência e, para tanto, devia participar da vida ativa da cidade. Assim, aos 50 anos estaria pronta a sua educação, isso se tivesse sobrevivido e superado todas as provas e obstáculos. Ele

saberia reconhecer a possibilidade de alcançar o objetivo supremo que é a ideia de bem. Dessa forma, poderia então, exercer um cargo público, não simplesmente como uma honra, mas sobretudo, como um dever.

Esse planejamento de ensino de Platão, que abrangeria 50 anos, objetivava, unicamente, formar um pequeno grupo de governantes – filósofos aptos a governar para o bem do Estado. O sistema educativo de Platão se baseava na busca da verdade, definindo o legítimo filósofo e também o verdadeiro político. Será que não seria necessário resgatar a essência dessa proposta? O quadro 3 apresenta de forma sintetizada todo o plano de estudos, o curso completo de Platão, dividido em seus cinco períodos.

Quadro 3 – Plano de estudos de Platão

Plano de estudos de Platão		
Período	Idade	Conteúdo
1º	dos 3 aos 6 anos	Prática do pentatlo (Nome coletivo de cinco exercícios que constituíam os jogos da Grécia, em que entravam os atletas: salto, carreira, luta, pugilato e disco. Dança e música para ambos os sexos).
2º	dos 7 aos 13 anos	Introdução paulatina da cultura intelectual e acentuação dos exercícios físicos. A partir dos 10 anos, aprendizagem da leitura e escrita e cálculo por processos práticos. Afasta-se assim dos costumes atenienses que começavam a educação intelectual antes dos 10anos.
3º	dos 13 aos 16 anos	Período da educação musical. O programa é dividido em duas secções: uma literária, compreendendo gramática e aritmética; outra musical, compreendendo poesia e música. Ensina-se a tocar a cítara e prefere-se a música dórica, enérgica e viril.
4º	dos 17 aos 20 anos	Período da educação militar. Os jovens deverão adquirir resistência e uma saúde a toda a prova. Será preciso harmonizar a música à ginástica, faziam-se os homens ferozes. Somente com a música, produzir-se-iam os afeminados.
5º	dos 21 anos em diante	Apenas os jovens mais capazes devem continuar a educação já com carácter superior e baseada nas Matemáticas e Filosofia. Entre eles, seleccionam-se os futuros governantes, prosseguindo sua educação até os 50 anos.
<p><i>Essa educação pode ser distribuída da seguinte forma:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> · Dos 21 aos 30 anos: estuda-se com profundidade: aritmética, geometria e astronomia. · Dos 31 aos 35 anos: predomínio da formação filosófica e dialéctica, sem prejuízo dos estudos matemáticos. · Dos 35 aos 50 anos: O magistrado será incumbido de uma função pública e empregará os seus talentos para a prosperidade do Estado. Ninguém será admitido ao governo, antes dos 50 anos de idade. 		

Fonte: Internet (2012).

6.2 O humano e a transformação da ética em disciplina

Primeiramente, é fundamental esclarecer que as questões levantadas neste trabalho estão relacionadas com o propósito de demonstrar uma possibilidade de transformação do ser humano, através da inserção de disciplina específica nos processos educativos. São esses pontos que, sob o abrigo da ética, formam um

conjunto de questões-chave, para o aprimoramento comportamental. Levantar esses assuntos, ordenados a partir do *contexto ético na formação* (Capítulo 2), do entendimento da *virtude* e a sua utilidade, especialmente como uma habilidade e uma competência (Capítulo 3), da reflexão sobre o imenso *poder da fala* (Capítulo 4), da análise das facetas das *posturas e dos valores éticos* (Capítulo 5) e da observação da *formação ética do cidadão* (Capítulo 6) possibilita chegar a várias conclusões com bases fundamentadas.

Ao dialogar com os diversos autores sobre o poder transformador das palavras e ao observar que essa faculdade não está devidamente inserida nos processos educativos, naquele mesmo capítulo se registrou essa situação como um nicho para o mercado da educação.

Da mesma forma, a ética, que tem morada na educação, normalmente é encontrada somente no meio acadêmico,³⁶ e é relegada a segundo plano no Ensino Médio e na Educação Fundamental. Esse fato também caracteriza um nicho de oportunidades para a educação. Porém, a proposta deste trabalho não é tratar exclusivamente desse aspecto mercadológico para a educação, mas provocar uma considerável mudança comportamental de toda população, a partir do Ensino Fundamental. Não se imagina que um educador vá ensinar ao aluno a ser ético, mas fazê-lo entender o que tudo isso significa, partindo dos próprios valores verdadeiros da vida, inclusos naquilo que se denomina virtude. Ora, se as pessoas passarem o tempo inteiro da sua educação aprendendo sobre o conjunto de valores verdadeiros da vida e, além disso, entenderem que a felicidade não está no poder, na matéria e sim dentro de cada um, inimaginável é pensar que o ser humano não será mais feliz.

Embutida (como consequência natural do estudo da ética) está a virtude, que, em essência, sempre será uma questão moral, evidentemente. Porém, se ratifica que o aspecto produtivo que este trabalho quer dar é o de que essa conotação esteja voltada a uma habilidade e a uma competência a ser desenvolvida. Exatamente a partir desse ponto, é possível compreender essa proposta, pois se estará tratando da virtude coletiva, ou mais apropriadamente, da virtude cidadã, já que atenderá aos direitos e deveres de uma coletividade. É dessa forma que se projeta e se propõe inserir a *virtude* nos processos educativos, entendendo que não

³⁶ O autor deste trabalho é professor universitário, ministrando a disciplina “Ética”. Em todo seu percurso, em mais de dez turmas, no período de 2007 a 2011, nunca obteve uma resposta positiva para a pergunta: “Alguém sabe diferenciar ética de moral?”

é possível ensinar alguém a ser ético, mas que é plenamente viável provocar atitudes qualificadas diante da moral, na medida em que se compreenda, em primeiro lugar, o que é a virtude, para, na sequência, descobrir que a busca da felicidade está totalmente no interior de cada um.

Dentre as várias consequências previsíveis, certamente, estaríamos no caminho para atingir uma vida com mais gentilezas.

A realidade de um futuro próximo, tanto concreto quanto abstrato, passará por uma requalificação dos relacionamentos profissionais e pessoais, se se admitir uma evolução comportamental. A conclusão é dedutiva, mas óbvia, até porque a demonstração feita no gráfico 4 indica que, num futuro, ao que tudo indica não muito distante, a competitividade estará tão acentuada que será impossível imaginar uma sobrecarga de estresse no mesmo nível. Por outro lado, o polimento de ações que levam ao sucesso é um dos atributos da própria competitividade, pois é ela que provoca uma qualificação permanente que sustenta ou promove as pessoas e as empresas. Assim, há que se supor que a própria competitividade poderá conduzir o homem a esse padrão qualificado de comportamento ético.

O homem constrói os conceitos que adquire do mundo, através da cultura que recebe, desde o seu nascimento e se estabelece no seu meio ambiente, aos quais, gradualmente, vai atribuindo significados em nível subjetivo e consensual.

A transformação é permanente. As atuais formas de comportamento, as atitudes, o modo de se postar e de agir, todos estão com os dias contados. Isso acontecerá inevitavelmente por estarmos chegando aos limites mais avançados, aos extremos da competitividade, como já se demonstrou. A proporção de empresas em relação aos consumidores aumenta consideravelmente, e os recursos para avançar ou se manter no mercado a cada dia ficam mais escassos.

Chegamos a um nível de competitividade sem precedentes, o que obriga os profissionais a se superarem sempre. Aonde tudo isso irá nos levar é um tema intrigante e filosófico. O que se sabe é que estamos nos estágios iniciais daquilo que muitos especialistas acreditam ser a próxima revolução no mundo dos negócios. Conforme Cooper e Sawaf (1997, p. XV) afirmam, “em tese, nenhum sangue será derramado nesta ampla transformação do velho para o novo, apenas um grande número de ideias preconcebidas estão fadadas a desaparecer”. Inserida nesse processo inicial de transformação do comportamento humano, está a evolução da ética, até por uma exigência mercadológica.

Muitos novos valores estarão em evidência, e o padrão ético necessário para o sucesso parece tender a se elevar paulatinamente.

“A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo”. (FREIRE, 2000, p. 20).

Dentro dessa linha, a utilização e o desenvolvimento da ética são um dos caminhos. A humanidade estará sendo obrigada a reconhecer que, na amplitude da vida, encontram-se realidades e potenciais imensos a serem incorporados ao novo ser humano que alvorecerá num futuro bem próximo.

A mudança que ocorrerá passará pela absorção, por parte dos profissionais, de valores e crenças que já existem, porém desagregados do mercado e até da maior parte dos meios acadêmicos. Será algo que Maslow (1970) já afirmava na sua psicologia de Terceira Força, também chamada “psicologia humanista”, sobre um novo profissional com valores refinados. Em sua vida, Maslow pregou uma nova filosofia de humanidade para ajudar a reconhecer e a desenvolver a capacidade humana de compaixão, criatividade, ética, amor, espiritualidade, dentre outras características humanas.

Nesse sentido, D’Ambrósio lembra que

a história da educação nos mostra que os romanos organizavam os conteúdos do seu currículo em três componentes, a gramática, a retórica e a dialética, nos quais consistia o *trivium*. Essas disciplinas tinham como objetivos ler e escrever com correção, discursar com clareza e argumentar sobre os temas diversos. Isso respondia às necessidades do exercício de cidadania numa sociedade estruturada segundo leis e códigos. (1999, p. 16).

Sobre a história da educação, Aranha (2006) pergunta-se: “Para que a história da educação?”. Sobre isso e respondendo à sua pergunta, ela diz: “Para cultivar um saudável ceticismo.”³⁷

Cambi relata um momento importante na história da educação, na Idade Média, quando ele refere que, a partir de então,

a cidade ideal é, agora, substituída pelo estudo da cidade real, com o engajamento num governo que se baseie *iuxta propria principia*, como teorizaram Maquiavel e Guicciardini. Com Maquiavel caminha-se para “uma visão racional da política e da história” que “leve às últimas consequências a valorização do mundano e do humano” (Garin). Também o indivíduo deve submeter-se a uma re-modelação ao mesmo tempo histórica e estética,

³⁷ Ceticismo: doutrina segundo a qual o espírito humano nada pode conhecer com certeza; conclui pela suspensão do juízo e pela dúvida permanente.

através do ideal do “cortesão” e das regras da “sociabilidade”, que estabelece os princípios e as formas da socialização, que se deve realizar como “civil conversação”. (1999, p. 244).

Desde que a ética se modernizou, a partir da Idade Média, tornou-se mais ligada à natureza e às suas leis, bem como à sociedade e aos seus objetivos, assumindo um caráter antropológico e individual. A partir de então, a educação assumiu um papel cidadão, pois, na estética da sua forma, a ética passa a exigir essa responsabilidade tanto do Estado como das pessoas.

A realidade da qualidade das relações atuais, depauperada pela alta pressão provocada pelo nível de extrema competitividade, exige um novo momento histórico da educação. É chegado o momento se uma nova transformação, profunda e segura na direção das virtudes de modo que requalifiquem o próprio caráter do cidadão proporcionando um salto evolutivo na direção dos interesses maiores da humanidade. E todos os verdadeiros objetivos convergem para o sentimento de felicidade, destarte a maioria, equivocadamente, direcione isso para imagens que traduzem poder e dinheiro. Uma consequência transformadora será desfazer esse desfoque. Afinal de contas, se a ampla maioria concorda que o objetivo da ética é a felicidade, mesmo que ainda não seja unânime de que ela já se trata de uma ciência, como se poderá continuar relegando-a a uma disciplina obrigatória somente no Ensino Superior? Não seria ela base de sustentação da moral, do caráter e da formação do cidadão no seu sentido mais amplo e verdadeiro?

6.4 A felicidade e o sucesso

Observa-se que, dentro de uma lógica, resguardam-se os valores acadêmicos que impõem confiabilidade e seriedade à discussão da formação acadêmica. Essa não pode se sustentar apenas em suposições ou afirmações retóricas, mas se firmar em conceitos reconhecidos pela própria história.

O mesmo se pode afirmar em relação à ética. Compreende-la apenas como um conjunto de valores cotidianos e respaldados na coletividade não é o suficiente. Há que se conhecer sua historicidade e sua dialeticidade. O estudo da ética iniciou com os filósofos gregos, há 25 séculos. Para os sofistas, por exemplo, era preciso entender o ser humano. Para consolidar seu pensamento, criaram as bases do pensamento político e jurídico, explorando a arte do convencimento e da retórica.

Platão, discípulo de Sócrates, definiu a ética como um amplo conjunto de virtudes políticas que deveriam ser observadas para alcançar a felicidade, defendendo o valor supremo do Bem. E, assim, tantos outros contribuíram histórica e dialeticamente para definir permanentemente o conceito e a significação da ética. Contemporaneamente, Morin (2002, p. 78) afirma que “a educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão planetária”. Cabe, nesse conceito, a identificação de complexas definições como as relativas à ecologia, à antropologia, à psicologia, à filosofia e à sociologia.

Os pensamentos avançados, como os de Chopra (1994), que afirma que a fonte de toda criação é a conscientização pura, a potencialidade pura que busca expressar-se do não manifesto ao manifesto, juntamente com muitos outros autores do conhecimento e da sabedoria holística, trazem à luz um novo e marcante momento.

Chopra (1994) refere ainda que, quando se descobrir que o verdadeiro *eu* do ser humano é potencialidade pura, alinhar-se-á à força que coordena tudo no Universo.

Bossidy et al. (2002) destacam a questão da firmeza emocional, sem a qual não se consegue ser honesto consigo próprio, lidar honestamente com a realidade do negócio e da organização ou mesmo fazer avaliações francas das pessoas. A firmeza emocional vem do descobrir-se a si próprio, afirmam eles. E que um líder firme, de longo prazo, tem um arcabouço ético de referência que lhe dá o poder e a energia de realizar até a tarefa mais difícil, pois tem firmeza de propósitos. E o ponto mais relevante, enfatizam os autores, é que a principal característica vai além da honestidade ou da integridade, vai além de tratar as pessoas com dignidade. É uma ética de liderança empresarial.

Bossidy et al. (2002) observam que o melhor líder não é, em geral, a pessoa mais brilhante da turma ou aquela que sabe mais sobre o negócio. E a outra verdade a que o autor se refere é algo que o tempo escancara facilmente quando afirmam que somente a autenticidade cria confiança, pois mais cedo ou mais tarde as pessoas descobrem os dissimulados.

Edvinsson (2003) também aborda a questão de forma bastante lúcida ao se referir à confiança que é adquirida com o comportamento, no transcorrer dos anos, tanto no que se refere às relações pessoais como às empresariais.

Então, compreendendo esse contexto, pode-se concluir que o processo de aprendizado caminha por longos, complexos e infundáveis caminhos até seu ponto final, quando a atitude deverá dar seu ponto de partida, escolhendo que direção seguir. Por mais complexa que possa ser a trilha até o momento da escolha, via de regra, a ética é a maior aliada, pois ela se consubstancia na virtude que, por sua vez, pela sua importância e significado, não há com o que se contrapor.

São intermináveis as possibilidades e, nessa multiplicidade de opções, poucos são os que conseguem fazer o que se pode chamar de *melhor escolha*. Seja como for, obviamente, poucos têm a capacidade de tomar decisões que façam a diferença, produzindo resultados de ponta. O "Princípio 80/20", descoberto em 1897 pelo economista italiano Vilfredo Pareto, refere que 80% do que uma pessoa realiza no trabalho vêm de 20% do tempo gasto nessa realização, conforme explica Koch (2000). Logo, 80% do esforço consumido para todas as finalidades práticas são irrelevantes. Na verdade, esse fenômeno descoberto por Pareto é um guia dos administradores atuais para muitas análises gerenciais, até porque é realmente impressionante o índice de assertividade desse princípio. Com ele se pode concluir que somente 20% dos profissionais farão sucesso. E se for aplicado mais uma vez este princípio, agora no grupo que atingiu os 20%, se terá um resultado sobre o universo – o número inicial – de apenas 4%. Esse famoso e importante princípio atua também no campo psíquico, ajudando a melhorar a autoestima das pessoas. Koch (2000) conclui que o "Princípio 80/20" é, portanto, uma receita política, econômica e de felicidade pessoal.

E, na busca permanente pelo aperfeiçoamento profissional, pelo desenvolvimento das competências individuais e organizacionais, chega-se ao ponto em que devem ser rompidos os padrões mecanicistas³⁸ e olhar para o mundo de forma holística.³⁹ Somente assim, será possível encontrar outros meios para alcançar uma superação dos modelos comportamentais até então existentes, pela consideração de todas as possibilidades.

³⁸ O mecanicismo é uma doutrina filosófica, também adotada como princípio heurístico na pesquisa científica, que concebe a natureza como uma máquina, que obedece a relações de causalidade necessárias, automáticas e previsíveis, constituídas pelo movimento e a interação de corpos materiais no espaço. (A física do século XX, especialmente a teoria quântica, tornou o mecanicismo ultrapassado no âmbito científico). (DICIONÁRIO HOUAISS, 2009).

³⁹ No sentido de orgânico, da busca da integração de todos os entendimentos sobre qualquer fenômeno.

Alguns já procedem dessa forma, tanto que, se forem observadas as trilhas dos profissionais de sucesso, observar-se-á que, na maioria deles, existem formas e situações diferentes de raciocínio sobre os padrões tradicionais. Volta-se, então, ao atual limite da competitividade, sendo que o rompimento de paradigmas, o reaprendizado e a criatividade deverão ser instrumentos sistematizados de comportamento mental, para produzir escolhas qualificadas e adequadas ao atual estágio evolutivo das pessoas e das organizações.

Enfim, o mais comum é transferir para o sucesso a felicidade, mas ela não se encontra aí e tampouco no fracasso. Ela é um estado de espírito, portanto, um sentimento interior. Cloud (2011) diz que estamos conectados para experimentar a felicidade, mas que continuamos pressionando os botões errados em nossos esforços para colocá-la em funcionamento.

6.5 O mercado

Sá (2009, p. 92) afirma que “tudo tende a se reger pelo poder da vontade sobre o uso do caráter”.

Não se pode exigir dos funcionários – ou se preferirem, colaboradores – algo que não esteja absolutamente claro que a empresa deseja. Então, se forem cobradas metas de desempenho de vendas, no mesmo nível, devem ser cobrados desempenhos em postura ética. Se a ética não for medida da mesma forma, é natural que o foco estará noutra direção.

A propósito, a proposta mais prática, no ambiente empresarial, seria a utilização da medida da ética, seja como conformidade de procedimentos ou com qualquer outra denominação, mas que a mensuração existisse e fosse avaliada e recompensada da mesma forma que o são os outros itens. Por exemplo, boa parte das empresas utiliza o *Balanced Scorecard*⁴⁰ como instrumento de divulgação das metas estabelecidas e para a medição dos resultados alcançados. O *Balanced Scorecard* possui várias dimensões, e uma delas poderia – e deveria – ser a ética.

⁴⁰ É uma metodologia de medição e gestão de desempenho desenvolvida pelos professores da *Harvard Business School*, Robert Kaplan e David Norton, em 1992. Os métodos usados na gestão do negócio, dos serviços e da infraestrutura, baseiam-se normalmente em metodologias consagradas que podem utilizar as Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) e os *softwares* de ERP como soluções de apoio, relacionando-a à gerência de serviços e à garantia de resultados do negócio. Os passos dessas metodologias incluem: definição da estratégia empresarial, gerência do negócio, gerência de serviços e gestão da qualidade; passos esses implementados através de indicadores de desempenho. (WIKIPÉDIA, 2010).

Bastaria analisar, ainda, o peso que essa dimensão teria no cômputo global, no fim do processo de medição.

Não é possível ignorar que o mercado, através dos consumidores, em especial, cada vez mais exigem posturas éticas das suas empresas. Coelho relata um dos inúmeros casos que se proliferam pelo mundo:

Em outubro de 2000, a General Motors do Brasil foi duramente criticada por não ter se manifestado sobre o defeito de fábrica nos cintos de segurança do automóvel Corsa. O cinto vinha sendo utilizado pela montadora em todos os modelos da linha desde 1994. Em abril de 1999, houve o primeiro acidente com vítimas devido a uma fadiga do material que fixa o cinto ao banco do motorista do veículo. A opinião pública julgou antiética a atitude de silêncio da montadora a partir da constatação de relação íntima entre o acidente ocorrido e as características técnicas da fabricação do cinto. Durante todo o ano de 1999, os automóveis fabricados que estavam no pátio da montadora ou nos estoques das revendas, e que, portanto, continham o defeito já detectado pela fábrica, continuaram a ser vendidos normalmente ao público. Somente a partir do modelo 2000 é que o defeito foi corrigido. Apenas quando um segundo acidente com vítimas aconteceu em julho de 2000 é que a montadora resolveu expor publicamente o caso. A demora na divulgação desse assunto arranhou tanto a imagem da GM que o valor de suas ações chegou a cair na Bolsa de Nova York. Responsabilidade social inclui um amplo leque de questões, como as relações com a comunidade e os funcionários, o desenvolvimento e a responsabilidade pelos produtos, políticas de apoio às mulheres e às minorias, e não fazer negócios em países que desrespeitam os direitos humanos. Além disso, as sociedades ao redor do mundo estão muito mais sensíveis em relação ao meio ambiente, e, por consequência, as organizações também estão prestando mais atenção ao assunto, reavaliando seus métodos de embalagem, de reciclabilidade dos produtos, de práticas de segurança ambiental e assim por diante. (2008, p. 16-17).

Segundo Maturana e Varela (1995, p. 262), o saber nos conduz a “uma Ética que emerge da consciência da estrutura biológica e social dos seres humanos, que brota da reflexão humana e a coloca no centro como fenômeno social constitutivo”. Trata-se, destarte, de uma percepção lógica do enredo constituído, dentre outros eventos, pelos arrolados à multiplicidade, não apenas do instituidor (ser humano), mas do instituído (conhecimento).

Da mesma forma, por exemplo, não se pode cobrar dos políticos uma postura e da população cobrar outra. Se a ilegalidade travestida no termo *informalidade* for normal, como é o nosso caso, como se pode exigir uma postura diferente dos outros, quer sejam eles políticos, governantes, quer sejam mesmo cidadãos comuns?

Vidari, citado por Sá escreveu: “A formação das classes sociais é um fato de grande importância ética que se completa no momento exato em que o homem sai

de sua homogeneidade instável de origem primitiva e forma grupamentos mais determinados e estáveis.” (2009, p. 131).

Assim, se há o desejo de uma nação mais culta, com menos conflitos e com um grau maior de felicidade e, conseqüentemente, com maior produtividade, não há melhor caminho do que se ampliar o debate e a decorrente aplicação de pensamentos e atitudes éticas. Mesmo que entre os grandes pensadores da humanidade não haja um consenso em definir ética como ciência, ao menos há concordância com seu objetivo que é a busca da felicidade.

6.6 A ética como disciplina escolar

Vale lembrar que não há nada mais difícil de executar e perigoso de manejar (e de êxito mais duvidoso) do que a instituição de uma nova ordem de coisas.” (MAQUIAVEL, 2009, p. 37).

A implantação da disciplina “Ética” em todos os níveis de ensino, desde o Fundamental até o Superior, poderia trazer para nosso país um desempenho otimizado na medida em que se poderão quantificar melhorias em vários aspectos, dentre eles:

- na produtividade;
- na felicidade;
- na amizade;
- na realização pessoal;
- no atingimento de metas;
- na evolução cultural; e
- na evolução profissional.

Aqui em nosso país, a disciplina “Ética” poderia ser implementada em todos os níveis e cursos, de modo transversal, como indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Basicamente, a alteração de comportamento, na busca do aprimoramento das decisões e dos relacionamentos, não poderá ficar centrada na operacionalização, mas na mudança de valores e atitudes.

Também é preciso que fique claro que não se imagina a possibilidade de ensinar ética sem provocar, por si, atitudes mais refinadas. Porém, o seu entendimento por meio da convivência escolar e acadêmica, ou seja, com um estudo

permanente e continuado do tema, não pode existir outra conclusão que não seja a de provocar uma aproximação do ser humano da virtude. Não é possível imaginar que a implementação desse processo sistematizado de ensino não irá provocar uma inspiração e, por conseguinte, uma aceitação da virtude como algo mais presente na vida das pessoas. Essa dedução é óbvia, pois, na medida em que a compreensão avançar no entendimento de que a felicidade se encontra nos valores sutis, nos valores éticos e não no poder, na matéria, etc., no mínimo, é razoável admitir que o comportamento, de forma geral, tenderá para posturas e atitudes mais éticas.

O fato é que a humanidade segue adiante, ignorando os valores verdadeiros da vida, focando e produzindo atitudes que levam ao sucesso,⁴¹ em detrimento do que é mais significativo para ele; ou que o conceito de sucesso não está adequado com o que verdadeiramente se poderia instituir como tal.⁴²

É de pleno conhecimento a metáfora de diz que ao nos afastarmos o necessário das minúcias, tornamos possível visualizar o todo, isto é, arredar pé da floresta para ver as árvores. Senge (1990) ensina que o raciocínio sistêmico nos ajuda a encontrar as mudanças de altas e baixas alavancagens em situações extremamente difíceis, pois é preciso enxergar através da complexidade e ver as estruturas que geram as mudanças.

Spinoza (2009, p. 88), apresentando sua proposição n. 49, em seu livro *Ética*, diz que “não há, na mente, nenhuma volição, ou seja, nenhuma afirmação ou negação, além daquela que a ideia, enquanto ideia, envolve”.

Boff (1997) lembra que a ética desinstala a moral, impedindo que ela se feche sobre si mesma; obriga a uma constante renovação no sentido de garantir a habitabilidade e a sustentabilidade da moradia humana: pessoal, social e planetária. Diz ainda que não basta sermos apenas morais, apegados a valores da tradição, pois isso nos faria moralistas e tradicionalistas, fechados sobre o nosso sistema de valores. Defende Boff (1997) que o ser humano, para ser ético, deve também estar aberto a valores que ultrapassam aqueles do sistema tradicional ou de alguma cultura determinada, abertos a valores que concernem a todos os humanos, como o Planeta, o corpo, a defesa da vida, o amor à verdade, a compaixão para com os

⁴¹ O conceito atual de sucesso dá conta que é um triunfo, mas sempre ligado à conquista de poder, de *status* social e de condição financeira.

⁴² Dewey disse: “O sucesso nunca é final ou terminal.” (ABBAGNANO, 2007).

Spinoza, em seu livro *Ética* (2009), revela um dos seus axiomas: “Não se pode compreender, uma por meio da outra, coisas que nada têm [nada] em comum entre si; ou seja, o conceito de uma não envolve o conceito de outra.” (p. 14).

sofredores e indefesos; valores no combate da corrupção, da violência e da guerra. Esses valores nos tornam sensíveis ao novo que emerge, com responsabilidade, seriedade e sentido de contemporaneidade.

Goldberg, abordando a questão de uma nova ideia, afirma que

tanto a genialidade quanto a sabedoria podem levar a conclusões tão fora de sincronia com os conceitos e crenças predominantes na sociedade em determinado momento que acabam descartadas como loucura ou até permanecem completamente ignoradas, como algo balbuciado em uma língua estrangeira. (2006, p. 96).

Os pressupostos deste estudo levam à hipótese de que é possível elevar a cultura de uma nação para um nível onde a virtude ocupe um espaço maior. Para centrar o raciocínio, é justo construir um quadro da situação, para demonstrar, a partir de realidades conhecidas, por qual caminho poderemos passar, rumo ao futuro.

Mais recentemente, tem-se a própria internet que tem em torno de vinte anos em nosso país. Muitos exemplos poderiam ser enumerados, contribuindo para elucidar a quantidade de fatos novos que ocorreram.

Como as coisas continuarão evoluindo? Se for na mesma velocidade, sem considerar a hipótese de uma aceleração, seria óbvio considerar que a situação seria a mesma para um jovem que entrasse em coma hoje e acordasse no ano 2110.

O que se pretende demonstrar com essa situação é que, efetivamente, deverão acontecer inventos fantásticos, deverão ser produzidas ideias revolucionárias e, portanto, pensar numa nova cultura, calcada na virtude, que, por sua vez, evidentemente, tem um valor superior ao consumo e à matéria, torna-se razoável e é perfeitamente realizável e isso poderá ser feito a partir dessa proposta.

6.6.1 Vetores para a transformação da atual realidade

Teixeira (1999) cita Platão e sua obra *As Leis* afirmando que todo o ouro da terra e o que há debaixo dela não alcançam o valor da virtude. E a virtude pode não ser ensinada, mas poderá ser inspirada, provocada ou, ao menos, compreendida se as pessoas souberem efetivamente do que se trata.

Em termos práticos, o que efetivamente o ensino da ética proporcionaria aos alunos e por consequência à sociedade? Uma mostra disso está presente no quadro 4, que apresenta algumas realidades com as quais a ética (como vetor) transformaria e quais seriam os resultados esperados.

Considerando-se as imensas possibilidades de aprendizado com a ética como um imenso “guarda-chuva” (lembrando a possibilidade de ela ser uma disciplina transversal), se poderia (seria recomendável) criar diversas disciplinas “afins”, como, por exemplo, a de “Sensibilidade Social”, que foi inserida no quadro 4, entre parênteses. Seria uma fragmentação do assunto *ética* com o intuito de aprofundar pedagogicamente os assuntos de forma integrada e contínua.

A proposta relativa a um curso de ética (aplicado em disciplinas) é composta por um objetivo básico, uma missão e uma visão de futuro, a saber:

- *objetivo básico* – alcançar o conhecimento filosófico da ética e proporcionar um despertar para a virtude.
- *missão* – estruturar, a partir da formação escolar, desde o Ensino Fundamental, passando pelo Ensino Médio, para, no nível superior consolidar os conhecimentos da virtude, proporcionando sucesso e felicidade reais ao ser humano.
- *visão de futuro* – atuar como principal estratégia para resgatar e consolidar os verdadeiros valores da vida (virtude) modificando a cultura do *ter* pela do *dar*, a cultura do *consumir* pela do compartilhar.

Quadro 4 – Vetores transformadores da realidade

ATUALIDADE (indesejada)	VETOR (indicativo provocador)	RESULTADO (esperado)
Apego	Ética	Desapego
Avareza	Ética	Generosidade
Ciúme	Ética	Abnegação
Consumidor	Ética	Cidadão
Corrupção	Ética	Dignidade
Desamor	Ética	Amor
Egoísmo, egocentrismo	Ética (Sensibilidade social)	Compartilhamento
Esmola	Ética (Sensibilidade social)	Doação
Fome e doença	Ética (Sensibilidade social)	Saúde
Ganância	Ética	Serenidade
“Imortalidade”	Ética	Efemeridade
Individualidade	Ética (Sensibilidade social)	Compartilhamento
Inveja	Ética	Altruísmo
Materialidade	Ética	Espiritualidade
Mesquinharia	Ética	Honrado
Orgulho	Ética	Humildade
Pena	Ética (Sensibilidade social)	Compaixão
Raiva	Ética	Alegria
Roubo/assalto	Ética	Respeito
Vingança	Ética	Tolerância

Fonte: Idealizado pelo autor.

Evidentemente, não há uma ingenuidade presente nessa proposta a ponto de se imaginar que tudo seria transformado, a partir da implantação da disciplina “Ética”, desde o Ensino Fundamental. Na verdade, nem tudo nem alguns pontos. O que se buscaria seria um deslocamento lento e progressivo do foco das posturas e atitudes das pessoas, da coluna da esquerda para a da direita. Na medida em que houver o entendimento, a partir do processamento das contínuas informações a respeito do assunto, obviamente, a tendência estará toda voltada às posturas desejadas (esperadas).

A implantação dessa proposta modificaria radicalmente o quadro atual, pois, quando o aluno em seu curso superior é apresentado à disciplina “Ética” e não tendo esse conhecimento estruturado em sua formação, ele pouco sabe sobre o assunto. Pior do que isso: o momento para iniciar esse tipo de aprendizagem, efetivamente, não é o que é praticado atualmente. Nessa altura, a cultura de “levar vantagem em

tudo” já está impregnada em boa parte dos alunos. As pessoas são arquitetadas e remodeladas de forma contínua, a partir da convivência com o meio ambiente e também com o que se aprende na escola. Perls et al. (1997) propõem como tarefa da psicologia “estudar a operação da fronteira de contato no campo organismo/ambiente” (p. 43), o que significa dizer que a psicologia estuda o modo como acontece a existência humana na arena, ou seja, na convivência com o mundo e com o outro.

Outra observação fundamentalmente pertinente a ser feita é que, inevitavelmente, as mudanças serão observadas somente após algumas gerações, já que estará sendo operada uma mudança cultural no comportamento da humanidade.

6.6.2 A importância da modelagem

No Ensino Básico, é o momento mais adequado para firmar os principais fundamentos da vida. Não era sem sentido que a *Paideia* também se ocupava da virtude, dos valores e da conduta, como objetos de estudo, discussão e pesquisa, conforme relata Roble (2008) em seu livro *Escola e sociedade*. Conhecida como “as boas artes”, ela se ocupava da formação plena dos gregos.

O fato é que não se encontra nenhuma racionalidade, nenhuma lógica em deixar o estudo da ética relegado, eventualmente, a uma disciplina no Ensino Superior, dada sua significativa importância na própria formação do caráter e dos pilares da educação do ser humano. Jaeger (1994) dá conta de que todo povo que atinge certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Diz ainda o pensador Jaeger:

Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana. A natureza humana, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e a transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação. (1994, p. 3).

A educação, basicamente, consiste na formação do caráter, no treino de habilidades, na aquisição de conhecimentos, no desenvolvimento de poderes intelectuais e no cultivo da sensibilidade, segundo Hacker (2010).

Há uma necessidade premente de alterar a cultura predominante, pois, por exemplo, vive-se da ilusão de que a felicidade está no consumir, em detrimento do compartilhar. Alvim dá uma verdadeira aula em sua dissertação: *A relação do homem com o trabalho na contemporaneidade: uma visão crítica fundamentada na Gestalt-terapia*, como se lê:

A vida passa a ser marcada pela exterioridade e pela ilusão. Essa é a essência da sociedade do espetáculo de Guy Debord. Nosso tempo é marcado pela preferência da imagem em detrimento do original e pela preferência da aparência ao ser. (2006, p. 13).

Já La Taille (2009) afirma que o jovem é fruto de sua infância e, se houver preocupação com o jovem, é necessário cuidar das crianças.

Predomina um ambiente de isolamento com o qual nos deparamos na dinâmica da retroflexão. Ela abarca uma animação que simula uma parada, um “vacilar” que evita o movimento espontâneo e fluído do organismo no encontro com o ambiente. Em outras palavras, é preciso encontrar respaldo nas convicções desenvolvidas na sociedade, nos outros. Crema (1985) ressalta a origem do termo: “Retroflexo, do latim *retroflexum*, significa o que se curva, que se dobra para trás: retro-flexão.” O direcionamento para trás demonstra que o que estava dirigido ao mundo retorna ao lugar de onde partiu – é a pessoa que age. Assim, Crema (1985) sugere deliberar a retroflexão em suas duas variantes: a) fazer em mim mesmo o que eu gostaria de fazer com o outro ou com o mundo; b) fazer em mim mesmo o que eu gostaria que o outro ou o mundo me fizesse.

Sem uma formação ética, os alunos, quando chegam ao Ensino Superior, geralmente, não admitem não entender de ética, muito embora não saibam nem estabelecer a diferença entre ela e a moral.⁴³ O fato é que fica difícil admitir a ignorância deles acerca do assunto, já que a sociedade cobra muito nessa direção, nos dias atuais. Assim, pensam que suas experiências pessoais já devem ter-lhes dado o conhecimento básico, necessário para enfrentar a vida. Crema explica muito bem como se dá esse processo:

⁴³ Experiência do autor como professor universitário.

O contato é percebido como perigoso e, portanto deve ser evitado. A pessoa acaba fazendo tudo consigo mesma, tornando-se um *self-service* de si mesma. A função primária da retroflexão é impedir que a pessoa faça o que quer fazer; a ação que se quer completar com o mundo volta-se para si mesma; o contato com passa a ser autocontato. E, pela falta do intercâmbio com o externo, não há alimento real; nada acontece de novo, a não ser a infundável masturbação interna, como no caso do narcisismo. (1985, p. 84).

Por fim, Rousseau (1992) já afirmara que o homem nasce fraco e necessita de força; as pessoas nascem desprovidas de tudo; dessa forma, têm necessidade de assistência; e que o homem nasce estúpido o que torna fundamental o entendimento.

7 A FORMAÇÃO ÉTICA E ATITUDES

Antes de toda reflexão ou diálogo com qualquer autor sobre essa fundamental competência denominada *atitude*, é preciso esclarecer que este capítulo tem um objetivo diverso dos demais. Os outros capítulos se propuseram a construir, desde o contexto, fixando uma problemática e construindo as bases estruturais de uma proposta revolucionária, ou que se reporta à *Paideia*, especificamente quanto à necessidade e à oportunidade de proliferação da virtude na cultura das nossas sociedades.

Então, se os demais capítulos já tentaram cumprir sua função para o propósito deste trabalho, *qual é o sentido dessa inserção das atitudes* é a pergunta que surge em decorrência dessa afirmativa. A resposta é categórica no próprio sentido do significado da palavra *atitude* que, aqui, se buscará esclarecer. É no sentido de não deixar toda reflexão, argumentação e conclusão que foram aqui elaboradas, deitadas na pilha das produções de conhecimentos produzidos e esquecidos, tal como ocorre mundo afora, na maioria das vezes. Será que a maior parte desses novos conhecimentos produzidos é tão insignificante assim? Então, pode surgir outra pergunta: mas que ousadia é essa?

Este capítulo trará depoimentos de experiências vivenciadas pelo autor, além de diálogos com os mais diversos autores, muitos dos quais consagrados nos meios acadêmico e profissional, especialmente na área administrativa, para, obviamente, demonstrar o imenso significado e a importância da *atitude*. O que se pretende demonstrar é a importância de a educação também começar a tratar a *atitude*, notadamente quanto às questões éticas, na medida em que se desenvolvam competências para colocar em prática a teoria. Servirá para qualquer situação, mas sua exposição, no fim deste trabalho, demonstrará e procurará inspirar ações para efetivar algumas ideias aqui refletidas, especificamente sobre a *virtude cidadã* e sua inclusão nos processos educativos. A intenção, como já foi dito em outras palavras, é inspirar e provocar ações nessa direção. Não custa muito investir alguma energia nesse sentido. Talvez, possa até ser algo fundamental para concretizar as ideias, para efetivar os pensamentos elaborados, trazendo-os para a vida prática.

7.1 Os três mundos

É preciso deixar claro que as afirmativas que seguem são de cunho pessoal, concluídas a partir de experiência pessoal, para, na sequência, encontrar, em nos mais diversos autores, consistência e fundamento para tais questões.

Assim, é o autor quem visualiza claramente e de forma muito bem distinta, primeiro o mundo das ideias e, depois, outro muito bem-caracterizado, que é o mundo onde as coisas acontecem. Essa visualização parece ser comum e, portanto, é vista por todos. Mas entre o primeiro mundo e o outro, citados anteriormente, há um terceiro mundo – um espaço no tempo onde atua uma energia muito forte de forma proativa, a qual torna materializadas as ideias. Platão e Sócrates, dentre outros aspectos, discutiriam se essa força idealizadora não seria a própria divindade em ação, ou ao menos, a sua interferência. Muito pouco é extraído do mundo das ideias para o mundo onde as coisas acontecem. Primeiramente porque são muitas, infinitas ideias, e, em segundo, porque são poucos, muito poucos os que conseguem executar o que pensam e o que idealizam. É exatamente por isso que é possível adjetivar esse terceiro mundo como mágico, reservado apenas a pessoas-líderes. Parece que, em boa parte dessas pessoas diferenciadas, ou seja, com esse poder transformador, tem esse dom como algo inato.

Por outro lado, é difícil, mas não é impossível acreditar que é admissível, também, desenvolver essa habilidade. Aliás, a ética (como um grande campo a ser explorado pelos processos educativos), poderia se encarregar, em alguma disciplina exclusiva, de abordar e incentivar esse desenvolvimento, até porque se poderia afirmar tratar-se de uma questão de ética com o próprio *eu*, e que, inevitavelmente, contagiaria todos. Outro aspecto para justificar a ética em se tratando disso, é o fato de que, sendo um poderoso instrumento transformador, é conveniente que esse ramo cuide disso. Sobram exemplos, na história, de líderes negativos com imenso poder de execução, provocando tragédias à humanidade.

Esse terceiro mundo é muito pouco tratado. Será que é porque ele é reservado a uma minoria? A maioria das obras trata da atitude como sendo um ou alguns processos de gestão, quer seja pessoal ou profissional, mas se limitando a isso. Obviamente, não cabe aqui nenhuma crítica à ciência administrativa, à ciência que trata do comportamento e da gestão humana. O fato é pontualmente este: não basta haver processos muito bem-elaborados, explicando todos os passos de forma

meticulosa, etc. A própria aplicabilidade desses processos depende dessa energia mágica, diferenciada, que acaba por transformar ideias e objetivos em ação, em coisas práticas, palpáveis e efetivamente realizáveis.

Weber, em sua obra *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais* observou que

a característica do caráter político-social de um problema é precisamente que ele não pode ser resolvido com base em considerações basicamente técnicas, que critérios de valor reguladores podem e devem ser objeto de controvérsia, porque o problema atinge a região das questões gerais da cultura. (1985, p. 17).

O fato é que essa energia mereceria uma maior atenção, para que seu estudo pudesse produzir algumas conclusões ou questões para enriquecer esse debate.

7.2 A fórmula para medir competências

Na área da administração, quer seja na academia, quer seja no próprio meio empresarial, a fórmula internacionalmente difundida para se medir as competências é denominada de CHA, ou seja, as iniciais de *conhecimento*, *habilidade* e *atitude*. Mais precisamente, as competências de um profissional é a medida resultante da soma de cada uma dessas competências individuais, conforme fórmula apresentada na figura 2.

Figura 2 – Fórmula tradicional das competências

$$C + H + A$$

Fonte: Idealizada pelo autor.

Não se tem aqui a informação precisa desde quando se convencionou isso, mas vem de décadas, certamente. Pelo tempo em que ela foi formulada, sem a menor dúvida, a fórmula está desatualizada. A prática, a realidade e as necessidades atuais dão conta de que a *atitude* tem um peso muito mais significativo do que o *conhecimento* e a *habilidade*, porque ela pode alavancar tudo, inclusive a própria busca de *conhecimentos* e *habilidades*. Talvez até se pudesse

somar os dois primeiros para, depois, multiplicar pelas *atitudes*, tal é o grau de importância de que a competência individual se reveste.

A existência de inúmeros empresários de sucesso sem formação acadêmica, mas com uma energia além do normal, justifica a performance, algumas vezes até extraordinárias. Essa energia move a atitude ou é a atitude que se torna energia? Bem, deixando de lado a polêmica acerca do que veio primeiro: o ovo ou a galinha, o fato é que a atitude é um fator decisivo para esses casos de desempenho formidáveis.

Outro fator que destaca a importância da atitude é o fato de a maioria das pessoas não ter essa competência destacada. Grande parte das pessoas tem ideias, algumas vezes, boas ideias. Mas é fato consumado e de conhecimento geral, que para a maioria absoluta das pessoas falta iniciativa, ou seja, atitude. Resultado? As ideias acabam desaparecendo e, no fim, na prática, é como se não tivessem existido.

Pois bem, considerando o significado e as infinitas possibilidades da atitude, a fórmula atualizada para medir as competências profissionais ficaria de acordo com a figura 3, onde a *atitude* teria um peso 6, enquanto o *conhecimento* e a *atitude* teriam peso 2 cada uma. É claro que os critérios para o estabelecimento desses pesos são subjetivos, mas plenamente compreensíveis dada a realidade e suas necessidades. Assim, mesmo sendo subjetiva, a fórmula dificilmente terá grandes contestações. O que não existe é a menor dúvida de que o peso das *atitudes*, para a realidade e as necessidades atuais, mais do que nunca, é maior, bem maior que para as demais competências.

Figura 3 – Fórmula atualizada das competências

$$C^2 + H^2 + A^6$$

Fonte: Idealizada pelo autor.

Se considerarmos a evolução da ética no mercado, especialmente pelo próprio movimento de cidadania, com o consequente aumento dos direitos do consumidor, seria necessário mais uma atualização, agora considerando a própria ética como uma competência. Nesse movimento, o próprio mercado passa a exigir um comportamento ético e sustentável das empresas. Essa também é uma

realidade atual, e os gestores privados e públicos trabalham ainda com a perspectiva de uma intensificação desse quadro. Assim, se poderia fazer mais esse ajuste na fórmula para adequá-la a essa realidade e, em especial, à perspectiva do futuro, acrescentando a ética. Nessa fórmula: o *conhecimento* e a *habilidade* teriam peso 1,5 cada um, enquanto a *atitude* e a *ética* teriam um peso 3,5 cada um.

Figura 4 – Fórmula atualizada das competências incluindo a ética

$$C^{1,5} + H^{1,5} + A^{3,5} + E^{3,5}$$

Fonte: Idealizada pelo autor.

Se há falta de critérios objetivos para respaldar a proposta da fórmula, ao menos ela se destaca na atualidade, e eventuais percepções diferentes não impedem um ajuste nos pontos atribuídos, de acordo com a sensibilidade perceptiva do mercado.

7.3 Fazer acontecer

Lunney (2011) destaca a importância de refletir sobre a relação existente entre inteligência e pensamento, de forma a alcançar o cuidado com a qualidade. Na verdade, essa importância vale para alcançar qualquer resultado, é óbvio. Sá (2004), por sua vez, questiona se já não seria uma imposição natural ampliar os canais de percepção existentes em nós e que estão entorpecidos por todo esse contexto em que a visão predomina. Essa referência diz respeito à imensa limitação visual que o ser humano possui e à necessidade de provocar um rompimento dos paradigmas através de uma percepção mais refinada.

Webber (1985) observa que a capacidade de discernimento entre conhecimento e avaliação e o cumprimento, tanto da obrigação científica de ver a realidade dos fatos, como da obrigação prática de defender seus próprios ideais é com aquilo que se deve voltar a se acostumar com mais força.

Aqui se aprofunda a ideia? A avaliação normativa (que gera imperativos) é uma coisa, a verdade empírica que a ciência procura é outra. Nesta passagem o autor já diz o que entende por ciência. É uma atividade intelectual que busca por ordem aos fenômenos observados – e isto se faz no estabelecimento de relações verificáveis entre eles. (WEBER, 1985, p. 19).

O fazer acontecer é estruturado, basicamente, com atitudes, as quais são precedidas pela iniciativa. Abbagnano (2007) em seu *Dicionário de filosofia*, faz referência ao termo *atitude* como sendo um termo amplamente empregado hoje em dia, em filosofia, sociologia e psicologia, para indicar, de forma geral, a orientação ativa e seletiva do homem em face de uma situação ou de um problema qualquer.

Dewey considera essa palavra um sinônimo de hábito (v.) e de disposição (v.); em particular, parece-lhe que ela designa “um caso especial de predisposição, a disposição que espera prorromper através de uma porta aberta” (Human Nature and Conduct, 1922, p. 41). Lewis, analogamente, diz que na A. o que está presente é captado em seu significado prático e antecipatório, como um indício do que está além, no futuro (An Analysis of Knowledge and Valuation, p. 438). Stevenson utilizou amplamente esse termo para fazer a distinção entre “significado descritivo” e “significado emotivo” das palavras: ter-se-ia o primeiro quando a resposta ao estímulo é um conjunto de processos mentais cognoscitivos e o segundo, quando a resposta ao estímulo é um determinado impulso para a ação. Stevenson chama de A. o impulso para a ação que, não se sabe por que, é qualificada de “emotiva”, mas acha difícil demais definir precisamente a A. e, por isso, assume-a no significado mais genérico de disposição para a ação (Ethics and Language, 1950, p. 60). Uma delimitação não mais exata de significado, de resto concordante com os comentários acima citados, é dada por Richards, que considera as atitudes como “atividades imagísticas e incipientes, ou tendências para a ação” (Princ. of Literary Criticism, 1924; 14a. ed., 1955, p. 112). (ABBAGNANO, 2007, p. 89).

Dá para perceber, nas mais diversas interferências dos autores, uma clara tendência de definir *atitude* e o que mais diz respeito ao seu significado, numa variação entre ciência e espiritualidade (quando se refere a ela como um *impulso*, por exemplo). Note-se que não se pretende defender a vinculação da atitude ao plano divino ou o contrário. O que se está analisando é sua extrema importância, o seu absoluto significado como predicado máximo da existência das coisas, talvez do próprio mundo.

Também, aqui, não se abordará o aspecto pedagógico, no sentido de ser viável o aprendizado para desenvolver a capacidade de aplicar atitudes ou não, posto que, como indaga Paiva, de modo geral, sobre a aprendizagem

o que influenciará, na realidade, os resultados de aprendizagem? Os comportamentos disruptivos dos alunos? O autoconceito do próprio aluno? O tempo utilizado no seu estudo diário? O seu in(sucesso) ao longo da sua vida acadêmica? As metas de estudo? Por certo todos, mas em que medida? (2009, p. 5).

Bossidy et al. (2002) dizem que executar faz parte das metas e da estratégia, sendo o elo perdido entre aspirações e resultados. Como tal, é um dos mais importantes trabalhos, se não o mais importante trabalho de um líder. Os resultados é que medem a maestria profissional. Assim, desculpas ou explicações o mercado não tolera. O que conta, efetivamente, é a capacidade de realização, seja por uma energia inata, seja pela autodisciplina e determinação ou por ambas. O que vale é o fazer acontecer. Bossidy et al. (2002) orientam que executar nunca fará parte do lado tático do negócio, muito embora as táticas sejam a parte central da execução.

Embutido no processo de execução, a necessidade de tomar decisões é uma constante. Na área da ciência administrativa, é um fato totalmente disseminado e amplamente reconhecido que a capacidade de decisão é fundamental, pois a todo momento isso será necessário. Na vida pessoal, ou seja, na gestão dos interesses de cada um, isso não é diferente em nada. Lacombe (2009) é taxativo ao afirmar que uma das principais qualidades do administrador é ter competência para tomar decisões, pois não existem decisões perfeitas. É a habilidade do gestor em avaliar as alternativas e ter a visão sistêmica adequada para escolher uma opção, que deverá ser a mais vantajosa. Isso é uma das principais diferenças que marcam entre a qualidade profissional de cada administrador. Um profissional indeciso jamais será um administrador.

Vargas define atitude como sendo

uma “disposição mental” do indivíduo que afeta a sua forma de agir e pensar, constituída por três dimensões: a cognitiva (as crenças e racionalizações da pessoa que explicam a manutenção da atitude); a afetiva (os aspectos emocionais, como gostar, não gostar, aversão ou afeição que levam a pessoa a aproximar-se ou afastar-se do objeto da atitude); e a comportamental (correspondente a um grau de preparação do indivíduo para agir conforme a atitude que defende). (2005, p. 73, grifo do autor).

O que leva uma pessoa a tomar uma atitude, a decidir, a fazer acontecer, necessariamente, deveria estar fundamentado em princípios como o de Maslow (2001) da Terceira Força (também conhecida como “Psicologia Humanística”), mais precisamente na filosofia que ele pregou. Seu intuito era ajudar e desenvolver a capacidades humanas de compaixão, criatividade, ética, amor, espiritualidade, dentre outras. Maslow afetou sobremaneira a teoria gerencial, o desenvolvimento organizacional, a educação, a assistência à saúde, a ciência e a psicologia, as leis

do lucro (a qualquer preço), pois parecem estar vencendo em todos os campos. Nas empresas, são de domínio público os procedimentos inescrupulosos, as corrupções, etc. que têm permeado o dia a dia das organizações. A educação deixada em boa parte para o mercado tem deturpado seus princípios.⁴⁴ A nota de rodapé n. 46 e a figura 5 ilustram perfeitamente essa questão. A propósito do Edital Público que compõe a figura 5, se um governo se rende ao mercado, então, para que serve um governo?

Figura 5 – Edital de concurso público no Município de Vila Rica

Município de Vila Rica
ESTADO DO MATO GROSSO

**Arquivo atualizado conforme: Retificação I, de 15 de fevereiro de 2012*

EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO N.º 001/2012

Operador de Escavadeira Hidráulica	01	Ensino Fundamental Incompleto (Nível 5º ano, antiga 4ª série)	1.291,98
Operador de Máquina de Esteiras	02	Ensino Fundamental Incompleto (Nível 5º ano, antiga 4ª série)	1.291,98
Operador de Motoniveladora	02	Ensino Fundamental Incompleto (Nível 5º ano, antiga 4ª série) e Carteira Nacional de Habilitação - CNH categoria "D" ou superior	1.291,98
Torneiro Mecânico	01	Ensino Fundamental Completo	1.291,98

Nível Superior na Área de Educação			
Professor de Matemática	03	Ensino Superior/Licenciatura Plena em Matemática ou em Ciências com habilitação em Matemática	1.246,32
Professor	04	Ensino Superior/Licenciatura Plena em Pedagogia	1.246,32
Professor de Geografia	01	Ensino Superior/Licenciatura Plena em Geografia	1.246,32
Professor de Português	01	Ensino Superior/Licenciatura Plena em Letras	1.246,32

Fonte: Internet (2012).

Enquanto o mercado produz atrocidades para a humanidade, por outro lado, provoca uma evolução profissional, no sentido do fazer acontecer. A necessidade tem sido enorme no sentido de haver iniciativas para a atitude. Sobre isso o próprio Maslow já comentava:

Todas as eras que não a nossa tiveram o seu modelo, seu ideal. Mas nossa cultura abriu mão de tudo isso; o santo, o herói, o cavaleiro, o cavaleiro, o místico... Talvez, em breve, possamos usar como nosso guia e modelo o ser

⁴⁴ Anhanguera realiza demissão em massa de professores mestres e doutores. Disponível em: <<http://www.posgraduando.com/pos-graduacao/anhanguera-realiza-demissao-em-massa-de-professores-mestres-e-doutores>>. Acesso em: 16 fev. 2012.

humano em total crescimento e em processo de auto-realização. Um ser humano cujas potencialidades estão alcançando o total desenvolvimento, cuja natureza interna se expressa livremente... (2001, p. 21).

Na obra *Os Anacletos* Confúcio relatou que Tzu-chang dissera:

Se um homem não consegue se agarrar à virtude com todas as suas forças nem acreditar no Caminho com todo o coração, como se pode dizer que ele tem alguma coisa, ou que não tem nada? Pode-se, talvez, ficar satisfeito com um cavalheiro que em face do perigo esteja pronto a sacrificar a própria vida que, à vista de um benefício a ser obtido, não esquece do que é certo e que, durante um sacrifício, não esquece a reverência, nem a dor enquanto de luto. (2009, p. 226).

O processo decisório, geralmente, possui componentes e alternativas que, invariavelmente, o tornam complexo. Há o aspecto da escolha e o das consequências. Além disso, decidir envolve agradar e desagradar interesses e pessoas. Portanto, há a necessidade de possuir uma estrutura emocional forte para arcar com as consequências, tanto boas como ruins. Ter a sensibilidade para decidir na hora certa é outro aspecto fundamental. Decidir não tolera titubeios, protelações, procrastinações. Pior do que decidir errado é não decidir.

Muito embora haja intrincadas situações típicas desse processo decisório, o habilidoso o enxergará de forma simples. Allen (2008) expõe que a verdade é extremamente simples, não admite complexidade, voltas, nem qualificação. Quem já não percebeu que as ideias mais geniais são as profundamente simples?

7.4 Como fazer acontecer

Ao proceder para fazer a escolha das escolhas, multiplicam-se geometricamente os desafios. Como fazer para que uma boa ideia – tal como a que este trabalho defende: melhorar as pessoas – melhore a vida, aumentando o sentimento de felicidade entre as pessoas? Se a proposta é tão boa assim, porque nunca ninguém pensou nisso? E se pensou por que não implementou? Por que não fez acontecer?

Talvez essa proposta seja inédita. Difícil é assegurar, muito embora a intenção seja produzir um novo conhecimento, de acordo com a própria metodologia planejada para um mestrado.

Seja como for, parece ser público e notório que o mundo gira em torno do poder financeiro. A realidade é esta: tudo está abaixo desse poder. Assim, a tendência é que a maioria das decisões seja decorrente dessa premissa. Por enquanto nenhuma novidade. Mas será que eventualmente algum idealismo não poderia vencer e romper essa realidade e provocar o início de uma profunda mudança cultural? Não se imagina que exista uma falta de recursos para essa proposta se transformar num projeto e vir para o mundo real. Aliás, não importa quantos recursos existiram se o homem não souber utilizá-los adequadamente. Sempre serão insuficientes.

A metodologia pedagógica da disciplina “Ética” proposta poderia prever avaliações de comportamento por parte de toda a comunidade escolar e da acadêmica, de forma que a cobrança no sentido de uma postura refinada, já comece a ser colocada em prática, concomitantemente com o aprendizado dos seus conceitos. O principal estímulo sempre será a compreensão de que esse é o caminho verdadeiro para o sucesso na sua forma mais legítima – a felicidade.

Não é preciso lembrar que os efeitos educacionais demandarão tempo para transformar a realidade, pois essa é uma característica inerente e, comum, portanto, aos processos educativos. Porém, só de imaginar os netos, os bisnetos e, especialmente, os tataranetos vivenciando um mundo mais próximo do *ser* do que do *ter* deveria provocar um arrepio inspirador nas pessoas que possuem o poder para fazer isso acontecer.

8 CONCLUSÃO

Após esse diálogo com os 6 capitais autores, conforme as referências principais, e com mais de noventa articulistas, de acordo com as referências complementares, desenhou-se uma proposta inovadora e que pode contribuir com a educação.

Um mundo onde as pessoas estejam mais próximas da virtude, onde o padrão ético seja bem maior do que o atual parece utópico frente ao contexto atual. Com o que foi visto neste trabalho é possível sonhar e imaginar o anúncio de medidas transformadoras na educação, de forma a privilegiar uma proposta nessa direção.

Sem nunca omitir a dualidade dessa existência e, por conseguinte, admitindo que a presença do mal sempre existirá, se demonstrou que, mesmo assim, é possível se aproximar de um padrão de felicidade. Ela não irá transformar todas as pessoas, já que sempre haverá bandidos e criminosos. Mas, também nisso, é possível afirmar que o número deles, irá diminuir, na medida em que a cultura se modificar. As pessoas continuarão nascendo e, num certo momento, as crianças encontrarão um mundo onde as pessoas serão benevolentes, onde a compaixão estará realmente presente e onde o bem predominará em detrimento do mal. Se isso for a normalidade, a tendência é que seu comportamento seja o de seguir o mesmo padrão que encontrou. Isso é totalmente consequente e previsível, e a maior prova disso somos nós mesmos, na medida em que repetimos a maioria dos pensamentos, das palavras e das atitudes que herdamos, desde o nascimento, da chegada a esse plano e dimensão.

O debate com os autores passou inicialmente pela análise do contexto atual e foi visto o baixo padrão ético e o consequente problema daí decorrente, que é a predominância da infelicidade na vida das pessoas. Discutiu-se amplamente a virtude, desde a *Paideia* até os dias atuais e se verificou a sua ausência. Na maioria das vezes, há uma enorme distorção quanto ao sentido de virtude, sendo transferida para o poder e para os bens materiais. Com isso, se estimula o apego. Apego a fatos e a coisas irreais em termos de virtude. E, na maioria das vezes, o ser humano não tem o poder e os bens que desejaria e, por isso, sofre. Foi possível deduzir que

da virtude brota uma energia que, se não for ela própria, está muito próxima da essência divina.

Com o contexto mais presente e com as facetas da virtude muito bem-exploradas, chegou-se ao poder extraordinário do verbo pronunciado, numa alegoria à própria criação divina do Universo, tal é a capacidade transformadora que a fala contém em seu cerne. Exatamente pelo seu poder é que houve a preocupação de alinhá-la na sequência com a virtude, já que é possível utilizá-la para o bem e para o mal, objeto da própria ética que se passou a debater.

Também uma análise desde a *Paideia* proporcionou escancarar, dentre outras questões, em especial, o seu objetivo – a felicidade. Independentemente de considerá-la já uma ciência ou não, o fato é que a grande maioria das pessoas ignora ou menospreza a capacidade de atingir esse objetivo, através dela própria. E o outro significativo encontro foi com o fato de que as pessoas, muitas vezes, agem inconscientemente sem ética.

O registro da importância e do significado da cidadania foi outro diálogo produtivo, no sentido de que a proposta de aplicabilidade da ética como disciplina a afetará diretamente. A propósito, foi visto que a palavra *cidadania* não é um termo estanque.

Todas essas análises conduziram à importância da virtude e da ética, transformando-se num verdadeiro caminho para a excelência em educação, como um claro “fio condutor” dessa conclusão.

Vistas essas questões elementares, foi possível dialogar com uma proposta efetiva ao discorrer sobre os processos educativos, desde a ótica de Platão até os dias atuais. O quadro 4 apresenta uma tendência evolutiva das diversas situações negativas, e o vetor básico da ética aponta para uma melhoria geral no comportamento humano.

Para não ficar apenas na contemplação de toda essa reflexão, o trabalho encerra demonstrando a preciosidade e a profundidade que há no fazer acontecer – a atitude – para provocar nas ou inspirar as pessoas a se mobilizarem com a proposta. Essa energia é um predicado para poder fazer acontecer e fazer a diferença. O fato é que o mercado, hoje, mais do que nunca, valoriza de forma diferenciada essa competência.

Será que essa energia mágica do fazer acontecer não poderá se concentrar nas pessoas que detêm o poder, de modo que não só qualifiquem a educação

pública e particular, mas que ousem provocar essa alteração, incluindo a ética como disciplina obrigatória desde o Ensino Fundamental? A demonstração da sua imensa utilidade e da possibilidade de provocar uma revolução, a ponto de modificar a própria cultura e, em decorrência, de causar uma revolução positivista na espécie humana, está feita. Quem se habilitaria a fazer isso acontecer? Será que algo assim somente aconteceria através de movimentos populares? Ou, quem sabe, melhorando a questão: alguém teria coragem de assumir isso?

Allen (2007) discorre abundantemente sobre o poder do ser humano, dotado de inteligência e de amor, revelando que, quando o homem domina seus pensamentos, detém a faculdade para resolver tudo. Ele se refere a uma capacidade transformadora e regeneradora que possibilita ao homem tornar-se o que se deseja.

Sobre a verdade, Allen (2008) diz que para encontrá-la, conhecê-la e realizá-la, é preciso o sacrifício de renunciar a tudo, porque a verdade somente poderá ser percebida e conhecida no momento em que tiver sido eliminado o último vestígio do *eu*.

Aqui se elaborou um convite para os investidores elegerem a alma como a principal aplicação. Aqui se construiu um apelo para redefinir o valor da amizade, para trazer para o presente a compaixão, eleger como o principal *marketing* a verdade, cuidar do Planeta como uma extensão do próprio corpo, buscar a transparência de tudo, especialmente do ar e da água, refinar os pensamentos, alargar o sorriso, apertar os laços que entrelaçam os nossos relacionamentos, abraçar mais, beijar mais, fazer da gentileza um predicado de comportamento, ampliar o nível de tolerância, eliminar qualquer tipo de discriminação e, mais do que tudo, amar. Descobrir ou redescobrir que amamos todas as pessoas, fazendo desse discernimento a principal razão para amar tudo e todos, iniciando uma compreensão de que o ser humano tem o mesmo valor e importância dos demais componentes da vida. Da mesma forma como fomos capazes de acabar com a escravidão humana, haveremos de eliminar a escravidão animal, vegetal e mineral.

Pretendeu-se que esta reflexão pudesse vir a contribuir para o surgimento de atitudes efetivas na direção da valorização real da educação. Maslow (2001) abriu mão da viabilidade de melhorar o mundo, de melhorar o ser humano por meio da psicoterapia individual e se voltou para a educação como sendo uma maneira de abranger todas as pessoas.

Historicamente, a educação tem tido algumas dificuldades para sair dos discursos para a prática. Quando consegue, nem sempre chega ao cidadão da forma como deveria. O próprio ensino técnico, mesmo sendo interessante e útil, existe para atender mais aos interesses capitalistas do que à própria educação em si. Desse modo, a sua utilidade é parcial.

Será que chegará o momento em que resgataremos nossa dignidade divina, e que ninguém mais conseguirá nos induzir a valorizar coisas fúteis como o materialismo, o *status*, o poder e tudo que o mercado distorceu? Sim, essa é uma pergunta, talvez a mais crucial sobre o tema deste trabalho.

Se acontecer, será um novo tempo: o Sol nascerá e brilhará para todos, indistintamente, aquecendo e iluminando as almas.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 2007.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985. p. 20.
- ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- ALLEN, James. **Da pobreza ao poder**. São Paulo: Pensamento, 2008.
- _____. **Somos o que pensamos ser**. São Paulo: Universo dos Livros, 2007.
- AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: M. Claret, 2009.
- AUDI, Robert. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Paulus, 2006.
- AUSTIN, J. L. **How to things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- _____. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AVELINE, Carlos Cardoso, 2006. **O poder da palavra**. 2006. Disponível em: <<http://www.filosofiaesoterica.com.br>>. Acesso em: 25 dez. 2010.
- BAZERMAN, Max H. **Antiético, eu?** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. de Domingos Zamagna et al. São Paulo: Vozes, 1982.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOMBASSARO, Luiz Carlos; PAVIANI, Jayme (Org.). **Filosofia, lógica e existência**. Caxias do Sul: Educ, 1997.
- BOSSIDY, Larry; CHARAN, Ram; BURK, Charles. **Desafio: fazer acontecer**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Edunesp, 1999.

CARNEGIE, Dale. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**. 45. ed. Rio de Janeiro: Nacional, 1981.

CÍCERO, Marco Túlio. **Da República**. Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 2001.

CIRNE-LIMA, Carlos R. V. **Dialética para principiantes**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

CLOUD, Henry. **A lei da felicidade**: como sabedoria espiritual e a ciência moderna podem mudar a sua vida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

COELHO, Marcio. **A essência da administração**: conceitos introdutórios. São Paulo: Saraiva, 2008.

CONFÚCIO. **Aprendendo a viver com Confúcio**: como o sábio chinês ajuda a enfrentar os desafios da vida moderna. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. **Os Anacletos**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

COOPER, Robert K. **Inteligência emocional na empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CREMA, Roberto. **Análise transaccional centrada na pessoa... e mais além**. São Paulo: Ágora, 1985.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas: Papyrus, 1999.

_____. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. 5. ed Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

EDVINSSON, Leif. **Longitude corporativa**: navegando pela economia do conhecimento.

EPICTETO. **A arte de viver**: uma nova interpretação de Sharon Lebell. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

FARIA, Maria do Carmo B. de. **Direito e ética**: Aristóteles, Hobbes, Kant. São Paulo: Paulus, 2007.

FOLEY, Michael. **A era da loucura**: como o mundo moderno tornou a felicidade uma meta (quase) impossível. São Paulo: Alaúde, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: M. Fontes, 2007.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Edunesp, 2000.

GOLDBERG, Elkhonon. **O paradoxo da sabedoria**. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

HACKER, P. M. S. **Natureza humana**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HEGENBERG, Leônidas. **Saber de e saber que**: alicerces da racionalidade. Petrópolis: Vozes, 2001.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 1994.

JUDGE, William Q. **Letters tha have helped me**. Los Angeles: The Theosophy, 1946.

KANT, Emmanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: M. Claret, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

KOCH, Richard. **Princípio 80/20**: o segredo de se realizar mais com menos. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

KRAUT, Richard. **Aristóteles**: a Ética a Nicômaco. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Yves de. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LACOMBE, Francisco José M. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Saraiva, 2009.

LUNNEY, Margaret et al. **Pensamento crítico para o alcance de resultados positivos em saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MAcINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude**. Bauru: Edusc, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Claret, 2009.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de ética**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

MASLOW, Abraham H. **Maslow no gerenciamento**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Trad. de Jonas Pereira dos Santos. PSY II, 1995.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

MOSER, Paul K.; MULDER, Dwayne H.; TROUT, J. D. **A teoria do conhecimento**: uma introdução temática. 2. ed. São Paulo: WMF; M. Fontes, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

NODARI, Paulo César. **Sobre ética**: Aristóteles, Kant e Levinas. Caxias do Sul: Educs, 2010.

OLIVEIRA, M. A. de. **Ética e práxis histórica**. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Silvério da Costa. **Kant & Piaget**: inter-relação entre duas teorias do conhecimento. 2. ed. Londrina: Eduel, 2004.

PAIVA, Maria Olímpia A. de. **A dinâmica do autoconceito na disrupção escolar**: um estudo com alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade do Minho, Braga, 2009.

PERELMAN, Ch. **The poetics of the Biblical Narrative; ideological literature and the drama of reading**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PLATÃO. **Górgias e a oratória**. São Paulo: Difel, 1986.

_____. **As Leis**. São Paulo: Edipro, 1999.

_____. **Fedro**. São Paulo: M. Claret, 2004.

_____. **Diálogos II**: Górgias (ou da retórica), Eutidemo (ou da disputa), Hípias maior (ou do belo), Hípias menor (ou do falso). Bauru: Edipro, 2007.

_____. **Diálogos V**: o banquete, Mênon (ou da virtude), Timeu, Crítias. Bauru: Edipro, 2010.

- RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. Lisboa: Fundamentos, 1993.
- ROBLE, Odilon. **Escola e sociedade**. Curitiba: Iesde Brasil, 2008.
- ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- SÁ, Sérgio. **Feche os olhos para ver melhor**: os limites dos sentidos e os sentidos dos limites. São Paulo: Sá, 2004.
- SINGER, Peter. **Ética prática**. São Paulo: M. Fontes, 2002.
- SOUZA, Hélio José dos Santos. **O problema da motivação moral em Kant**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela “escola da vida”. 2008. Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- TEIXEIRA, Antonio Carlos. **Como criar felicidade**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.
- TUGENDHAT, Ernst. **Lições sobre ética**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VARGAS, Ricardo. **Os meios justificam os fins**: gestão baseada em valores: da ética individual à ética empresarial. São Paulo: Pearson, 2005.
- VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002.
- VÁZQUEZ, Adolfo S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VIROLI, Mauricio. **O sorriso de Nicolau**: história de Maquiavel. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1985.
- WEILL, Pierre. **A arte de viver em paz**: por uma nova consciência, por uma nova educação. São Paulo: Gente, 1993.
- WINCK, Otto Leopoldo et al. **Fundamentos filosóficos da educação**. Curitiba: Iesde Brasil, 2009.

Referências da internet

ANHANGUERA realiza demissão em massa de professores mestres e doutores. Disponível em: <<http://www.posgraduando.com/pos-graduacao/anhanguera-realiza-demissao-em-massa-de-professores-mestres-e-doutores>>. Acesso em: 16 fev. 2012.

AS 10 SEITAS mais malucas do mundo. Disponível em: <<http://hypescience.com/as-10-seitas-mais-malucas-do-mundo/>> Acesso em: 2 fev. 2012.

ASIMOV, Isaac. **The relativity of Wrong.** 1998. Disponível em: <<http://home.earthlink.net/~dayvdanls/relativity.htm>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

ESTRESSE S.A. Disponível em: <<http://br.hsmglobal.com/notas/45421-estresse-sa>>. Acesso em: 6 jun. 2010.

FUNCIONÁRIO da France Télécom imola-se pelo fogo. Disponível em: <<http://quemtemmedodademocracia.com/2011/04/27/suicidios-em-massa-na-franca/>>/ Acesso em: 2 fev. 2012.

HSM MANAGMENT. Disponível em: <<http://br.hsmglobal.com/notas/51281-brasil-tera-uma-empresa-cada-24-habitantes-em-2015>>. Acesso em: 10 out. 2009.

IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/series_estatisticas/exibedados.php?idnivel=BR&idserie=IND03101>. Acesso em: 16 maio 2010.

ÍNDIA: Monsanto, suicídios em massa e desestruturação do setor rural. Disponível em: <<http://www.luizprado.com.br/2011/01/02/india-adaptacao-as-mudancas-climaticas-e-omissao-na-formulacao-de-politicas-de-seguranca-alimentar/>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

KUPFER, Pedro. **O que é o mantra OM?** 2011. Disponível em: <<http://www.jardimdoयोगa.com.br/novo/?p=413>>. Acesso em: 17 jan .2012.

<http://www.ibge.gov.br/series_estatisticas/exibedados.php?idnivel=BR&idserie=IND03161>. Acesso em: 16 maio 2010.

<http://www.ibge.gov.br/series_estatisticas/exibedados.php?idnivel=BR&idserie=POP05>. Acesso em: 16 maio 2010.

PLATÃO. **Método de ensino:** o método de ensino no estado ideal de Platão. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/academia/academi a4.htm>>. Acesso em: 23 dez. 2011.

SEBRAE. Disponível em: <<http://www.sebraesp.com.br/noticias/6165>>. Acesso em: 16 maio 2010.

<[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/7AD0E246A190AB9B832574DC00486EB2/\\$File/NT000390A2.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/7AD0E246A190AB9B832574DC00486EB2/$File/NT000390A2.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2010.

VOLTAIRE. Dicionário filosófico Voltaire (1764). MORAES, Ridendo Castigat editor. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/filosofico.html>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Stakeholder>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

<http://www.merkatus.com.br/10_boletim/maSLOW.gif>. Acesso em: 6 jun. 2010.

FOLHA ONLINE. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u35062.shtml>>. Acesso em: 26 maio 2010.

MUNDO ESTRANHO. Disponível em: <<http://bit.ly/afNyd8>>. Acesso em: 27 maio 2010.

PARANAONLINE. Disponível em: <<http://bit.ly/bBzJz3>>. Acesso em: 27 maio 2010.

SORGE, Márcio. Reflexões sobre música e consciência. 2011. Disponível em: <<http://www.gnosisonline.org/misterios-da-musica/reflexoes-sobre-musica-e-consciencia/>>. Acesso em: 23 dez. 2010.